

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM TEOLOGIA

CELIA DA COSTA SANTOS

A ESPIRITUALIDADE PARA A COMUNIDADE SURDA NA IGREJA CATÓLICA

São Leopoldo

2024

CELIA DA COSTA SANTOS

A ESPIRITUALIDADE PARA A COMUNIDADE SURDA NA IGREJA CATÓLICA

Trabalho Final de Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Teologia
Área de Concentração: Religião e
Educação
Linha de Atuação: Leitura e Ensino da
Bíblia

Orientador: Júlio César Adam

São Leopoldo

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S231e Santos, Celia da Costa

A espiritualidade para a
comunidade surda na Igreja Católica / Celia da Costa
Santos; orientador Júlio César Adam. – São Leopoldo:
EST/PPG, 2024.

105 p. ; il., ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) –
Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação.
Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2024.

1. Igreja Católica. 2. Espiritualidade. 3.
Pessoas com deficiência. 4. Surdos. 5.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

CELIA DA COSTA SANTOS

A ESPIRITUALIDADE PARA A COMUNIDADE SURDA NA IGREJA CATÓLICA

Trabalho Final de Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Teologia
Área de Concentração: Religião e
Educação
Linha de Atuação: Leitura e Ensino da
Bíblia.

Data de Aprovação:

Júlio César Adam – Doutor em Teologia – Faculdades EST

Charles Klemz - Doutor em Teologia – Faculdades EST

Carolina Comerlato Sperb - Doutora em Educação - UFRGS

Dedico esta pesquisa a todas as pessoas inquietas em construir o Reino de Deus: verdade, vida, santidade, graça, amor, paz e justiça.

AGRADECIMENTOS

Ao movimento inquieto que Deus me concede ao participar da comunidade surda.

À Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora Aparecida que me apresentou à comunidade surda e me confia este espaço aprendiz. À Betânia Assunção pela compreensão em minhas ausências comunitárias.

Ao meus pais que sempre nos incentivaram ao estudo, à minha irmã Celina, pela participação no final deste trabalho e toda família que, mesmo distante, acompanha com apreço este momento.

A cada pessoa surda que gera crescimento em mim como pessoa e como missionária.

À Escola Especial para Surdos Frei Pacífico e à Pastoral do Surdo que são fonte e sustento para esta busca e pesquisa.

Às lideranças surdas que, na abertura sincera e fraterna, me ensinam a arriscar para alcançar e acessibilizar os espaços eclesiais, aqui presentes ou pela transmissão e, Carolina Sperb, gratidão por estarem aqui.

À Camila que constrói este caminho comigo e interpreta minha voz neste dia e divide sonhos e desassossegos na comunicação em libras.

Aos meus acompanhantes no processo humano-espiritual, amigas e amigos que foram e são forças comigo.

Ao Prof. Júlio Cezar Adam, meu orientador, e à Faculdades EST, aqui representada pelo Prof. Charles Klemz, pela acolhida da proposta, incentivo no processo, orientação para manter o objetivo da pesquisa e todas as ajudas que recebi para concluir este trabalho.

GRATIDÃO! GRATIDÃO! GRATIDÃO!

*Sons nós não ouvimos, mas temos em
nossas mãos o poder da comunicação.
(Ir. Stelamaris Boeira)*

RESUMO

A presente pesquisa apresenta um recorte da história de pessoas surdas, buscando considerar diferentes contextos da vivência religiosa da comunidade de fé e, a partir deste lugar, propor uma espiritualidade católica para estas pessoas. A pesquisa tem como objetivo geral identificar como as pessoas surdas sentem a Deus e como a Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) proporciona espaços acessíveis para esta vivência. Como objetivos específicos, pretende-se investigar e reconhecer as suas lutas e formas de comunicação e de expressão de sua espiritualidade; indicar o modo adequado de inclusão acessível à comunidade surda no culto cristão. Buscou-se considerar a convivência da pesquisadora junto à comunidade surda, como ponto de partida para a pesquisa, articulando diálogos afim de indicar à Igreja Católica modos de acessibilidade e de cuidado no pastoreio de seu povo surdo, conforme Jesus Bom Pastor o fez. Os procedimentos metodológicos são o diálogo teórico da teologia com as ciências sociais, em especial com a teologia francisco-clariana e latino-americana. Desenvolve-se uma abordagem qualitativa dos achados bibliográficos acerca dos temas referentes à espiritualidade surda e, a análise se deu de forma exploratória, através de busca, pesquisa e análise dos acontecimentos e fatos históricos do tema em questão na ICAR. Descreve-se, no decorrer da trajetória, os cuidados e as práticas de convivência e ensino desde o monasticismo medieval e as conquistas da comunidade surda nas diferentes áreas sociais e educacionais, apontando que na ICAR estas realizações são possíveis, bem como os significados da identidade, comunidade e cultura surda, fundamentais para a compreensão de sua espiritualidade.

Palavras-chave: Pessoa surda. Espiritualidade. Igreja Católica. Liderança servidora. Acessibilidade.



ABSTRACT

This research presents a section of the history of deaf people, seeking to consider different contexts of the religious experience of the faith community and, from this place, propose a Catholic spirituality for these people. The research has the general objective of identifying how deaf people feel about God and how the Roman Catholic Apostolic Church (ICAR) provides accessible spaces for this experience. As specific objectives, intends to investigate and recognize their struggles and forms of communication and expression of their spirituality; indicate the appropriate way of inclusion accessible to the deaf community in Christian worship. Sought to consider the researcher's coexistence with the deaf community, as a starting point for the research, articulating dialogues in order to indicate to the Catholic Church ways of accessibility and care in shepherding its deaf people, as Jesus the Good Shepherd did. The methodological procedures are the theoretical dialogue between theology and social sciences, especially with Franciscan-Clarian and Latin American theology. A qualitative approach to bibliographic findings about themes relating to deaf spirituality was developed and the analysis was carried out in an exploratory manner, through search, research and analysis of events and historical facts on the topic in question at ICAR. Describes, during the trajectory, care and practices of coexistence and teaching since medieval monasticism and the achievements of the deaf community in different social and educational areas are described, pointing out that at ICAR these achievements are possible, as well as the meanings of identity, deaf community and culture, fundamental to understanding their spirituality.

Keywords: Deaf person. Spirituality. Catholic Church. Servant leadership. Accessibility..

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	19
2 ASPECTOS PARA DEFINIR ESPIRITUALIDADE	23
2.1 INTRODUÇÃO	
2.2 DEFINIÇÕES BÁSICAS DE ESPIRITUALIDADE	24
2.2.1 Espiritualidade Cristã	27
2.2.2 Espiritualidade Franciscana e Clariana	30
2.2.3 Espiritualidade sim, espiritualismo, não	32
2.3 A ESPIRITUALIDADE NA LOGOTERAPIA	35
2.3.1 A ação do Espírito Santo	36
2.4 ESPIRITUALIDADE E LIDERANÇA	38
2.4.1 Líder articulador de eventos interiores	39
2.4.2 Liderança compassiva	39
2.4.3 Liderança contemplativa crítica	40
2.5 CONCLUSÃO	
3 HISTÓRIA, IDENTIDADE, CULTURA E COMUNIDADE SURDA	43
3.1 INTRODUÇÃO	
3.2 ASPECTOS DA HISTÓRIA EM QUE OS SURDOS VIVERAM	43
3.2.1 A pessoa surda na Antiguidade	43
3.2.2 A pessoa surda na Idade Média	48
3.2.3 A pessoa surda na Idade Moderna	52
3.2.4 A pessoa surda no Brasil	56
3.3 DEFININDO IDENTIDADE SURDA	59
3.4 DEFININDO CULTURA SURDA	69
3.5 DEFININDO COMUNIDADE SURDA	73
3.6 CONCLUSÃO	
4 CIFA, UM CARISMA ACESSÍVEL: POSSÍVEIS CARACTERÍSTICAS DA ESPIRITUALIDADE PARA A COMUNIDADE SURDA?	77
4.1 INTRODUÇÃO	77
4.2 CONTEXTO DO ESPAÇO RELIGIOSO PARA AS PESSOAS SURDAS	77
4.3 COMO SERIA A ESPIRITUALIDADE PARA AS PESSOAS SURDAS?	79
4.3.1 MESA DA MEMÓRIA/PALAVRA	81
4.3.2 MESA DA COMUNICAÇÃO/PÃO PARTILHADO	84
4.3.3 MESA DO MOVIMENTO DO SILÊNCIO/ÁGUA E VINHO	88
4.4 CONCLUSÃO	93
5 CONCLUSÃO	93

REFERÊNCIAS	97
ANEXO 1: PROSPECTO CASA DA ESPIRITUALIDADE	105

1 INTRODUÇÃO

A pedra fundamental para esta pesquisa foi lançada em 1992, quando uma jovem, recém-formada no Ensino Médio, no curso de Magistério, chegou em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, para descobrir sua vocação. Após um período frustrado de adaptação à nova cultura, solicitou permissão para retornar à cidade de Rondon, Paraná, de onde viera. Entremeio a esta decisão, como uma segunda chance, foi-lhe oferecida a vaga de professora para uma turma com três estudantes surdos, da 3ª série, no “EPHPHETA” – Instituto Frei Pacífico, atualmente, Escola Especial para Surdos Frei Pacífico. Aquele foi o começo de um caminho de convivência, aprendizado e uma forte construção de vínculo com as pessoas surdas.

Começos podem trazer alegrias e incertezas, podem encorajar ou amedrontar. No caso desta jovem, o começo trouxe novo encanto e novas esperanças, mesmo diante da fragilidade mais básica numa relação, a comunicação. Ela desconhecia a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) para conviver e ensinar aquela “trindade” que lhe foi confiada em sala de aula. Inspirada pela acolhida daqueles adolescentes, a jovem fez de cada dia um rico aprendizado, que só cresceu e continua crescendo, alcançando 32 anos de fecunda experiência.

Esta jovem sou eu, Célia, que desenvolveu esta pesquisa. Por isso, a partir daqui, em alguns trechos da pesquisa, fiz uso da escrita em primeira pessoa do singular, pois desejo estabelecer com o leitor ou leitora, a cada palavra neste caminho, uma vivência guiada no que podemos chamar de casa, casa da espiritualidade, conforme Carlos Mesters nos convida a conhecer através da Parábola da Porta.¹ Nesta, adentramos e conhecemos três grandes partes que agregam outros ambientes, igualmente acolhedores, formando um lar espiritual para todas as pessoas que visitam, peregrinam, residem e zelam esta vivenda.

Assim como aconteceu comigo há 32 anos, quando adentrei às portas da atual Escola Especial para Surdos Frei Pacífico e fui envolvida por uma convivência tão simples, tão direta e tão sincera a ponto de me fazer sentir o abraço e o beijo ao irmão

¹ MESTERS, Carlos. **Por trás das palavras**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 13-20.

e à irmã que são diferentes - assim como São Francisco o fez² - e que de cujo encontro, todos os passos, gestos e palavras de Francisco passaram a ter sentido em minha vida. Desta forma, meus primeiros educandos foram meus educadores na nova língua em questão, a língua de sinais, na cultura surda e na forma de conhecer Deus. Ainda no Instituto Frei Pacífico, conheci a primeira surda, na época, uma Irmã religiosa e teóloga, Ir. Gladis Perlin. Era uma grande alegria e um sonho ser uma Irmã que pudesse se comunicar com as pessoas surdas assim como ela fazia e, assim, eu seguia suas orientações e observava sua organização na formação dos jovens surdos. Na década de 1980, Gladis, junto a um padre surdo oralizado, Padre Volmir Guiso (em memória) da Arquidiocese de Porto Alegre, iniciaram o que se chama na organização da Igreja Católica de Pastoral do Surdo. Depois de alguns anos, Gladis retirou-se da vida religiosa e se dedicou aos estudos, sendo a primeira doutora surda no Brasil. Eu a terei sempre como referência em minhas memórias e na composição deste estudo, por se tratar de uma mulher lutadora e desbravadora de muitos caminhos para a educação das pessoas surdas.

O objetivo desta pesquisa foi responder a duas perguntas que, há anos, me acompanham, sendo eu não surda participante da Comunidade surda. A primeira pergunta é: *como as pessoas surdas sentem Deus?* Para quem participa na Igreja Católica, existem muitas e variadas formas que possibilitam experiências de Deus através de orações verbais, músicas, palestras, exercícios espirituais etc. Geralmente, essas formas são mais auditivas do que visuais. Nesta percepção é que surgiu a pergunta, considerando que a normalidade de estímulos auditivos pode sensibilizar e favorecer momentos da prática da espiritualidade. E as pessoas surdas, como podem perceber/sentir e praticar este exercício espiritual se falta acessibilidade nas comunidades eclesiais? E a segunda pergunta é: *como a Igreja Católica, enquanto Povo de Deus responsável de praticar o Evangelho, pode ser um espaço para a comunidade surda experienciar Deus?* Entendendo aqui o Evangelho como a Boa Notícia na pessoa de Jesus, que “veio ao mundo para que todas as pessoas tenham vida e, vida em abundância (João 10,10), que veio para servir e dar a vida em resgate de muitos (Mateus 20,28), que chama a todos de amigos e dá a conhecer tudo o que

² MAZZUCO, Vitório. Encontro com o leproso. **Portal Franciscanos**: Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, OFM, 28 set. 2010. Disponível em: <<https://franciscanos.org.br/vidacrista/encontro-com-o-leproso-2/#gsc.tab=0>>. Acesso em: 17 jan. 2024.

ouviu do Pai; que amou a todos assim como Deus o amou; que escolheu cada pessoa e as designou a ir e produzir frutos no Amor, amando a todos assim como Ele amou (João 15,9-17).³

Sendo assim, esta pesquisa tem uma caracterização bibliográfica⁴ cujo intuito foi ampliar o conhecimento sobre a pessoa surda, sua história, seus contextos e sua forma de se comunicar a partir de pesquisas da área da educação, que é a pioneira no processo da formação da identidade e cultura surda. Com base nestes conhecimentos, esta pesquisa buscou apresentar possíveis características espirituais e pastorais para a Igreja Católica que sejam acessíveis para a comunidade surda pela visualidade, bem como para outras pessoas com deficiência, pela mobilidade, áudio descrição e outras, conforme necessidades específicas. Esta proposição é entendida, ao longo da pesquisa, como composição de um novo espaço na casa da espiritualidade.

O símbolo da casa da espiritualidade perpassa toda a pesquisa, como uma forma visual, característica da cultura surda, para que as pessoas surdas se sintam convidadas a entrar neste *habitat* sagrado em cada pessoa, conforme Paulo exorta: “Acaso não sabeis que sois santuário de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?” (1 Coríntios 3,16).

Ao chegar no achado de pesquisa, descortinou-se a necessidade de se lançar alicerces para novas formas de conceber e construir a espiritualidade para pessoas surdas que, nem sempre, são reconhecidas como lideranças espirituais. Oxalá esta pesquisa inquiete os corações humanos e alargue os espaços de acolhida e respeito às pessoas com deficiências na sociedade e na Igreja.

Ao longo do desenvolvimento do argumento de pesquisa, busquei considerar num primeiro momento, os aspectos da espiritualidade no âmbito da comunidade surda, desenhando aspectos característicos de uma espiritualidade ecumênica, com elementos voltados à tradição católica. Neste recorte, apresentei características de uma espiritualidade franciscano-clariana. Os aportes conceituais busquei na discussão acerca da ideia de sentido da vida, segundo aspectos da logoterapia de Viktor Frankl,

³ Todas as citações de textos da Escritura, salvo casos indicados, serão da BÍBLIA. Português. CNBB. 2008.; CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Bíblia Sagrada**: tradução da CNBB com introduções e notas. Brasília, DF: Edições CNBB, São Paulo, SP: Canção Nova, 2008.

⁴ GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas SA, 2002. p. 32.

bem como de teólogos da teologia latino-americana e outros autores que discutem o tema, como Henri Nouwen. Neste aspecto, o sentido da vida é modelado pela luta e reconhecimento da comunidade surda. É o que considerei no passo seguinte, analisando o contexto da organização e surgimento dos elementos linguísticos de comunicação da pessoa surda ao longo da história. Para essa elaboração, fiz referência à importante contribuição da ciência social, cultural e linguística acerca da história e da luta da comunidade surda, segundo aspectos da teoria crítica, bem como isso se reflete no processo de constituição de sua espiritualidade. Este trabalho dissertativo encontrou na superação de um determinado ouvintismo limitador e que se nega, conseqüentemente, a “ouvir” - através dos sinais o que a comunidade surda tem a dizer e a construir diante do sagrado - o maior desafio da comunidade católica que busca contribuir com uma espiritualidade junto à comunidade surda. Dito de outro modo, os limites de uma espiritualidade católica efetiva, não surda, que se pretenda acolhedora da comunidade surda é um construir espaços e diálogos que respeitem o jeito e a maneira pela qual a comunidade surda se aproxima do sagrado, assim como Francisco e Clara acolheram as realidades de seu tempo (ano de 1200) e criaram uma espiritualidade própria que alcançou o coração das pessoas que os fizeram pisar no chão real da vida dos que mais sofriam, naquele tempo, os leprosos.

Com o resultado desta pesquisa, gostaria de criar um material que favorecesse uma melhor compreensão da proposta da criação da espiritualidade acessível para pessoas surdas, considerando sua cultura e comunicação visual. Esta pesquisa contempla a visualidade e acessibilidade através do QRcode, no final de cada capítulo, que traz o link do vídeo em libras, apresentando a explicação de cada conteúdo, conforme segue abaixo.



2 ASPECTOS PARA DEFINIR ESPIRITUALIDADE

2.1 INTRODUÇÃO

Este capítulo tem como objetivo definir o termo espiritualidade a partir de conceitos básicos que mais se identificam com o sujeito desta pesquisa, a comunidade surda. A metáfora facilitadora para adentrar no conhecimento da espiritualidade é a imagem de uma casa, a casa da espiritualidade. Em cada parte da *casa da espiritualidade* há a partilha de uma das definições e conceitos do tema abordado. A comunidade surda é convidada a esta visita guiada em cada um dos “cômodos” desta casa em específico, que traz conceitos que agregam às buscas para que esta comunidade conheça modelos que a inspirem na construção de seu próprio espaço acessível em sua própria língua e, assim, possa convidar outras comunidades acessíveis e inclusivas a fazer parte desta casa.

O capítulo está organizado da seguinte forma, no *hall de entrada*, aspectos de bibliografia acessíveis, como dicionário, pensamentos de autores da teologia da libertação que promove uma leitura mais inclusiva das diversidades existentes na Igreja Povo de Deus. Na *sala de estar*, a referência da primeira exortação apostólica do Papa Francisco, a *Evangelii Gaudium*, na qual apresenta um capítulo sobre Evangelizadores com Espírito e pede ao Espírito que “venha renovar, sacudir, impelir a Igreja numa decidida saída para fora de si mesma a fim de evangelizar todos os povos” (EG 261).⁵ O texto proporciona uma interpretação na qual, dentro da palavra *todos*, pode-se incluir as pessoas surdas e outras com necessidades especiais. Desta forma, o Papa Francisco convoca a Igreja para uma acolhida acessível.

Nas repartições que se seguem, são apresentadas a Espiritualidade Cristã e as construções que vieram a partir de Jesus Cristo, como a Espiritualidade Franciscana e Clariana e a opção pelos pobres que, para Dom Hélder Câmara, não foi um mero assistencialismo sentimental.⁶ A espiritualidade com os pobres cria uma

⁵ FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**. São Paulo: Editora Paulinas, 2013. p. 204. As menções à *Evangelii Gaudium* estarão abreviadas no texto com as suas iniciais e a respectiva numeração como na menção (EG 261).

⁶ “A opção evangélica para os pobres de Dom Hélder Câmara: Trata-se de algo que surge do mais profundo, a partir de dois níveis de consciência interligados: a) o nível da consciência crítica, aguçada em meio às condições sub-humanas de miséria a que estavam, e ainda estão submetidas,

dinâmica própria, principalmente, no ritmo, no simbólico, na linguagem e comunicação.

Continuando a visita, o próximo cômodo apresenta a espiritualidade a partir da experiência da logoterapia (QRcode), de Viktor Frankl, à qual apresenta a essência da existência, o sentido da vida que se manifesta nas ações de bem e até mesmo no sofrimento na vivência diária. O sentido da vida se encontra no experimentar a beleza, a bondade e a verdade, seja na natureza, na cultura ou ainda, no encontro com outro ser humano em sua originalidade - amando-o.⁷ Neste amor é que acontece o despertar da gratuidade no servir e na solidariedade. Desta vivência, surge a liderança servidora, caracterizada pelo desenvolvimento do caráter como a vontade humana fixada no bem,⁸ assim é o crescer de uma pessoa espiritual.

2.2 DEFINIÇÕES BÁSICAS DE ESPIRITUALIDADE

Na casa da espiritualidade, no hall de entrada identifica-se uma definição do termo espiritualidade, segundo o dicionário Aurélio. Neste, *espiritualidade* é qualidade ou caráter de espiritual; é um processo metódico dos valores espirituais.⁹ A palavra espiritualidade vem do latim *spiritum*, que quer dizer sopro, vento, energia, impulso,¹⁰ que por sua vez deriva do grego pneuma - espírito.¹¹ Adentrando para a sala de estar, num espaço mais amplo, o Papa Francisco, em sua primeira Exortação Apostólica,

milhares de pessoas no Brasil, na América Latina, como de resto na maior parte de nossa casa comum, a terra; b) o nível da consciência religiosa, aguçada pela mística da fé em Jesus Cristo, em sua prática misericordiosa para com os pobres do seu contexto histórico. [...] Já viste criatura humana que de tão magra dê a impressão de que os ossos a cada instante vão rasgar a pele? Já viste rosto humano dando em vida a impressão de caveira?" JÚNIOR, João Luiz Correia. A poética mística do Dom. **Fronteiras**, Revista de Teologia da Unicap, v. 1, n. 1, p. 93-111, 2018. p. 100. Disponível em: <<https://www1.unicap.br/ojs/index.php/fronteiras/article/view/1187>>. Acesso em: 5 jul. 2024.

⁷ FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 135.

⁸ "Um belo caráter não se recebe de presente, fazemo-lo nós, por um labor sólido e contínuo, trabalhando nisso durante longos anos, dezena de anos, muitas vezes. A influência do círculo de relações, as inclinações boas ou más recebidas de herança, podem produzir certa impressão no nosso caráter, mas, afinal de contas, o nosso caráter é obra pessoal nossa, é resultado do nosso trabalho de educação de nós mesmos". TOTH, Tihamer. **O moço de caráter**. Petrópolis: Vozes, 1962. p. 15-16.

⁹ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2009. Verbete: espiritualidade.

¹⁰ PEDROSO, José Carlos Corrêa. **Olhos do Espírito**. São Paulo: Centro Franciscano, 1993.

¹¹ JUNGER, Angela Maria. Logoterapia e espiritualidade: recursos noéticos para o discernimento vocacional e intervenção em adolescentes e jovens. **RECIMA21** - Revista Científica Multidisciplinar, 1(1), 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.47820/recima21.v1i1.429>>. Acesso em: 4 jul. 2024.

denominada *Evangelii Gaudium*, segue dizendo que, para a Igreja Católica, a referência de Espírito tem toda a força vital no Espírito Santo (EG 259). Quando se fala em espiritualidade, pensa-se em um estilo de vida que não se fecha em uma intimidade cômoda, mas torna as pessoas mais generosas, criativas, felizes, e comprometidas com as demandas da realidade. Este é um modo de ser que diferencia uma pessoa que busca crescer humanamente e espiritualmente. Na linguagem cristã, o termo espiritual diz respeito à ação do Espírito Santo e à resposta que a pessoa dá a esta ação. Indica uma moção interior que impele, motiva, dá sentido à ação pessoal e comunitária.¹²

Neste sentido, estudiosos da espiritualidade na América Latina perceberam o caminho pedagógico de uma espiritualidade próxima da vida real, conforme apontam Dom Pedro Casaldáliga e José María Vigil “[...] significando respiração ou sopro, mas também um estado de coragem e vigor que move cada pessoa, cada grupo, cada povo, pois há uma presença certa de salvação em cada criatura que Deus fez”. Deus não só criou o mundo e o fez cenário de sua salvação; não só criou o ser humano e o transformou num dos principais protagonistas dela, mas quis também se comunicar a esse ser humano mais plenamente para lhe tornar mais acessível e compreensível a salvação. E se revelou a si mesmo pela trajetória de Jesus como a realização antecipada da plenitude da nova humanidade. Com essa revelação plena, Deus move os humanos, atrai-os para si, lhes revela a dinâmica e o sentido da história e de cada existência, e lhes dá a causa e os motivos para viver, para conviver e para entregar a própria vida. Numa palavra, se lhes faz presente com seu Espírito, no espírito deles, encaminhando-os fortalecidamente para a salvação e envia, de um modo novo, seu próprio Espírito como o Espírito Santo do Pai e do Filho.¹³ Neste movimento, cada pessoa constrói seu caminho em se tornar um ser humano melhor, mesmo que seus passos sejam em meio às perguntas e aprendizados, assim como o poema

¹² FRANCISCO, 2013; *Evangelii Gaudium*, 259: “o Espírito Santo infunde a força para anunciar a novidade do Evangelho com ousadia, em voz alta, e em todo o tempo e lugar, mesmo contracorrente. Uma pessoa aberta ao Espírito, habitualmente está mais atenta às intuições e percepções que a sustenta, dá vigor e sentido em todas as suas ações, sejam pessoais, comunitárias e sociais. E espiritualidade cria um movimento interior que lança a pessoa humana para fora de si, de seu mundo já conhecido para alcançar realidades humanitárias, ainda desconhecidas.”

¹³ CASALDÀLIGA, Pedro; VIGIL, José Maria. **Espiritualidade da libertação**, 1928. Tradução Jaime. A. Clasen. Petrópolis/RJ: Vozes, 1993. p. 30.

“Perguntas”, de Gustavo Gutiérrez, os autores exemplificam que a responsabilidade no caminho espiritual se faz com perguntas buscantes: descendo e subindo.

"Por aqui já não há caminho". Até onde não haverá? Se não temos seu vinho, a pessoa não servirá? Chegarão a ver o dia os que conosco vão? Como faremos companhia se não temos nem pão? Por onde ireis até o céu se pela terra não ides? Para quem ides ao Carmelo se subis e não desceis? Curarão velhas feridas as azeiteiras da lei? São bandeiras ou são vidas as batalhas deste Rei? É na cúria ou na rua que se desenvolve a missão? Se deixais que o Vento cale, o que ouvireis na oração? Se não ouvís a Voz do Vento, que palavra levareis? Que dareis por sacramento, se não vos dais no que dais? Se cedeis ante o Império a esperança e a verdade, quem proclamará o mistério da inteira liberdade? Se o Senhor é Pão e Vinho e o Caminho por onde andais, se "ao andar se faz caminho", que caminhos esperais?¹⁴

Perguntando-nos, vamos para dentro de nós mesmos; perguntando-Lhe, vamos para Deus; perguntando-lhes, vamos aos irmãos e irmãs. Perguntando e respondendo, assim é o intuito do caminho pedagógico da espiritualidade. A pessoa que se coloca construtora neste caminhar, consciente de que está sustentada pelo pão e vinho que é o Senhor. Tem a capacidade de identificar-se, avaliar-se e perceber-se, conforme aponta Gutiérrez, através de duas variáveis que indicam à espiritualidade, ora pode ser com um olhar de perfeição ou de imperfeição na vida cristã. Neste aspecto, ele propõe uma leitura de perfeição para um grupo seletivo que tem uma forte busca de santidade, até mesmo como uma fuga do mundo, exemplificando a vida monástica e de imperfeição como uma vida pouco ou nada preocupada com a vida religiosa, às pessoas leigas.¹⁵ Estas variáveis, historicamente, proporcionaram uma visão, por vezes, classificatória sobre espaços, pessoas e realidades capazes de viver a espiritualidade, dentre estas, as pessoas com deficiência. O que pode sugerir que, talvez, esta realidade distinta nem estivesse no reconhecimento de um lugar espiritual.

Atualmente, há uma versão mais humanizada da espiritualidade, aproximando-a ao cotidiano da vida através de um coração comprometido e solidário com as pessoas marginalizadas em uma sociedade de classes. Estar com estas pessoas, numa luta por libertação advinda de um sopro popular e comunitário na busca do Senhor, é estar numa luta que não se adapta a modelos elitistas e opta,

¹⁴ CASALDÁLIGA; VIGIL, 1993, p. 10-11.

¹⁵ GUTIÉRREZ, Gustavo. **Beber em seu próprio poço**. São Paulo: Loyola, 2000. p. 24-26.

preferencialmente, pelos pobres, conforme Documento de Puebla 1134.¹⁶ Olhar a espiritualidade a partir das pessoas em realidades de exclusão social é um ato de coragem, pois ultrapassa limites históricos de uma espiritualidade que remete a um “olhar para o céu”, para um Deus distante. Simbolicamente, a pobreza, as pessoas em condições de vida diferentes, seja por situação econômica ou cultural ou por deficiência, faz com que o olhar naturalmente volte-se para o chão, para baixo e neste olhar encontrar o Senhor que vê, conhece, ouve, acolhe e desce para libertar o seu povo, conforme Êxodo 3,7-10, e a partir do movimento do descer encontra-se o sentido profundo da espiritualidade.

No Brasil e nos outros países do continente assistimos à renovação de uma “Igreja que nasce do povo”, de uma igreja que opta pelos pobres e toma-se “igreja dos pobres”, entendida não como igreja paralela, mas como centro renovador e integrador da igreja toda. É uma caminhada, ainda iniciante, com todos os limites de um processo humano, mas já dá para perceber os frutos: recria-se a igreja, suas estruturas, funções e mentalidade são renovadas, opera-se uma mudança, uma conversão, uma “passagem”, em sentido bíblico.¹⁷

O convite agora é conhecer mais este espaço do *ser povo* e perceber o quanto é próprio da pessoa humana esta procura inquieta de conhecer-se, compreender-se, de pertencer seja a si mesma, na sociedade, no mundo, na criação e no Divino. Algumas são as possibilidades deste conhecimento, conforme segue.

2.2.1 Espiritualidade Cristã

A espiritualidade cristã é energia pela qual Deus age (Êxodo 3,7) e faz encontrar sentido em todo nosso ser e agir. É a força na qual vivemos e nos movemos (Atos dos Apóstolos 17,28). Em outras palavras,

A espiritualidade cristã é viver segundo o Espírito, luz e sopro de vida, que anima a pessoa. Como podemos perceber no testemunho do Apóstolo Paulo: “Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, pois é Cristo que vive em mim. E esta vida, que agora vivo, eu a vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim”. (Gal 2,20). Portanto, assumir uma Espiritualidade e

¹⁶ “Afirmamos a necessidade de conversão de toda a Igreja para uma opção preferencial pelos pobres, no intuito de sua integral libertação”. SBARDELOTTI, Emerson; SOUZA Ney de. (Orgs.). **Puebla: Igreja na América Latina e Caribe**. Petrópolis: Vozes, 2019. Artigo 1134.

¹⁷ PERANI, Cláudio. Libertação e espiritualidade. **Cadernos do CEAS**: Revista crítica de humanidades, n. 233, p. 140-149, 2009. p. 140. Disponível em: <<https://cadernosdoceas.ucsal.br/index.php/cadernosdoceas/article/view/71>>. Acesso em: 5 jul. 2024.

deixar-se conduzir pela vontade do Pai, no seguimento de Jesus Cristo, para que nos questione e anime. Da vida no Espírito, “nos vem a alegria sem fim, a união constante e a semelhança com Deus. Dele procede, enfim, o bem mais sublime que se pode desejar: A pessoa é divinizada”.¹⁸

A pessoa, quando se coloca na abertura ao Espírito Santo assume uma postura de vida focada para ações de bem e para o bem. Aqui, reforçando que a força espiritual é uma prática de amor que perpassa no modo de pensar e de viver da pessoa que n’Ele acredita. Estas ações favorecem a esperança na plena realização do Reino de Deus neste mundo. Este Reino que se manifesta *na verdade, na vida, na santidade, na graça, na justiça, no amor e na paz*.¹⁹ Esta é uma decisão fundamental na vida da pessoa aberta ao Espírito. Roberto Almada diz que, do ponto de vista médico, a espiritualidade é definida como a forma com que se encontram significado, esperança, vigor, alívio e paz interior na vida, com efeitos benéficos na pessoa.²⁰

Cláudio Perani²¹ afirma que a espiritualidade é o caminho concreto do encontro com Deus, da procura e da manifestação do Espírito, da compreensão e vivência da fé.

A espiritualidade vive da gratuidade e da disponibilidade, vive da capacidade de enternecimento e compaixão, vive da honradez em face da realidade e da escuta da mensagem que vem permanentemente desta realidade. Quebra a relação de posse das coisas para estabelecer uma relação de comunhão com as coisas. Mais do que usar, contempla. Há dentro de nós uma chama sagrada coberta pelas cinzas do consumismo, da busca de bens materiais, de uma vida distraída das coisas essenciais. É preciso remover tais cinzas e despertar a chama sagrada. E então irradiaremos. Seremos como um sol.²²

Segundo Adam e Reiner,²³ a espiritualidade cristã se apresenta como um caminho integral em direção a Deus num contínuo movimento que emana a vida que

¹⁸ Documento da Espiritualidade das Irmãs Franciscanas de N. Sra Aparecida - DE, aprovado na 22ª Assembleia Capitular, Porto Alegre, outubro 2005, art. 13. Documento interno.

¹⁹ Prefácio da solenidade de Cristo Rei. In: IGREJA CATÓLICA. Congregação do Culto Divino e a Disciplina do Sacramento. Instrução geral sobre o Missal Romano. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

²⁰ ALMADA, Roberto. **O cansaço dos bons**: a logoterapia como alternativa ao desgaste profissional. São Paulo: Editora Cidade Nova, 2015. p. 114.

²¹ PERANI, Cláudio. Libertação e espiritualidade. **Cadernos do CEAS**: Revista crítica de humanidades, n. 233, p. 140-149, 2009. Disponível em: <<https://cadernosdoceas.ucsal.br/index.php/cadernosdoceas/article/view/71>>. Acesso em: 5 jul. 2024.

²² BOFF, Leonardo. **Espiritualidade**: um caminho de transformação. Rio de Janeiro: Sextante, 2001. p. 45-46.

²³ REINER, Michael Richard, ADAM, Júlio Cezar. Silêncio e Mindfulness: perspectivas para o desenvolvimento de uma espiritualidade cristã.p. 29-61. In: VENTURA, Daniele; ADAM, Julio Cezar; PUNTEL, Clairton; SILVA, Marínilson Barbosa da. (Orgs.). **Educação, espiritualidade e desenvolvimento socioemocional** [recurso eletrônico]. Dados eletrônicos. João Pessoa: Editora

habita o corpo humano e este movimento é de dentro para fora. “A espiritualidade é a transformação que a mística produz nas pessoas na forma de olhar a vida, no jeito de encarar os problemas e de encontrar soluções, repercutindo em sua forma de agir”.²⁴

A pessoa, numa vivência interior, com silêncio e perseverança no caminho, acolhe a instigante busca de compreender melhor a si mesmo, os outros e o próprio Deus, através de um “olhar integral e encarnado acerca de sua humanidade, estimulando o cultivo dos frutos da compaixão, da solidariedade, do perdão e da resiliência”. Este é um caminho que pede uma disciplina buscante, ética, responsável e, principalmente, em constante discernimento. Não se fundamenta, consoante esclarece Butzke, na ação e nas possibilidades humanas.²⁵

Assim, pensamos que será acerca destas práticas de devoção, entre as matrizes ocidentais e orientais que, mais cedo ou mais tarde, as instituições eclesiais terão que se pronunciar. Ecoando a sempre lembrada frase de Karl Rahner: “o cristão do futuro será um ‘místico’, isto é, uma pessoa que experimentou algo ou não será um cristão”.²⁶

O conhecimento da pessoa de Jesus Cristo é um modo assertivo da construção da espiritualidade, principalmente pela forma humana como olhou cada pessoa em suas distintas realidades, relatadas nos Evangelhos. Nesta pesquisa, este olhar esteve voltado às pessoas com deficiência, de maneira especial à pessoa surda, como aquela que, percebida por Jesus, pode oferecer uma proposta espiritual, acrescentando na casa da espiritualidade um espaço acessível, político e cultural de uma Comunidade. Assim como Francisco e Clara de Assis, reconhecidos pelo olhar de Cristo, oferecem uma espiritualidade à humanidade.

UFPB, 2023. p. 29. Disponível em: <https://beatitude.com.br/wp-content/uploads/2024/01/Regulacao-emocional_Puntel_Adam.pdf>. Acesso em: 5 jul.

²⁴ CARNEIRO, Everton Nery; LUSTOSA, Francisca Geny. Espiritualidade e as concepções sobre as pessoas com deficiência: recortes temporais. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 29, n. 4, p. 622-638, 2019. p. 624. Disponível em: <<https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/7743>>. Acesso em: 5 jul/2024.

²⁵ “[...] não tem como objetivo o que o mercado construído em torno do tema promete: redução de estresse, autocuidado, maior concentração, bem-estar etc. O objetivo da espiritualidade cristã é a conexão e a intimidade com Deus. É vida marcada e sustentada pela gratidão e pela adoração a Deus”. BUTZKE, 2022. p. 178 apud REINER, Michael Richard; ADAM, Júlio Cezar. SILÊNCIO E MINDFULNESS: perspectivas para o desenvolvimento de uma espiritualidade cristã. In: VENTURA; ADAM; PUNTEL; SILVA, 2023, p. 39.

²⁶ ADAM, Júlio Cezar; REINER, Michael Richard. Silêncio e Mindfulness: perspectivas para o desenvolvimento de uma espiritualidade cristã. **Revista Pistis & Praxis**, v. 14, n. 3, 2022. p. 844.

2.2.2 Espiritualidade Franciscana e Clariana

Ao longo da visita à casa, adentremos um pouco mais nela. Agora outra parte torna-se conhecida, pois na caminhada da fé cristã, várias correntes espirituais marcaram a história, cada qual enfatizando aspectos diferentes do mesmo Evangelho, procurando saciar os desejos mais profundos do ser humano, na busca de Deus e do sentido para a vida. Dentre os diferentes modos de experimentar Deus e de viver o Evangelho, está a Espiritualidade Franciscana.

Para melhor compreender as origens dessa espiritualidade, é preciso situar-se no seu contexto histórico. Francisco e Clara viveram num período de transição, marcado por uma profunda mudança. A sociedade feudal, baseada nas grandes posses de terra, estava em decadência. Surgia uma sociedade paralela, com novos padrões, novas relações e uma economia baseada no comércio. O poder do dinheiro tornava-se forte e novos ricos disputavam o poder econômico, político, cultural e religioso. O Pai de Francisco, Pedro Bernardone, fazia parte do mundo dos burgueses, donos do comércio. A família de Clara representava o mundo dos nobres, dos senhores das terras. Francisco carregava consigo as aspirações da sociedade emergente.²⁷

A Igreja daquele tempo, conduzida pelo Papa Inocêncio III, tinha interesse em dominar o mundo. Era a Igreja dos senhores feudais. Organizava cruzadas para libertar lugares santos, das quais Francisco também participou, no desejo de ser um grande cavaleiro. A Igreja, estruturada conforme a sociedade da época, estava mais ocupada em defender os próprios bens do que em evangelizar a classe nova dos artesãos e comerciantes. O poder do sagrado estava concentrado nas mãos do clero. Os leigos estavam reduzidos à mera massa de fiéis. Foi deixado de lado o sonho de uma comunidade de irmãos, vivido pelas primeiras comunidades cristãs, em que cada batizado participava do poder de Cristo, de ensinar, de governar e de santificar.²⁸

Esse modelo de Igreja, propiciou o surgimento de movimentos leigos. Formavam-se grupos no desejo de viver o Evangelho de modo radical, mas de acordo com a vida de Jesus e dos Apóstolos, tendo como características: a pobreza, a

²⁷ Documento da Espiritualidade das Irmãs Franciscanas de N. Sra Aparecida - DE, aprovado na 22ª Assembleia Capitular, Porto Alegre, outubro 2005, art. 13. Documento interno. DE,16.

²⁸ DE, 17.

simplicidade, a itinerância. Eram grupos que contestavam a Igreja. A maioria deles acabaram na excomunhão ou liquidados pelas cruzadas, movidas contra eles. Sem romper com a Igreja tradicional, Francisco a contestou assumindo uma forma de vida diferente, ele foi radical e, ao mesmo tempo, viveu a obediência de maneira heroica, com total despojamento. A eclesialidade é uma característica essencial da Nova Ordem Religiosa.²⁹

O movimento franciscano surgiu na periferia, na Igrejinha da Porciúncula, a mais pobre de Assis. Foi da periferia que começou a falar para o centro, exortando à conversão. A periferia possui um privilégio teológico, pois nela nasceu o Filho de Deus

A espiritualidade em Francisco é concreta, é viva é transformadora e testemunhal. Deus os conduziu entre os leprosos e ali mudaram de visão. No meio dos pobres e leprosos aprenderam a ver o mundo com o olhar de misericórdia que só Deus tem.³⁰

O modelo antigo de vida religiosa girava em torno da leitura, trabalho, meditação, oração, contemplação, já o novo não podia abrir mão de uma atuação no mundo. Por esse motivo, os irmãos franciscanos viviam em contato direto com a população, tendo na pregação uma de suas funções por excelência. Possivelmente tocada pelos sermões e pelo exemplo de Francisco de Assis, a jovem Clara, moça da nobreza, entrou para o grupo franciscano no ano de 1212. Clara é apresentada como a primeira mulher no grupo, mas logo chegaram outras e sua presença e ligação com a comunidade não parecia causar escândalo e contavam com o apoio direto de Francisco e dos irmãos, já que viviam uma vida inspirada no Evangelho.³¹

Dentre este caminho para melhor acolher e construir o Reino de Deus apareceram, na Idade Média, Francisco e Clara, que souberam construir o bem, tendo como Regra de vida o Evangelho e deixando como legado as atitudes franciscclarianas, como a contemplação, a fraternidade, a minoridade e a vida apostólica. O modelo

²⁹ DE, 17.

³⁰ PEDROSO, José Carlos Corrêa. **Olhos do Espírito**: itinerário de formação na contemplação na escola de Francisco de Assis. Piracicaba, SP: Centro Franciscano de Espiritualidade, 1993. p. 2.

³¹ SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da; SILVA, Leila Rodrigues (Orgs.). Utopia e resistência: a construção de uma espiritualidade franciscana feminina no séc. XIII. ATAS DA VI SEMANA DE ESTUDOS MEDIEVAIS do Programa de Estudos Medievais da UFRJ, Realizada no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, de 25 a 27 de outubro de 2005. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, Rio de Janeiro. p. 63. Disponível em: <https://pem.historia.ufrj.br/arquivo/atas_visemana.pdf>. Acesso em: 5 jul/2024.

desta espiritualidade conduz à ousadia e à coragem de criar algo, assim como foi o intuito desta pesquisa.

Com a clareza da espiritualidade cristã, franciscana e clariana, a pessoa surda poderá encontrar um caminho de discernimento espiritual, identificando o que promove e o que pode prejudicar a prática da espiritualidade. A ameaça mais próxima é o espiritualismo.

2.2.3 Espiritualidade sim, espiritualismo, não

Na casa da espiritualidade, também é possível encontrar um cômodo que oferece pouca ventilação e é pouco iluminado, fragilidade das mãos humanas durante a sua construção. Esta parte será denominada por espiritualismo, significando que é uma má formação da espiritualidade. Ele se manifesta de muitas maneiras. Nas entranhas do espiritualismo existe uma aversão pela condição humana; uma desesperança que o leva a rejeitar a realidade do mundo, e às vezes até a realidade da Igreja, segundo Ir. Regina Pedro³². Não se trata de um verdadeiro anseio pela vida plena, pelo Reino de Deus, mas sim da rejeição do que é humano. É preciso atenção, pois, embora utilize estrategicamente a máscara da ortodoxia, na verdade não se interessa por Jesus, nem pelas pessoas.

Seguindo o tema do espiritualismo, Ir. Regina complementa que o Papa Francisco alerta para alguns inimigos da santidade que refletem bem a atitude fundamental do espiritualismo. Ele fala de um “elitismo narcisista autoritário, quando, em vez de evangelizar, se analisam e classificam os demais e, em vez de facilitar o acesso à graça, consomem-se as energias em controlar”, segundo a primeira Exortação Apostólica do Papa Francisco, em 2013, *Evangelii Gaudium*.³³

A espiritualidade contraposta ao espiritualismo não é somente sentimento que busca apenas o bem-estar da pessoa. Ela pode e precisa ser pensada, ela é bíblica,

³² Congresso Missionário Nacional, 10-15 nov. 2023, Manaus, AM. Ide! Da Igreja local aos confins do mundo! Texto base. **Serviço de Informação Missionária**, SIM, Ano 51 - N°3 setembro a dezembro de 2023. Disponível em: <<https://pom.org.br/wp-content/uploads/2023/12/SIM-N03-2023-Web.pdf>>. Acesso em: 5 jul/2024.

³³ IGREJA CATÓLICA. Santa Sé. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium Do Santo Padre Francisco ao Episcopado, ao Clero, às Pessoas Consagradas e aos Fiéis Leigos Sobre O Anúncio do Evangelho no mundo actual**, Papa Francisco. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html>. Acesso em: 5 jul/2024.

teológica e eclesial; fortalece o seguimento de Jesus, faz crescer na “estatura de Cristo” (Ef 4,13) e lança para o serviço do Reino.³⁴ Sendo a Igreja Católica um lugar de comunhão, os seus líderes, os bispos procuram manter as comunidades alimentadas na esperança e compromisso profético, utilizam cartas pastorais com orientações ou exortações que as fortaleça na missão, conforme segue na carta pastoral, escrita por Dom Carlos Parteli. “Percebe-se que o encontro com Jesus Cristo traz em si mesmo um chamado a romper com o estilo individualista. Pois segui-lo implica uma nova forma de com-partilhar, de com-prometer-se com os demais³⁵. E, qualquer pessoa que se abre ao Espírito Santo descobre o quanto pode doar-se para os demais; o quanto pode favorecer mais vida àqueles que vivem com mais vulnerabilidade, os mais pobres, os simples, desde que não se deixe dominar pelo individualismo. Parteli segue dizendo que quando o individualismo e o espiritualismo se dão as mãos empobrecem e até deformam o seguimento de Jesus. Uma espiritualidade individualista não tem condições de orientar nesse seguimento àqueles que embarcaram em uma aventura comunitária de libertação. Tampouco dá conta das diferentes dimensões do ser humano, aspectos que deformaram instituições e vivências espirituais valiosas.³⁶

Sendo assim, conscientes e conhecedores dos espaços da casa da espiritualidade, resta criar outros lugares que possam “dialogar” com este cômodo pouco iluminado, visto que ele existe e oferece desconforto à pessoa humana. Cabe aqui, uma proposição de alternativas mais iluminadas para este ambiente. Algumas destas propostas são: o exercício da respiração, a meditação, o silêncio e o autoconhecimento, tornando a espiritualidade como processo complexo e dinâmico de integralidade da educação na humanização em cada pessoa, através da busca e da construção de sentido, conforme nos apresenta Adam e Puntel, em “Espiritualidade, regulação emocional e educação”.³⁷ Outro caminho, proposto por

³⁴ **Serviço de Informação Missionária**, 2023.

³⁵ IGREJA CATÓLICA. Santa Sé. **Carta do Papa João Paulo II ao Arcebispo de Montevidéu**, 27 de Novembro de 1978. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1978/documents/hf_jp-ii_let_19781127_arciv-montevideo.html>. Acesso em: 5 jul/2024.

³⁶ IGREJA CATÓLICA, 1978.

³⁷ Espiritualidade, regulação emocional e educação: definições, funções e proposição. p. 239-255. In: In: VENTURA, Daniele; ADAM, Júlio Cezar; PUNTEL, Clairton; SILVA, Marinilson Barbosa da. (Orgs.). **Educação, espiritualidade e desenvolvimento socioemocional** [recurso eletrônico]. Dados eletrônicos. João Pessoa: Editora UFPB, 2023. Disponível em: <https://beatitude.com.br/wp-content/uploads/2024/01/Regulacao-emocional_Puntel_Adam.pdf>. Acesso em: 5 jul/2024.

Adam e Reiner, é o silêncio e a respiração como fortes aliados na construção da espiritualidade.³⁸ O silêncio e a meditação (*mindfulness*) apresentam-se, por excelência, como as principais portas de entrada destas vias integrativas, servindo também à necessária conexão terapêutica entre o consciente e o inconsciente, fundamental no processo de crescimento espiritual e da individuação. Por isso mesmo, é sempre recomendável o acompanhamento dessas disciplinas por meio de pessoas experimentadas, como ocorre nas relações do discipulado cristão,³⁹ uma experiência não-verbal, de foco intencional e que estimula o não-julgamento. Essas orientações também se enquadram perfeitamente ao exercício devocional cristão, que igualmente intenta conduzir à alteridade, à compaixão e ao amor. A percepção do tempo presente ganha especial importância na busca pelo enraizamento e concreção, da necessária encarnação como percepção da fé, que aponta ao Eterno.⁴⁰

Para Grün já existe, contudo, em cada um de nós, um lugar onde o silêncio é completo, onde nós mesmos nos encontramos inteiros e imperturbados por pensamentos, onde enfim o encontro pode ocorrer⁴¹. Chegar a este lugar é encontrar o sentido do viver; trajeto nada fácil de percorrer, por isso existem pessoas e técnicas

³⁸ ADAM; REINER, 2022, p. 853

³⁹ “O termo *mindfulness* pode ser usado para descrever um construto teórico (a ideia de *mindfulness*), exercícios para cultivar *mindfulness* (como a meditação) ou processos psicológicos (mecanismos de ação na mente e no cérebro). Uma definição básica de *mindfulness* é ‘estar alerta momento a momento’. Outras definições incluem ‘manter nossa consciência viva para a realidade presente’ (Hanh, 1976, p. 11); ‘estar clara e determinadamente alerta ao que realmente nos acontece em momentos sucessivos da percepção’ (Nyanaponika, 1972, p. 5); e ‘o estado de alerta que emerge por meio da atenção, intencional, no momento presente e no desenrolar da experiência momento a momento’ (Kabat-Zinn, 2003, p. 145). Por fim, *mindfulness* não pode ser compreendido totalmente com palavras porque é uma experiência não verbal, sutil (Gunaratana, 2002). É a diferença entre sentir um som em nosso corpo e descrever o que você poderia estar ouvindo”. GERMER, 2016, p. 5-6 apud ADAM; REINER, 2022, p. 853.

⁴⁰ “Mindfulness, basicamente é uma proposta de parar e estar presente, levando em consideração dois componentes fundamentais: autorregulação da atenção e a adoção de uma orientação particular frente às próprias experiências do momento. O próprio Jesus de Nazaré instrui seus e suas ouvintes – e leitores/as – a vivenciar o momento presente ao invés das preocupações que ainda não chegaram: ‘Portanto, não se preocupem com o amanhã, pois o amanhã trará as suas próprias preocupações. Basta a cada dia o seu próprio mal’ (Mt 6,34)”. PUNTEL; ADAM, 2021, p. 239-255.

⁴¹ “Não temos necessidade de apresentar a Deus coisa alguma, nem pensamentos edificantes nem sentimentos piedosos. Simplesmente estamos diante de Deus – e em silêncio. Conservamos nosso coração vazio em sua presença para deixarmos que se encha com seu amor inefável, que já não pode ser descrito em palavras. [...] Calamo-nos diante de Deus e aguardamos. Não sabemos se Deus vem e se Ele toma posse de nós. Sabemos pela fé que Ele está aí, mesmo que não o experimentemos. Perseverar e esperar, suportar também a não experiência de Deus, desapegar-nos da solidez da terra firme, deixarmos-nos cair no amor de Deus, abrir-nos para a presença de Deus sem a certeza de dela experimentarmos alguma coisa, é nisto que para os monges consiste o silêncio”. GRÜN, 2021, p. 86-87.

espirituais que favorecem este *sentido* tão almejado pela pessoa humana. Dentre estas está a doutrina terapêutica, a logoterapia.

2.3 A ESPIRITUALIDADE NA LOGOTERAPIA

Aqui podemos seguir para um outro cômodo da casa, a logoterapia e sua relação com a espiritualidade. Viktor E. Frankl, escritor e psiquiatra, não se considerava psicanalista, mas psicoterapeuta e define a logoterapia como doutrina terapêutica; uma teoria própria, advinda de sua vivência prisional durante longo tempo nos campos de concentração, onde as pessoas humanas eram tratadas com total crueldade.

Certa vez, relata Frankl, que foi indagado sobre a diferença entre psicanálise e logoterapia, o diálogo seguiu com esclarecimento nos conceitos em que psicanálise é definida em sua essência, esclarecendo que, durante a psicanálise, o paciente precisa deitar-se num sofá e contar as coisas que, às vezes, são muito desagradáveis de se contar. Frankl então responde que na logoterapia o paciente pode ficar sentado normalmente, mas precisa ouvir certas coisas que, às vezes, são muito desagradáveis de ouvir.⁴² Segue em seu livro “Em busca de sentido”, definindo logoterapia com o termo “logos”, do grego, que significa sentido e é menos retrospectiva e menos introspectiva; concentra-se mais no futuro, nos sentidos a serem realizados pelo paciente em seu futuro, concentra-se no sentido da existência humana, bem como, na busca de uma pessoa por este sentido, pois esta é a força motivadora no ser humano.

Na abordagem da logoterapia, é possível desenvolver e cultivar a capacidade de amar mediante exercícios, conhecimentos e esforço de viver a “arte de amar”; esta arte poderia ser chamada de espiritualidade, conforme relata Roberto Almada em seu livro, O cansaço dos bons.⁴³ Ter fé na possibilidade do amor, como fenômeno social e não apenas excepcional e individual, é uma fé racional baseada na compreensão da natureza verdadeira da pessoa.

Atualmente a espiritualidade não está mais circunscrita ao âmbito das religiões, dos mosteiros, das congregações religiosas e, pode-se afirmar também, da

⁴² FRANKL, 2008, p. 123.

⁴³ ALMADA, 2015, p. 113.

Igreja. A espiritualidade se difunde entre leigos e religiosos, ateus e fiéis, sem distinção. Pode-se perceber isto através da relação entre espiritualidade e saúde, tanto física quanto psíquica, é centro de interesse de médicos, pois a interação entre ambas é inegavelmente positiva na prevenção e na cura de enfermidades.⁴⁴

Para pesquisadores da logoterapia, conforme relato,⁴⁵ destacam que desenvolver a espiritualidade unicamente para si, é insuficiente. A espiritualidade, para ser forte, faz-se necessário fundamentar-se na comunhão.

Espiritualidade de comunhão é ainda a capacidade de ver, antes de mais nada, o que há de positivo no outro [...] é saber “criar espaço” para o irmão “levando os fardos uns dos outros” (cf Gl 6,2) [...] rejeitando as tentações egoístas que sempre nos insidiam e geram competição, arrivismo, suspeitas, ciúmes. Não haja ilusões! Sem essa caminhada espiritual, de pouco servirão os instrumentos exteriores da comunhão. Revelar-se-iam mais como estruturas sem alma, máscaras de comunhão, do que como vias para a sua expressão e crescimento.⁴⁶

No processo de construção espiritual, conforme descrito acima na espiritualidade cristã, Adam e Reiner citam o quanto esta formação é um caminho integral a Deus, definindo-O como Pai, Filho e Espírito Santo. O movimento das três pessoas denominada como Trindade, é o modelo mais fecundo de comunhão, embora carregada de Mistério, produz um efeito inquieto e positivo nas pessoas que procuram viver relações autênticas, transfiguradas, fazendo-se dom a serviço da solidariedade e da compaixão, conforme as Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (DGAE). As descobertas acontecem ao longo do caminho da vida espiritual, pois descobre-se na novidade da força e intuições do Espírito Santo.

2.3.1 A ação do Espírito Santo

O movimento de vida, próprio da vida espiritual, coloca a pessoa humana em contato com outras pessoas e realidades possibilitando novos olhares, sentimentos e

⁴⁴ ALMADA, 2015, p. 114.

⁴⁵ Espiritualidade é o conjunto de conhecimentos e esforços que nos levam à transcendência. Em nossa busca de uma espiritualidade que incentive o amor e o encontro humano, vimos que a colaboração da espiritualidade que desenvolve unicamente os aspectos individuais da pessoa são insuficientes.

⁴⁶ IGREJA CATÓLICA. Santa Sé. **Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte do Sumo Pontífice João Paulo II ao episcopado, ao clero e aos fiéis no termo do grande jubileu do ano 2000.** Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2001/documents/hf_jp-ii_apl_20010106_novo-millennio-ineunte.html>. Acesso em: 5 jul.

ações. Há uma grande responsabilidade em cada pessoa ao receber estes dons, por isso colocá-los a serviço é sua tarefa primordial, conforme apresentam as DGAE, 95.⁴⁷

Henri J. M. Nouwen, católico holandês, teólogo e escritor,⁴⁸ em um de seus livros, “O sofrimento que cura”, quando se refere à espiritualidade diz: Tenho receio de que em poucas décadas, a Igreja seja acusada de ter falhado em sua tarefa básica: oferecer caminhos criativos para que as pessoas se comuniquem com a Fonte da vida humana. Como podemos evitar este perigo?” Como possibilidade de resposta, propôs um itinerário em que penetrando, nós mesmos, no centro da nossa existência e familiarizando-nos com as complexidades de nossa vida interior, possa ser o início de um alicerce espiritual. “Assim que nos sentirmos em casa, em nossa própria casa, descobriremos os recantos escuros bem como os pontos luminosos, as portas fechadas bem como as salas arejadas, nossa confusão irá evaporar-se, nossa ansiedade diminuirá e nos tornaremos capazes de trabalhos criativos” que levem à articulação de vida interior.⁴⁹

Nouwen segue sua percepção dizendo que a pessoa que sabe articular os movimentos íntimos de sua vida interior, que sabe dar nome às suas variadas experiências, é capaz de remover, devagar e consistentemente, os obstáculos que impedem a entrada do Espírito. Ele é capaz de criar espaço para o Senhor, cujo coração é maior que o seu, cujos olhos veem mais que os seus e cujas mãos podem curar mais que as suas. A base para uma liderança espiritual é a capacidade de a pessoa articular a própria experiência, pois só assim, poderá oferecer a si mesma para os outros, como fonte de esclarecimento, como fé articulada à disposição daqueles e daquelas que pedem sua ajuda; é ser um servo dos servos, um líder do bem.

Muitas são as formas e definições do termo liderança. Mas como definir e relacionar liderança e espiritualidade? O escritor James C. Hunter defende a tese de que liderança é uma habilidade que precisa ser praticada diariamente. Os líderes devem ter caráter, uma base espiritual muito forte e a consciência de que liderança não é poder, e sim autoridade, conquistada com amor, dedicação e respeito pelas

⁴⁷ DGAE, 95. Pela oração cotidiana, os membros da comunidade se sentem consolados, redescobrem sua dignidade de filhos e filhas de Deus, tomam consciência de que são colaboradores de Deus na missão e são impelidos a saírem ao encontro das pessoas e à prática da misericórdia.

⁴⁸ Henri Jozef Machiel Nouwen foi um católico holandês, teólogo, padre e escritor, autor de 40 livros sobre vida espiritual.

⁴⁹ NOUWEN, Henri J. M. **O sofrimento que cura**: por meio de nossos próprios ferimentos, podemos nos tornar fonte de vida para o outro. São Paulo: Paulinas, 2001. p. 62-63.

pessoas; é serviço, é um estilo de vida, é um hábito. James define liderança como “[...] a habilidade de influenciar pessoas para trabalharem entusiasticamente visando objetivos comuns, inspirando confiança por meio da força do caráter”.⁵⁰

O dicionário define habilidade como a “característica ou particularidade daquele que é hábil; capacidade, destreza, agilidade”,⁵¹ logo, precisa muita motivação, treino e disciplina para o seu melhor por meio da educação e da combinação do desejo, dos instrumentos e as ações apropriadas.⁵² A relação entre este treino da liderança e da espiritualidade, nesta pesquisa, pretende ser uma orientação prática e metodológica para a pessoa surda.

2.4 ESPIRITUALIDADE E LIDERANÇA

Espiritualidade e liderança quando bem conjugadas possuem uma força orientadora para pessoas de perto e de longe, para dentro de si e para largos horizontes, algo muito importante para a permanente manutenção da casa. Esta é, pode-se dizer, a esperança que nutre tantos caminheiros de Vida. Uma pessoa que se coloca em marcha diária na prática de liderar, realiza uma significativa influência para o bem, seja consigo e com as outras pessoas, tocando profundamente na essência da espiritualidade, o entusiasmo.⁵³ Seguem algumas marcas destas lideranças para o hoje e para o amanhã, segundo Nouwen.⁵⁴ Estas marcas pretendem alcançar a Comunidade surda em suas descobertas espirituais.

⁵⁰ HUNTER, James C. **O monge e o executivo** – uma história sobre a essência da liderança. Tradução Maria da Conceição Fornos de Magalhães. Rio de Janeiro: Sextante, 2004. p. 18.

⁵¹ DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. Verbetes: habilidade. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/habilidade/>>. Acesso em: 5 jul.

⁵² HUNTER, James C. **Como se tornar um líder servidor** – Os princípios de liderança de o monge e o executivo. Tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. 2. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2006. p. 25.

⁵³ Com relação à etimologia, a palavra entusiasmo se deriva do grego “enthousiasmos” que significa “ter um deus interior” ou “estar possuído por Deus”. ENCICLOPÉDIA SIGNIFICADOS [Online]. Verbetes: entusiasmo. Disponível em: <[⁵⁴ Quando procuramos pelas implicações de nosso prognóstico para o ministério cristão do futuro, parece que três papéis necessitam de atenção especial: líder como articulador dos eventos interiores; líder como homem compassivo; líder como contemplativo crítico. NOWEN, 2001, p. 61.](https://www.significados.com.br/entusiasmo/#:~:text=Com%20rela%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A0%20etimologia%2C%20a,esta%20experimental%20uma%20paix%C3%A3o%20excessiva.>>. Acesso em: 5 jul.</p></div><div data-bbox=)

2.4.1 Líder articulador de eventos interiores

Aqui a palavra-chave é articulação. A pessoa que sabe articular os movimentos de sua vida interior, que consegue remover, devagar e consistentemente, os obstáculos que impedem a entrada e a permanência do Espírito, descobre que Deus tem o coração maior que o seu e que Suas mãos curam mais do que as suas. Somente quem for capaz de articular a própria existência/experiência poderá oferecer a si mesmo aos outros. Esta força interior é pura iniciativa de Deus na vida de cada pessoa, inspirando-lhe a dilatar seu espaço interior para este Encontro com o Divino que habita toda pessoa. A certeza que a presença de Deus habita todo ser humano, sem distinção e por pura criatividade do Criador, confirma que Ele se comunica com a pessoa surda de uma forma ímpar e natural. Proporcionar espaços para que a pessoa surda comunique o que lhe foi comunicado é deixá-la ser líder dentro de si e para os seus pares. A presença deste líder pode levar a pessoa acompanhada por caminhos de mais vida e possibilitar a distinção entre espíritos criativos e espíritos destrutivos.

Por isso, a primeira e mais básica tarefa do ministro do amanhã é desvanecer a imensa confusão que pode surgir quando as pessoas mergulham em seu mundo interno. Este encontro humano profundo, no qual a criatura quer colocar a sua fé e dúvida, sua esperança e desespero, sua própria luz e escuridão à disposição daqueles que desejam encontrar um caminho, em meio à confusão, para tocar o sólido âmago da vida, isto requer do líder a coragem de ser um explorador do novo território em si mesmo e de articular suas descobertas como um serviço pastoral.⁵⁵

2.4.2 Liderança compassiva

A pessoa compassiva fica no meio do povo, mas não se deixa arrastar pelas forças conformistas do grupo de companheiros, porque, por meio de sua compaixão, é capaz de evitar a distância da piedade, bem como a exclusividade da simpatia. A compaixão é autoridade, pois não tolera as pressões dos grupos particulares, mas atravessa os limites entre linguagens e países, ricos e pobres, educados e analfabetos, conforme Nouwen aponta aos seus leitores. Ele segue dizendo que pela

⁵⁵ NOUWEN, 2001, p. 66.

compaixão é possível reconhecer que a sede de amor e a crueldade do mundo reside também nos próprios corações humanos e seus impulsos; pela compaixão, também, sente-se esperança por perdão, quando o ódio circunda o cotidiano da vida.⁵⁶

A pessoa compassiva necessita ciência de sua formação e treino para este serviço. A tarefa do líder compassivo é ser um contemplativo de coração, apresentar o melhor em cada pessoa e conduzi-la avante para mais humanização.⁵⁷

Esta liderança pode auxiliar a comunidade surda na superação de um processo evangelizador doutrinário e polarizador – bem e mal, Deus gosta e Deus não gosta, céu e inferno – para formação de um Deus encarnado no humano em Jesus de Nazaré que soube relacionar-se com as diferentes realidades de seu tempo, apresentando um Deus misericordioso.

2.4.3 Liderança contemplativa crítica

A pessoa que descobriu em si a voz do Espírito e redescobriu, com compaixão, seus semelhantes pode ser capaz de olhar de um modo diferente para as pessoas que encontra. Pode revelar os primeiros esboços do novo mundo, ocultos pelo véu da vida cotidiana, assim segue Nouwen.⁵⁸ Este olhar oferece a possibilidade de trazer para uma posição de mais destaque a real beleza da pessoa humana e de seu mundo, que é sempre diferente, sempre fascinante e sempre novo.⁵⁹

O líder contemplativo crítico é chamado a ajudar os outros, a solidarizar-se, a afirmar essa grande novidade e a tornar visível, em eventos diários, o fato de que, atrás da cortina de tantas feridas e sofrimentos, existe algo de grande para ser visto: a face de Deus, à cuja imagem fomos criados. Na realidade, o líder contemplativo crítico será um revolucionário no sentido mais concreto, porque testando tudo o que vê, sente e toca por causa do Evangelho, é capaz de alterar o curso da história e conduzir para fora das situações desumanas, para a criatividade que construirá um mundo melhor; tem coragem de arrancar a máscara ilusória do mundo manipulador e mostrar qual é a verdadeira situação; não tem receio pois é livre para fazer o que

⁵⁶ NOUWEN, 2001, p. 68.

⁵⁷ NOUWEN, 2001, p. 69.

⁵⁸ NOUWEN, 2001, p. 71-74.

⁵⁹ NOUWEN, 2001, p. 71.

precisa ser feito, não obstante os riscos envolvidos; procurará os sinais de esperança; terá a sensibilidade para observar a pequena semente de mostarda e tem a fé de acreditar em sua potencialidade; é uma pessoa de esperança que vive com a inabalável convicção de que agora está vendo apenas um obscuro reflexo em um espelho, mas que, um dia, verá o futuro face a face.⁶⁰

A partir deste olhar atento às realidades é que será possível perceber as diferenças e diversidades na humanidade, dentre elas, as pessoas com deficiência, em destaque nesta pesquisa, as Pessoas Surdas. O encontro com estas pessoas provoca muitas perguntas na prática da vida-missão da Igreja Católica: se a espiritualidade leva à comunhão, como explicar a falta de acessibilidade para que as pessoas surdas conheçam a Palavra e celebrem em sua própria língua? Uma Igreja tão antiga, como ainda não declarou acolhida visível para as pessoas com deficiência possibilitando e orientando famílias, comunidades e sociedade ao respeito e acolhida aos diferente, superando a visão capacitista? Como formar lideranças surdas neste espaço eclesial? Quais sinais da espiritualidade da pessoa surda poderão oferecer este olhar sensível das lideranças católicas, a ponto de se encorajar em ser acessível?

A partir do próximo capítulo, o convite é adentrar no universo da comunidade surda, a qual é a principal destinatária desta pesquisa que tem o objetivo atual e futuro de construir um espaço na casa da espiritualidade em que a pessoa surda possa compor cada detalhe deste ambiente acessível e aberto. Que neste, haja conhecimento, esclarecimento, informação e vivência prática da espiritualidade, a ponto de o Mistério Criativo do Criador ser reconhecido nestas pessoas com sua vitalidade comunicativa, sua Identidade e Cultura, conforme seguem.

2.5 CONCLUSÃO

Neste capítulo, analisei os aspectos acerca da espiritualidade e de aportes da liderança espiritual que respeite as características da comunidade surda. Busquei considerar a relação entre o sentido da vida e espiritualidade, muitas vezes encarados separadamente. No próximo capítulo, faço considerações acerca da história da educação da pessoa surda ao longo da história, trazendo para a discussão os conceitos de identidade, cultura e comunidade surda. Essa abordagem é importante

⁶⁰ NOWEN, 2001, p. 74.

para o escopo desta pesquisa porque apresenta a relevância do processo de emergência da luta por reconhecimento da comunidade surda e suas dificuldades e intermitências existenciais no processo de construção de uma autoidentidade enquanto pessoas capazes de se localizarem no mundo desde sua surdez como algo a ser reconhecido como próprio e não algo compreendido desde a percepção audista.⁶¹ A surdez, como procuro demonstrar, segundo a literatura especializada, não se trata de uma condição clínica, ontológica e cognitiva, mas uma forma de construção cultural, antropológica e social que articula eventos interiores, espirituais que formam lideranças servidoras da justiça, dos direitos, da espiritualidade e de espaços acessíveis.



⁶¹ LARA, 2021.

3 HISTÓRIA, IDENTIDADE, CULTURA E COMUNIDADE SURDA

3.1 INTRODUÇÃO

Quando o assunto é pessoa surda, faz-se necessário identificar os termos mais adequados e atualizados ao tocar na questão da surdez. Neste capítulo, o objetivo é abordar, aproximar algumas definições importantes para a identidade surda, sua cultura e comunidade. A perspectiva é a de oferecer aos leitores uma informação mais assertiva, que promova acolhimento, convivência natural e digna com as pessoas surdas.

A estrutura do capítulo seguirá com a metáfora da casa da espiritualidade, agora apresentando uma nova sala, ainda em organização, contendo caixas fechadas à espera de serem abertas; estas estão nomeadas para este novo espaço, cada caixa está identificada com as palavras: identidade surda, cultura surda e comunidade surda. Aqui vale um princípio básico da espiritualidade, pois requer a formação de pessoa humana que se forma na relação, ora com seus pares, ora com quem é diferente e, é neste respeito, que a beleza criadora se revela.

3.2 ASPECTOS DA HISTÓRIA EM QUE OS SURDOS VIVERAM

Como a pesquisa quer ser um instrumento de conhecimento, reflexão e estímulo para um olhar atento à presença das pessoas surdas na Igreja Católica, quero aqui apresentar um panorama histórico de como essa igreja foi apresentada e representada na comunidade surda. Para tanto, tomarei algumas indicações importantes a respeito da história da cultura surda e suas implicações.⁶²

3.2.1 A pessoa surda na Antiguidade

Esta história foi marcada pelo descarte dos surdos que, além de serem desacreditados, eram atirados de penhascos e de navios em alto-mar. Na antiguidade, “os chineses lançavam os surdos ao mar, os gauleses sacrificavam aos deuses

⁶² SILVA, Cesar Augusto de Assis. **Cultura Surda: agentes religiosos e a construção de uma identidade**. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2ª edição, p. 39 ss, 2012.

Teutes, em Esparta eram lançados dos altos de rochedos”.⁶³ Os egípcios e os persas tomavam as pessoas surdas como não educáveis, embora elas fossem consideradas especiais,⁶⁴ como bem salienta Strobel:

Para os países Egito e Pérsia, os surdos eram considerados como sujeitos privilegiados enviados dos deuses, porque pelo fato dos surdos não falarem e viverem em silêncio, eles achavam que os sujeitos surdos conversavam em segredo com os deuses numa espécie de meditação espiritual. Havia um possante sentimento de respeito, protegiam e ‘adoravam’ os surdos, todavia os sujeitos surdos eram mantidos acomodados sem serem instruídos e não tinham vida social.⁶⁵

Na Grécia, Hipócrates (c. 460- c. 377 a.C), o pai da medicina, acreditava que os fluidos formados no cérebro, responsáveis pela audição, se escoavam pelo canal auditivo e formava purulência no ouvido.⁶⁶ Silva argumenta, em sua tese, que Aristóteles surge como um filósofo que teria duvidado da capacidade de reflexão dos surdos, devido à ausência da oralidade nessas pessoas. De fato, para o filósofo o que caracterizaria a capacidade do ser humano seria a sua possibilidade de articular a linguagem falada.⁶⁷ O pensador grego considerava a linguagem como fundamental para o desenvolvimento do pensamento e da razão. A ausência da fala e da audição, segundo ele, impedia o acesso à linguagem e, conseqüentemente, limitava o potencial intelectual das pessoas surdas. Em alguns momentos, Aristóteles associava a surdez à irracionalidade e à animalidade, sugerindo que as pessoas surdas eram menos capazes de raciocinar e tomar decisões racionais.⁶⁸ A visão de Aristóteles negligenciava o potencial intelectual das pessoas surdas que, ao longo da história, demonstraram sua capacidade de aprender, criar e contribuir para a sociedade de diversas maneiras. As pessoas surdas eram excluídas de obterem heranças e de participar de assembleias.

⁶³ RASBOLT, Junior; CARVALHO, Taísa. O surdo na caverna. **Travessias**, ed. XII. Cascavel, v. 5, n. 2, p. e5384, 2011. p. 536. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/5384>>. Acesso em: 2 jul. 2024.

⁶⁴ CABRAL, E. **Para uma cronologia da educação dos surdos**. Porto, 2001. Disponível em: <http://www.sj.cefetsc.edu.br/~nepes/docs/Midiateca_artigos/historia_educacao_surdos/texto59.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2024.

⁶⁵ STROBEL, Karin L. **Surdos: Vestígios não Registrados na História**. Tese de Doutorado em Educação UFSC. Florianópolis: 2008. p. 82. Disponível em: <<http://www.ronice.cce.prof.ufsc.br>>. Acesso em: 3 jul. 2024.

⁶⁶ RASBOLT; CARVALHO, 2011.

⁶⁷ ARISTÓTELES. **A política**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1991.

⁶⁸ VELOSO, Éden; MAIA FILHO, Valdecil. **Aprenda LIBRAS com eficiência e rapidez**. v.1. Curitiba: Mãos Sinais, 2009. p. 21.

Berthier fala o seguinte sobre a maneira como os antigos tratavam as pessoas surdas:

Inicia a história na antigüidade, relatando as conhecidas atrocidades realizadas contra os surdos pelos espartanos, que condenavam a criança a sofrer a mesma morte reservada ao retardado ou ao deformado: "A infeliz criança era prontamente asfixiada ou tinha sua garganta cortada ou era lançada de um precipício para dentro das ondas. Era uma traição poupar uma criatura de quem a nação nada poderia esperar".⁶⁹

Pela citação acima, percebe-se que o tratamento dado às pessoas surdas na Grécia Antiga era complexo e variado, marcado por discriminação, marginalização e até mesmo extermínio, mas também por exemplos de inclusão e reconhecimento. É importante ressaltar que a experiência individual de cada pessoa surda era influenciada por diversos fatores, como sua classe social, família e local de residência. A sua exclusão e discriminação ocorria por causa de uma visão negativa da pessoa surda. A surdez era frequentemente vista como uma deficiência física e intelectual, associada à loucura, mudez e incapacidade de raciocinar, isso conduzia à marginalização social. As pessoas surdas eram excluídas da vida pública e privada, tendo dificuldades para acessar educação, trabalho e participação política. Não raros eram os abandonos e infanticídios, em alguns casos, bebês nascidos surdos eram abandonados ou até mesmo mortos, considerados um fardo para suas famílias. Havia mesmo a produção de leis restritivas, as quais podiam limitar os direitos das pessoas surdas, como o direito de herança ou de contrair matrimônio. A inclusão, menos frequente, era observada em certos casos. Há exemplos de inclusão e reconhecimento. Comunidades surdas, apesar da marginalização geral, existiam e se apoiavam mutuamente e desenvolviam suas próprias formas de comunicação. Isso possibilitava a inclusão de algumas pessoas surdas em profissões que não exigiam audição, como agricultura, artesanato ou como mensageiros.

Filósofos como Platão e Aristóteles defendiam a exclusão das pessoas surdas da vida pública, argumentando que sua falta de audição as impedia de participar plenamente da sociedade. Outros filósofos, como Sócrates, reconheciam a capacidade intelectual das pessoas surdas e defendiam a importância da comunicação para o desenvolvimento humano. O tratamento dado às pessoas surdas na Grécia Antiga mudou ao longo do tempo. No período clássico (séculos V e IV a.C.),

⁶⁹ BERTHIER, 1984, p.165.

a exclusão e a discriminação eram mais intensas. Já no período helenístico (séculos III e II a.C.), alguns exemplos de inclusão e reconhecimento podem ser observados. É importante lembrar que a história das pessoas surdas na Grécia Antiga é fragmentada e complexa, com diversas nuances e contradições. É fundamental evitar generalizações e reconhecer a diversidade de experiências vividas por cada indivíduo.

Essas crenças comuns para época faziam com que os gregos não dessem educação aos surdos, e os mesmos viviam sozinhos, isolados e marginalizados. Os romanos os viam como seres imperfeitos, sem direito de pertencer à sociedade, era comum lançarem as crianças surdas ao Rio Tigre para que as ninfas cuidassem delas.⁷⁰

Embora a história das pessoas surdas na antiga Grécia seja marcada por conceituações excludentes, houve quem as percebesse com dignidade.⁷¹ “Entretanto, mesmo em meio a uma profunda discriminação, Sócrates, um dos mais notáveis filósofos gregos, no ano de 360 a. C afirmou ser aceitável que os surdos tivessem uma comunicação que utilizasse o corpo e as mãos”.⁷²

No Império Romano (27 a.C. - 476 d.C.), a vida das pessoas surdas era marcada por discriminação, marginalização e sofrimento. A sociedade romana, permeada por valores como a oratória, a participação pública e a comunicação verbal, via a surdez como uma deficiência grave que limitava severamente as oportunidades e o reconhecimento social. Sêneca dizia o seguinte a respeito da exclusão das pessoas surdas:

Matam-se cães quando estão com raiva; exterminam-se touros bravios; cortam-se as cabeças das ovelhas enfermas para que as demais não sejam contaminadas; matamos os fetos e os recém-nascidos monstruosos; se nascerem defeituosos afogamo-los, não devido ao ódio, mas à razão, para distinguirmos as coisas inúteis das saudáveis.⁷³

⁷⁰ RASBOLT; CARVALHO, 2011, p. 536.

⁷¹ SACKS, Oliver. **Vendo Vozes**: uma viagem ao mundo dos Surdos. Rio de Janeiro: Imago editora, 1990. p. 29.

⁷² História dos Surdos no Brasil e no Mundo. **Academia de Libras**, dez. 2023. Disponível em: <<https://mirandalibrassemfronteiras.weebly.com/-histoacuteria-dos-surdos.html>>. Acesso em: 3 jul. 2024.

⁷³ MIRANDA, Rizoaldo Costa. História dos surdos. **Mirandalibras**. Disponível em: <<https://academiadelibras.com/blog/historia-dos-surdos/#:~:text=A%20hist%C3%B3ria%20dos%20surdos%20passa,pela%20sociedade%20como%20um%20todo.>>>. Acesso em: 3 jul. 2024.

Os fatores que contribuíam para a discriminação estavam localizados na visão determinista da crença na predeterminação do destino e na falta de livre arbítrio que influenciava a percepção da surdez como uma condição imutável e inferior.

Mais tarde, Santo Agostinho defendeu a ideia de que os pais de filhos surdos estavam a pagar por algum pecado que haviam cometido. Acreditava que os surdos podiam se comunicar por meio de gestos, que, em equivalência à fala, eram aceitos quanto à salvação da alma. E, os cristãos, até à Idade Média, acreditavam que os surdos, diferentemente dos ouvintes, não possuíam uma alma imortal, uma vez que eram incapazes de proferir os sacramentos.⁷⁴

Outra questão que tornava a pessoa surda desprivilegiada no Império Romano era que a oratória era muito valorizada. A habilidade de falar era crucial para o sucesso na vida pública e privada romana. A surdez, por impedir a fala, era vista como um impedimento para a participação social e política. Os romanos se consideravam os herdeiros civilizacionais da filosofia grega. As ideias de filósofos gregos como Platão e Aristóteles, que consideravam a surdez como uma deficiência intelectual, também influenciavam a visão romana. E isso era piorado pela falta de um conhecimento médico mais acurado. A causa da surdez era pouco compreendida, o que alimentava superstições e crenças negativas.

Era comum lançarem as crianças surdas ao rio Tibre, para serem cuidados pelas Ninfas. Já o imperador Justiniano, em 529 a.C., criou uma lei que impossibilitava os surdos de celebrar contratos, elaborar testamentos e até de possuir propriedades ou reclamar heranças (com exceção dos surdos falantes). Em Constantinopla, as regras para os surdos eram basicamente as mesmas. No entanto, lá, os surdos realizavam algumas tarefas, tais como o serviço de corte, como pajens das mulheres, ou como bobos, de entretenimento do sultão.⁷⁵

A ausência de uma linguagem de sinais padronizada dificultava a comunicação entre pessoas surdas e ouvintes, contribuindo para o isolamento e a marginalização. Pessoas surdas eram frequentemente excluídas da vida social, educacional e religiosa. O acesso ao trabalho era limitado, com poucas oportunidades de emprego digno e bem remunerado. A visão sobre a surdez foi mudando ao longo do Império Romano. No início, a discriminação e a exclusão eram predominantes. No entanto,

⁷⁴ SILVA, Edvaldo Feliciano da; CAMPOS, Marineide Furtado. O percurso dos surdos na história e a necessidade da Libras para a inclusão dos sujeitos na escola. JOIN: Encontro Internacional de Jovens Investigadores, Edição Brasil, 2017. p. 7. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/join/2017/TRABALHO_EV081_MD1_SA144_ID1281_12092017192714.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2024.

⁷⁵ SILVA; CAMPOS, 2017, 7.

com o tempo, exemplos de inclusão e reconhecimento começaram a surgir, principalmente em contextos religiosos e monásticos. É importante lembrar que a história das pessoas surdas no Império Romano é fragmentada e complexa, com diversas nuances e contradições. Ao mesmo tempo que havia avanços intermitentes, percepções equivocadas eram elaboradas.

No cristianismo, havia dubiedades presentes na maneira de lidar com as pessoas surdas. A surdez acabou, ao longo do desenvolvimento do cristianismo, por ser uma condição impeditiva aos sacramentos.

Aos surdos era proibido receber a comunhão por serem considerados incapazes de confessar seus pecados. Também havia decretos bíblicos contra o casamento de duas pessoas surdas, só sendo permitido aqueles que recebiam autorização do Papa. Também existiam leis que proibiam os surdos receber heranças e votar e, enfim, de todos os direitos de cidadãos.⁷⁶

O trato com pessoas excluídas era algo, na perspectiva dos Evangelhos, sob a noção da manifestação do divino como demonstração da ação dentro da história, como se pode perceber na passagem de João 9,1-2:

E, passando Jesus, viu um homem cego de nascença. E os seus discípulos lhe perguntaram, dizendo: Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego? Jesus respondeu: Nem ele pecou nem seus pais; mas foi assim para que se manifestem nele as obras de Deus.

A presença da pessoa surda na comunidade cristã é evidente, seja pela simples forma de exclusão experienciada pelas comunidades do cristianismo primitivo, seja pela perspectiva segundo a qual Jesus curaria os enfermos e endemoninhados para manifestar o tempo de Deus. No entanto, mais do que isso, com o passar do tempo e a criação das comunidades de vertente apocalíptica, os mosteiros, possibilitou que o silêncio – como forma de purificação – fosse valorizado como expressão de espiritualidade. Isso permitiu a criação de códigos de sinais que abririam mais tarde a perspectiva de uma língua de sinais.

3.2.2 A pessoa surda na Idade Média

O cristianismo foi fundado sob muitas perseguições e provações. Mortes nas arenas, incompreensões por parte das autoridades romanas, divergências com as

⁷⁶ VELOSO; MAIA FILHO, 2009, p. 23.

lideranças religiosas judaicas, divisões familiares e recusa ao culto do imperador fizeram com que muitas das comunidades do cristianismo primitivo fossem forçadas na resistência e na expectativa escatológica, ainda que não fosse uma situação generalizada. O fato, todavia, é que se passou a valorizar a ideia de sofrimento como caminho para a salvação.

Para os devotos, o martírio traduzia-se simbolicamente em graça pelos pecados cometidos, pavimentando o caminho da salvação. Depois que a fé cristã passou a ser reconhecida no Império Romano, fechou-se um espaço de penitência que era visto como caminho para a glória. Uma alternativa auto-imposta equivalente precisou ser criada, com outras formas de sofrimento: o isolamento social, a vida asceta, a castidade, o jejum, o trabalho árduo e, ainda, o silêncio. Nos mosteiros, os devotos buscavam viver em isolamento, imitando a prática dos santos eremitas do deserto egípcio, buscando a perfeição por meio da oração e do jejum.⁷⁷

A vida monástica no cristianismo teve suas origens no final do século III e início do século IV, na região do deserto do Egito. Um dos seus líderes pioneiros foi Antão do Egito, considerado o pai do monasticismo. Antão (c. 251-356 d.C) se retirou para o deserto para viver uma vida de oração, ascetismo e meditação.⁷⁸ Pacômio (c. 292-348) foi outra liderança monástica, ele fundou o primeiro mosteiro cenobítico, onde monges viviam em comunidade sob uma regra comum. E houve ainda Evágrio Pôntico (c. 346 – 399/400, no Egito), um estudioso e escritor, que contribuiu para o desenvolvimento da teologia monástica e da espiritualidade ascética. As motivações para o surgimento do monasticismo são variadas e difíceis – muitas vezes – de serem reconstruídas, mas algumas indicações podem ser elencadas, tais como i) fuga do mundo: os monges buscavam se afastar das tentações e dos vícios da vida mundana para se dedicar à vida espiritual; ii) busca por Deus: desejavam ter uma vida de contemplação e união com Deus através da oração, meditação e ascetismo; iii) crescimento espiritual: buscavam o aperfeiçoamento moral e espiritual através da disciplina, do estudo das escrituras e da prática da caridade. As formas de Monasticismo mais conhecidas foram a do Eremitério - na qual os monges viviam sozinhos em suas celas, dedicando-se à oração e ao trabalho manual -, a de Cenóbio

⁷⁷ REILY, L. O papel da Igreja nos primórdios da educação dos surdos. **Revista Brasileira De Educação**, 12(35), 308–326, 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-24782007000200011>>. Acesso em: 2 jul. 2024.

⁷⁸ SANTO ATANÁSIO. **Vida de Santo Antão**. Bibliotheca Patristica. Petrópolis-RJ: Mosteiro da Virgem, [s/d]. Disponível em: <https://sumateologica.wordpress.com/wp-content/uploads/2010/02/atanasio_vida_de_santo_antao.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2024.

- na qual os monges viviam em comunidade sob uma regra comum, dividindo tarefas e responsabilidades - e a do movimento ascético, que enfatizava a austeridade, a autodisciplina e o jejum como meios de alcançar a santidade. O monasticismo contribuiu para o desenvolvimento da teologia, especialmente através da mística e da ascética. Contribuiu para a preservação do conhecimento, pois os mosteiros se tornaram centros de preservação e difusão do conhecimento, copiando e traduzindo manuscritos antigos, além da assistência social, que caracterizou a ideia de monastério cristão baseado na prática da caridade aos pobres e doentes.

O monasticismo se difundiu também pelo Ocidente, sendo São Jerônimo um dos seus grandes promotores, finalizando em 384 d.C. a tradução da Bíblia do hebraico e do grego para o latim, que ficou conhecida como *Vulgata*.⁷⁹ Desta forma, o monasticismo se desenvolveu sob duas grandes tradições, a Oriental, centrada em Constantinopla, redundando mais tarde na Igreja Ortodoxa; e a Ocidental, cristalizando-se na Igreja Romana.⁸⁰ No âmbito do formato das regras, ficaram conhecidas também pela distinção Oriental e Ocidental, sendo a primeira regida pelas Regras Monásticas de São Basílio (c. 330-379 d.C.); e a segunda pelas Regras de São Bento (baseadas nas Regras de São Basílio) (c. 480-550 d.C.).

As comunidades monásticas eram autossuficientes, e por isso acolhiam não apenas noviços, mas também artesãos e trabalhadores capacitados em toda esfera necessária para a sobrevivência básica, dentro dos padrões de simplicidade daquela opção de vida. À medida que os mosteiros cresciam, foi preciso estabelecer regras de convivência e trabalho, já que no início os agrupamentos se localizavam em áreas distantes e inacessíveis, muitas vezes inóspitas. Os dois movimentos monásticos (oriental e ocidental) seguiam regras que instituíam o *voto do silêncio*, coerente com os objetivos de promover a oração e reflexão. O monasticismo adentrou o período medieval e fecundou a perspectiva de que o silêncio não era um castigo ou simples punição, mas era uma forma de espiritualidade que conduzia o fiel à piedade desejada por Deus. O silêncio era agora contraposto ao falar imprudente. O silêncio monástico, dessa forma, imprevistamente pavimentou a construção das línguas de sinais que serão elaboradas na modernidade.

⁷⁹ WALKER, Williston; NORRIS, Richard A.; LOTZ, David W.; HANDY, Robert T. **História da Igreja Cristã**. 3. ed. São Paulo, SP: ASTE, 2006.

⁸⁰ BAINTON, Roland H. **Christendom: A Short History of Christianity and Its Impact on Western Civilization**. New York: Harper & Row, 1966. 2 v.

Nesse sentido, ao longo da Idade Média (séculos V a XV), a compreensão da surdez foi complexa e marcada por contradições. De um lado, preconceitos e discriminações eram comuns, associando a surdez à inferioridade intelectual, moral e social. Do outro lado, exemplos de inclusão e reconhecimento também podem ser encontrados, principalmente em contextos religiosos e monásticos, nos quais o silêncio não era mais tomado como uma pura exclusão, mas como exemplo de espiritualidade, ajudando assim as pessoas surdas a serem incluídas mais facilmente.

Os fatores que haviam influenciado a visão sobre a surdez estavam marcados por visões religiosas que a viam frequentemente como uma punição divina ou um sinal de maldade. Essa visão influenciava o tratamento dado às pessoas surdas, que podiam ser marginalizadas ou até mesmo excomungadas da Igreja. Além disso, as ideias de filósofos gregos, como o já mencionado Aristóteles, que consideravam a surdez como uma deficiência intelectual, também influenciavam a percepção da sociedade medieval. Direitos como herança, casamento e filiação podiam ser negados ou restringidos para pessoas surdas. A surdez era vista como uma marca de inferioridade, levando à estigmatização e ao preconceito contra as pessoas surdas.

Em alguns mosteiros, pessoas surdas podiam encontrar refúgio e oportunidades de educação e trabalho. A linguagem de sinais era utilizada em alguns casos para facilitar a comunicação. Porém, ainda foi comum, neste período, segregar as pessoas surdas em asilos, apartados da sociedade.⁸¹ No entanto, foi nessa época que se começou a ter mais inclusão das pessoas surdas, que podiam se destacar em artes e ofícios manuais, como pintura, escultura e carpintaria. Apesar da marginalização geral, comunidades de pessoas surdas se formavam, oferecendo apoio mútuo e preservando sua cultura e linguagem.

A visão sobre a surdez foi mudando. Ainda que houvesse aqui e ali proposições interessantes como o registro do ensino, pela primeira vez, de uma pessoa surda a se comunicar alfabeticamente, em 700 d.C., por John Beverley,⁸² considerado por muitos como o primeiro educador de surdos, é apenas na Idade Moderna, com a irrupção da ciência que se avançará na educação das pessoas surdas. No final da Idade Média, o médico Girolano Cardano (1501-1576) se contrapôs ao que dizia Aristóteles acerca das pessoas surdas, teorizando que a audição e o uso da fala não seriam essenciais

⁸¹ SILVA, 2012, p. 39.

⁸² CARVALHO, Paulo Vaz ded. **História dos Surdos no Mundo**. Lisboa: Editora Surd'Universo, 2007. p. 5.

à compreensão das ideias e que a surdez seria muito mais uma barreira à aprendizagem do que uma condição mental. A pessoa surda era capaz de pensar e engendrar o pensamento racional.

3.2.3 A pessoa surda na Idade Moderna

A maioria dos historiadores concorda que o verdadeiro início do ensino de crianças surdas começou no século XVI na Espanha. Naquela época, a Espanha era um dos países mais poderosos do mundo e talvez um dos mais ricos. A Espanha era governada por muitas leis que se baseavam nas antigas leis romanas (Código Justiniano). O Código Justiniano fez a distinção entre surdez pré-lingual e pós-lingual. Aqueles que perderam a audição depois de terem aprendido a falar e escrever poderiam manter todos os seus privilégios de cidadania. Aqueles que nasceram surdos e não puderam falar ou escrever precisavam ter tutores e não podiam fazer testamentos ou criar propriedades.⁸³

Pedro Ponce de León, nascido em Valladolid, Espanha, em 1520, e falecido em Medina de Rioseco, Espanha, em 1584, foi um monge beneditino espanhol considerado o primeiro educador de pessoas surdas da história. Ele iniciou um trabalho pioneiro na educação de crianças surdas.

Ponce constituiu uma escola para Surdos em seu próprio monastério. Utilizava, para educar seus alunos, um alfabeto bi-manual – utilizando ambas as mãos – e alguns sinais simples. No entanto, Gomes (2008, p.9) afirma que “Dessa forma, com o alfabeto bi-manual o estudante aprendia a soletrar, letra por letra, qualquer palavra, mas não a se comunicar”.⁸⁴

Para entendermos esse marco histórico, é fundamental analisar o contexto social, cultural e religioso da época, que, apesar de permeado por desafios, também apresentava oportunidades e fatores favoráveis à iniciativa de Ponce de León.

Os fatores que contribuíram para o trabalho de Ponce de León podem ser elencados da seguinte maneira:

- 1) Mudanças na visão da surdez.

⁸³ SCOUTEN, Edward. **Turning points**. Danville, IL: The Interstate Printers & Publishers, Inc., 1984. p. 8.

⁸⁴ CONRAD, Katia Regina. Educação e Surdez: Um Resgate Histórico pela Trajetória Educacional dos Surdos no Brasil e no Mundo. **Revista Virtual de Cultura Surda e Diversidade**, Edição nº 08, 2011. Disponível em: <<https://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=7&idart=93>>. Acesso em: 4 jul. 2024.

O declínio da visão determinista com o surgimento do Humanismo e da Renascença: a crença na predeterminação absoluta do destino e na falta de livre arbítrio começou a ser questionada, abrindo espaço para a ideia de que a educação poderia auxiliar pessoas com surdez. A influência humanista, com sua valorização do indivíduo e da capacidade humana, influenciou a percepção da surdez como uma condição com potencial para ser superada.

2) Busca por soluções educacionais.

Crescimento da Imprensa: a invenção da imprensa facilitou a produção e circulação de livros, incluindo obras sobre educação e pedagogia, o que pode ter inspirado Ponce de León. O interesse na educação de minorias, como mulheres e crianças pobres, pode ter contribuído para a abertura para a educação de pessoas surdas.

3) Oportunidades no âmbito religioso.

O papel da igreja: a Igreja Católica tinha um papel importante na educação na época, e alguns monges, como Ponce de León, viam a educação de pessoas surdas como uma forma de caridade e missão religiosa. Existência de Escolas Monásticas oferecia um ambiente propício para o desenvolvimento de métodos de ensino específicos para pessoas surdas.

4) Características pessoais de Ponce de León:

Inteligência e criatividade: Ponce de León era conhecido por sua inteligência, criatividade e capacidade de inovação, qualidades essenciais para o desenvolvimento de novos métodos de ensino. Sua fé religiosa e preocupação com o bem-estar social o impulsionaram a buscar soluções para a educação de pessoas surdas. Ponce de León já tinha experiência em trabalhar com crianças, o que lhe proporcionou conhecimento sobre o processo de ensino e aprendizagem.

É importante lembrar que, apesar do contexto favorável, Ponce de León também enfrentou desafios em seu trabalho. A ideia de educar pessoas surdas ainda era contestada por muitos e Ponce de León precisou superar críticas e desconfianças. Os recursos financeiros e o apoio institucional para a educação de pessoas surdas eram limitados na época. Nesse sentido, Ponce de León precisou desenvolver novos métodos de ensino específicos para as necessidades de pessoas surdas, um processo que exigiu tempo, esforço e experimentação. No entanto, é importante salientar outros fatores para o surgimento do trabalho de Ponce de León.

Frequentemente, as famílias ricas mantinham sua riqueza por meio de casamentos mistos. Não era incomum que primos se casassem com primos, mantendo assim a riqueza de uma família intacta. Um exemplo desta prática na Espanha no 1500 foi a família Velasco. A família de Velasco teve dois filhos surdos e várias filhas surdas. Com os dois filhos surdos incapazes de criar propriedades ou de escrever testamentos, a riqueza da família provavelmente cairia nas mãos de curadores, guardiões ou do governo. A família recorreu a Ponce de Leon que havia ganhado reputação por ensinar um menino surdo a ler e escrever. Com a ajuda da família Velasco, Ponce de Leon fundou a primeira escola para surdos com pelo menos os dois meninos Velasco e provavelmente algumas das irmãs como estudantes. Os dois meninos, Pedro e Francisco, tiveram sucesso em aprender a ler e escrever e também aprenderam a falar.⁸⁵ Embora não possamos ter certeza se Ponce de Leon usou linguagem de sinais ou ortografia, teria sido natural para ele ter feito isso porque os próprios monges beneditinos usaram um sistema de sinais e ortografia ao tomar votos de silêncio. Por volta de 1610, a família Velasco voltou a ter um filho surdo, e precisava educá-lo. Ao ouvir as histórias de como foram educados os tios-avós, Pedro e Francisco, o secretário da família, Juan Pablo Bonet, iniciou a procura de um professor para o jovem Luis de Velasco. A família encontrou Ramirez de Carrion, professor de articulação, que também serviu como tutor e secretário de um surdo, o Marquês de Prego.⁸⁶ Prego estava disposto a ajudar a família Velasco, permitindo que Carrion ensinasse Luis por um período de três anos, quando ele retornaria ao Maquis.

Bonet observou Carrion ensinar Luis por três anos. Depois que o mandato de Carrion expirou, Bonet tornou-se professor de Luis. Este teve muito sucesso e tornou-se um dos favoritos na corte do rei Filipe IV. Devido à sua personalidade extrovertida e charme, muitos dignitários de outros países escreveram histórias sobre Luís que inspiraram professores nos seus países a iniciar escolas para crianças surdas. Bonet publicou um livro em 1620 que continha o antigo alfabeto espanhol, que é um precursor do alfabeto usado hoje em países como os Estados Unidos da América do Norte-USA. A história da educação de Luis de Velasco chegou à Inglaterra, onde foi fundamental para estimular alguns dos pensadores mais perspicazes da Inglaterra a agir em relação à questão da surdez.⁸⁷

⁸⁵ SCOUTEN, 1984, p. 16.

⁸⁶ SCOUTEN, 1984, p. 19.

⁸⁷ SCOUTEN, 1984, p. 25.

O trabalho de Ponce de León, apesar das dificuldades, representou um marco histórico na educação de pessoas surdas. Sua iniciativa, impulsionada por um contexto social e cultural em mutação, abriu caminho para o desenvolvimento de métodos de ensino e a conquista de direitos por essa comunidade.

Somente no século XVIII, com o abade Charles Michel de l'Épée, na França, é que começou o uso da Língua de Sinais. Diz-se que ele aprendeu sinais com grupos de surdos que vagavam pelas ruas de Paris.⁸⁸ Irrompe-se a partir dali e nas últimas décadas do século XIX, um sucessivo avanço na educação para surdos. Escolas especiais foram abertas tanto na Europa como nos Estados Unidos, e era crescente o uso da Língua de Sinais, inclusive com educadores surdos. Este período da educação voltada à surdez, foi nomeado com "Idade de Ouro" e um sinal visível foi a criação em 1864, em Washington, da Gallaudet University.⁸⁹ O abade de l'Épée, influenciado pelo livro de Bonet, usou o alfabeto espanhol de Bonet para soletrar palavras para seus alunos. O que realmente diferenciava o Abade de l'Épée de outros professores de surdos da época era que ele usava os sinais que os alunos usavam para se comunicar com eles. Ele aprendeu a língua deles e depois mudou a ordem para adequar a língua francesa ao ensino. Ele começou uma escola em sua casa e acolheu alunos, aqueles que podiam pagar e aqueles que não podiam. Seus sinais floresceram em toda a França.⁹⁰

Todo este processo e avanço foi interrompido em 11 de setembro de 1880, nesta data emblemática que marca o sofrimento dos surdos. Neste dia, no Congresso de Milão em que educadores surdos de todas as partes do mundo participavam, foi definido que a educação das pessoas surdas deveria ser oralizada e houve a exclusão dos professores surdos em todo o processo educacional. Quem fomentou esta decisão foi Alexander Graham Bell, pois era favorável ao uso de novas tecnologias

⁸⁸ REILY, 2007.

⁸⁹ A Universidade Gallaudet, localizada em Washington D.C., nos Estados Unidos, é notável por ser a única universidade do mundo com programas e serviços especialmente desenvolvidos para pessoas surdas. Fundada em 1864, a instituição se destaca por sua excelência acadêmica em diversos campos, especialmente nos Estudos Surdos, área que explora a história, cultura, língua e identidade da comunidade surda. A Gallaudet oferece uma educação bilíngue, utilizando tanto a Língua Gestual Americana (ASL) quanto o inglês como meios de instrução e comunicação. Essa abordagem bilíngue promove a inclusão e o empoderamento dos alunos surdos, permitindo que eles desenvolvam todo o seu potencial acadêmico e profissional. A universidade possui um corpo docente altamente qualificado, formado em sua maioria por indivíduos surdos ou com deficiência auditiva. Esse corpo docente garante que os alunos tenham acesso a professores que compreendem profundamente suas experiências e necessidades. GALLAUDET UNIVERSITY. Disponível em: <<https://gallaudet.edu/>>. Acesso em: 9 jul. 2024.

⁹⁰ SCOUTEN, 1984, p. 70.

para o ensino da língua oral. A partir de então, a história mundial dos surdos que se seguiu até o final do século XX, foi uma história de sofrimento e opressão ao qual foram obrigados a falar. Em instituições, tiveram as mãos amarradas ou tinham que se sentar sobre as mãos para não as movimentar ou ainda, recebiam tapas se tentassem qualquer sinalização. A combinação deste controle era entre família, clínica e escolas. A situação começou a mudar quando estudos linguísticos foram comprovando o potencial da comunicação com a língua de sinais, em meados do século XX.

Padden e Humphries (1998), pesquisadores também surdos, desvendaram este mundo fascinante em que o ser surdo participa de outra cultura:

Em nosso trabalho, adotamos uma abordagem que começa não com a perda da audição, mas com o mundo cultural. Usando teorias do estudo das culturas humanas, focalizamos não sobre um relacionamento direto entre as características físicas das pessoas e seus comportamentos, mas sobre um exame do local onde estão estas características e comportamentos em sua vasta vida cultural. Numa variedade de maneiras, as pessoas Surdas têm acumulado um conjunto de conhecimentos sobre si próprios face à compreensão da sociedade maior ou incompreensão dela. Elas têm encontrado maneiras de se definirem e de se expressarem através de seus rituais, contos, performances, e encontros sociais diários. A riqueza da sua língua de sinais permite a elas as possibilidades de perspicácia, invenção e ironia. Ao explorarmos esta cultura, coletamos uma ordem de materiais que sugerem uma nova maneira para organizar as informações sobre o que significa ser surdo. Usando-se estes materiais, tentamos apresentar a cultura a partir de dentro - para descobrirmos como as pessoas Surdas se descrevem, que tipo de símbolos que elas se cercam, e como elas pensam sobre suas vidas.⁹¹

3.2.4 A pessoa surda no Brasil

Ainda na tese de Cesar, é possível encontrar o lado brasileiro nesta história como complementos na língua brasileira de sinais. Em 1855 chega ao Brasil o educador francês Eduard Huet, nobre e com deficiência auditiva. Em 1857 ele fundou, com autorização de Dom Pedro II, o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), como é denominado hoje. Este foi o primeiro lugar que surdos, de todo o Brasil,

⁹¹ PADDEN, Carol; HUMPHRIES, T. **Deaf in America**: voices from a culture. Cambridge: Harvard University Press, 1988. p. 11 apud LARA, Ana Paula G. **Experiência de Protagonismo surdo**. Dissertação. (Mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, Programa de Pós-Graduação em Educação, São Leopoldo, 2021. p. 24. Disponível em: <http://repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/9830/Ana%20Paula%20Gomes%20Lara_.pdf?sequence=3&isAllowed=y>. Acesso em: 23 set. 2024.

punderam frequentar ao longo dos séculos XIX e XX.⁹² O século XIX foi marcado por um movimento internacional em prol da educação de pessoas surdas, com a criação de escolas e o desenvolvimento de métodos de ensino específicos. O Brasil, na época do Império, era influenciado pelas ideias e práticas europeias, incluindo as relacionadas à educação. A abolição da escravidão em 1888 também contribuiu para a ampliação do acesso à educação, incluindo a educação de pessoas com deficiência.

Alguns fatos marcantes na história da educação das pessoas surdas podem ser elencados, como os que se seguem:

- 1857: Fundação do Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, a primeira escola para surdos do Brasil.
- 1908: Criação da Sociedade Brasileira de Surdos-Mudos, a primeira organização da comunidade surda no Brasil.
- 1956: Aprovação da Lei nº 2.829, que dispõe sobre a educação especial no Brasil.
- 1988: Promulgação da Constituição Federal, que inclui o termo deficientes nas Constituições e inseriu os surdos nesta categoria e garante o direito à educação de pessoas com deficiência.
- 2002: Aprovação da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI), que estabelece medidas para garantir a inclusão social das pessoas com deficiência, incluindo a educação.
- 2002: Sancionada a Lei n.º 10.436 reconhecendo a LIBRAS como meio legal de comunicação e expressão no país.

Ao longo da história, a educação de pessoas surdas no Brasil enfrentou diversos desafios, como a falta de professores qualificados, a precariedade da infraestrutura escolar e a discriminação. No entanto, também houve avanços significativos, como a expansão da rede de escolas, a melhoria da qualidade do ensino e o reconhecimento da Libras como língua oficial, em 24 de abril de 2002.

Para conhecer a história dos surdos no Brasil, é preciso acompanhar a história da educação do país. Muitas Congregações religiosas católicas fundaram escolas para atender os surdos, quase todas em regime de internato e passaram pelas etapas

⁹² ASSIS SILVA, César Augusto de. Igreja Católica e surdez: território, associação e representação política. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 32(1), p. 13-38, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rs/a/hHnRF8pmvSbMGCX3pkmfcBF/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 3 jul. 2024.

de comunicação: oralismo, comunicação total – em que se faz uso de toda forma de comunicação, oral, sinais, português sinalizado - e o bilinguismo, em que a comunicação da pessoa surda é em sua língua natural, a língua de sinais e posterior a segunda língua, o português escrito. Nesta didática a pessoa surda fortalece sua Identidade e assume sua cultura. A história da comunidade surda apresenta novas formas de compreender o cotidiano da vida e para não ficar somente no relato histórico, a pesquisa apresenta símbolos espirituais para continuidade deste caminho, mas com um olhar de fé para perceber o quanto a memória fez, faz e escreve a história, pois:

A presença do povo surdo é tão antiga quanto à humanidade. Sempre existiram surdos. O que acontece, porém, é que nos diferentes momentos históricos nem sempre eles foram respeitados em suas diferenças ou mesmo reconhecidos como seres humanos.⁹³

Antes da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI) em 2002, a situação dos surdos no Código Civil Brasileiro (CCB) era marcada por graves lacunas e contradições, que perpetuavam a exclusão social e a violação de seus direitos básicos.

Os principais problemas podem ser enumerados assim:

- Falta de Reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras): a Libras não era reconhecida como meio legal de comunicação, o que dificultava o acesso à justiça, educação, saúde e outros serviços essenciais.
- Capacidade Civil Restrita: o CCB presumia a incapacidade civil parcial dos surdos, limitando sua autonomia e capacidade de tomar decisões sobre suas próprias vidas.
- Discriminação na Tutela e Curatela: pessoas surdas eram frequentemente submetidas à tutela ou curatela, mesmo quando plenamente capazes, o que restringia seus direitos e liberdades.
- Casamento e Filiação: o CCB impunha restrições ao casamento de pessoas surdas e a filiação de seus filhos era frequentemente problemática.
- Falta de Acessibilidade: a comunicação em processos judiciais e administrativos era limitada à modalidade escrita, excluindo os surdos que não dominavam a leitura e a escrita.

⁹³ STROBEL, 2008, p. 42.

As consequências destas formas de exclusão se faziam sentir na: a) marginalização social e na falta de reconhecimento, fazendo com que as restrições legais perpetuassem a marginalização dos surdos na sociedade, dificultando sua participação plena na vida pública e privada; b) na violação de direitos humanos, uma vez que a situação dos surdos no CCB violava diversos direitos humanos fundamentais, como o direito à igualdade, à liberdade, à autonomia e à participação social; c) em dificuldades no acesso à justiça, pois a falta de acessibilidade nos processos judiciais e a presunção de incapacidade civil dificultavam o acesso dos surdos à justiça, perpetuando a impunidade e a vulnerabilidade social.

Ao longo do século XX, a comunidade surda brasileira travou uma luta incansável por seus direitos, realizando mobilizações sociais, campanhas de conscientização e ações judiciais. Neste sentido, os avanços legais foram enormes, ainda que haja muitas dificuldades que persistem. A Constituição Federal de 1988 inseriu os surdos na categoria de deficientes, mas ainda mantinha lacunas importantes na proteção dos direitos dos surdos, o que só foi enfrentado em 2002 com a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI), que representou um marco histórico na luta dos surdos, reconhecendo plenamente seus direitos e estabelecendo medidas para garantir sua inclusão social. Ainda em 1999, em pleno oralismo, os surdos redigiram documentos por uma educação diferenciada, ou seja, na própria língua de sinais. Seguiram-se negociações com o governo brasileiro em desejar uma Pedagogia Surda, aquela em que a educação bilíngue se utilize de Libras como língua de aprendizagem. Na Igreja Católica também, houve uma grande conquista pelo protagonismo dos próprios surdos no processo de evangelização para outros surdos, como exemplo, catequistas surdos.

Embora o Código Civil Brasileiro, antes de 2002, apresentasse diversos problemas em relação aos surdos, a luta da comunidade surda por seus direitos e a aprovação da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência e a Lei da Libras como língua reconhecida no Brasil, representaram um avanço significativo na conquista de uma sociedade mais justa, inclusiva e acessível.

3.3 DEFININDO IDENTIDADE SURDA

É hora de iniciar a abertura da primeira caixa na nova sala e a escolha pela identidade surda segue uma proposta da espiritualidade, o conhecimento da pessoa

ou o autoconhecer-se. Tendo presente que é uma das grandes dúvidas que surge na sociedade quando se refere às pessoas diferentes, como se poderá ter um convívio social se é assim tão distinto? Para quem já convive em ambientes acessíveis a resposta é bem concreta: simplesmente seja você convivendo como outra pessoa, evite comparações ou julgamentos ou até mesmo melhoria física para a pessoa que tem em seu corpo diferenças próprias.

Neste tópico, por várias vezes, farei referência à Gladis Perlin, por ter sido a primeira pessoa surda adulta que conheci e que teve muita influência no meu respeito pelas pessoas surdas. Sendo assim, no livro “A surdez: um olhar sobre as diferenças”, organizado por Carlos Skliar, argentino, pesquisador científico na área da educação, no capítulo 3: Identidades Surdas, Gladis faz a definição de identidade a partir de Stuart Hall, teórico cultural, sociólogo britânico-jamaicano, em que apresenta três diferentes conceitos de identidade presentes na história:⁹⁴ o iluminista, que tendia para a perfeição do ser humano; o sociológico, no qual as identidades se moldam nas representações sociais e o pós-moderno. Perlin destaca o conceito pós-moderno para aprofundar a ideia de identidade surda, argumentando que não haveria uma identidade, mas identidades plurais, isto é, múltiplas; que se transformam e não são fixas, nem estáticas ou permanentes, que podem até mesmo ser contraditórias, que não estão prontas. A identidade é, em questão, em construção, pode ser frequentemente transformada ou estar em movimento e empurra o sujeito em diferentes posições.⁹⁵

O produto destas pesquisas já mostra a diferença: exhibe o conceito ser surdo como um conceito fluido onde a epistemologia esgota o conhecimento presente na essencialidade da comunidade surda (sem esquecer hibridismos) e não mais o conceito da deficiência, da clinicalização, da cura, da incapacidade... Não mais o conceito de ser surdo falante ou não falante, mas exclusivamente que pode utilizar-se da fala ou da língua portuguesa para intermediar o intercâmbio cultural'.⁹⁶

⁹⁴ HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade**, Vol./No. 22/2, p. 15-46, 1997.

⁹⁵ PERLIN, G. Identidades Surdas. p. 51-71. In: SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

⁹⁶ PERIN, Gladis; MIRANDA, Wilson. Surdos: o narrar e a política. **Ponto de Vista**, Florianópolis, n. 05, p. 217-226, 2003. p. 218. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/download/1282/4249>>. Acesso em: 2 jul. 2024.

A pessoa surda passa pelo processo de autoconhecimento em sua forma de olhar a si, os outros e a sociedade. Por isso, quando já inserida num ambiente de pares, as descobertas e a formação da sua identidade são de uma força tamanha que pode ser e viver com suas características de forma muito leve e natural. Perlin diz que:

[...] encontro surdo-surdo é essencial para a construção da identidade surda, é como abrir um baú que guarda os adornos que faltam ao personagem, como relata uma mulher surda com 25 anos: aquilo que no meu encontro com outros surdos era o igual que eu queria, tinha a comunicação que eu queria; aquilo que identificava eles, identificava a mim também e fazia ser eu mesma, igual.⁹⁷

É possível identificar uma marca “surdo” através dos surdos em crescente posição de ter forte interesse de “gerar poder para si e para os outros”. As pessoas surdas são surdas em relação à experiência visual, longe da experiência auditiva, pois não recebem as informações pelo som. Essa diferença separa a identidade surda da identidade ouvinte, como segue este relato: “um dia descobri que nunca iria falar como os ouvintes, seria mesmo impossível. Era preciso pegar o meu jeito próprio de ser surda, de ter minha comunicação visual”.⁹⁸ Mas nem sempre foi assim para as pessoas surdas.

A identidade dos surdos sobrevive a uma forma de incerteza constante [...] somos um grupo cultural à parte. Notadamente, não existem trilhas óbvias para retornarmos ao quadro das identidades daqueles que se consideram normais. A nossa trilha perfaz nos identificarmos enquanto surdos, enquanto aqueles com marcas de diferença cultural. Importa-nos quem somos, o que somos e como somos. A diferença será sempre diferença [...]. Continuamos a dizer que somos normais com nossa língua de sinais, com nosso jeito de ser surdos.⁹⁹

No texto “Nós surdos somos”, uma introdução, Perlin e Quadros registram que é princípio do grupo cultural, os surdos, renunciarem a princípios universalizantes e lutar por aquilo que é mais palpável, isto é, por aquilo que é mais factível localizadamente. Elas afirmam:

⁹⁷ PERLIN, 1998, p. 54.

⁹⁸ FATEC – Faculdade de Teologia e Ciências. **Identidade, Cultura e Comunidade Surda: História e Experiências de Surdos no Brasil**, Notas de estudo de Cultura. p. 7. Disponível em: <<https://fatecc.com.br/alunos/apostilas/mestrado/LIBRAS/Apostilas/Cultura%20e%20Identidade%20Surda/culturaidentidade.pdf>>. Acesso em: 2 jul. 2024.

⁹⁹ QUADROS, Ronice M; PERLIN, Gladis (Orgs.). **Estudos Surdos II**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007. p. 10.

Deixamos à margem o princípio universal e colocamos a ênfase de nossa cultura como necessária à nossa sobrevivência. É nosso princípio, a nossa nostalgia mais imensa e obstinada: a qualidade de vida, de comunicação, da diferença, que nos considerem sujeitos culturais e não nos considerem deficientes. Surgem aí os pontos de referências culturais, diferença de ser diante dos não-surdos que se propaga pelos artefatos culturais: nossos líderes surdos, a língua de sinais, a escrita de sinais, história, pedagogia, didática, literatura, artes, etc.¹⁰⁰

As autoras concluem dizendo que mártires destas jornadas pelas diferenças, poucos de nós conseguimos pular para dentro do veículo do progresso e com afinco trazer para as páginas de espaços acadêmicos novas posições, novos achados científicos longe daquelas palavras que sustentam a farsa sobre nós e que impõem a dita anormalidade.¹⁰¹ De modo semelhante, Perlin e Miranda respondem da seguinte forma o que significa ser surdo:

Se vocês nos perguntarem aqui: o que é ser surdo? Temos uma resposta: ser surdo é uma questão de vida. Não se trata de uma deficiência, mas de uma experiência visual. Experiência visual significa a utilização da visão, (em substituição total a audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. A cultura surda comporta a língua de sinais, a necessidade do intérprete, de tecnologia de leitura.¹⁰²

A identidade surda é algo recente na história do Ocidente. O que se passou em tempos pretéritos e como se deram as relações – de modo mais objetivo – ficou sem registro, em sua grande parte. As identidades e representações de pessoas surdas produzidas na história foram estabelecidas por discursos ouvintistas,¹⁰³ argumenta Ströbel.¹⁰⁴ Ela afirma que a sociedade ignora o povo surdo, não sabe nada a seu respeito e muitas vezes, o trata com paternalismo ou como pessoas doentes ou outra “forma preconceituosa e outros estereótipos causados pela falta de conhecimento”.¹⁰⁵ Lane fala que talvez a pior representação do povo surdo, ao longo da história, seja a de que os surdos são “modelares”, isto é, os surdos a partir das

¹⁰⁰ QUADROS; PERLIN, 2007, p. 11.

¹⁰¹ QUADROS; PERLIN, 2007, p. 13.

¹⁰² PERIN; MIRANDA, 2003, p. 218.

¹⁰³ Ouvintista é, segundo Skliar, “[...] um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte”. SKLIAR, Carlos. **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998. p. 15.

¹⁰⁴ STRÖBEL, Karin Lilian. História dos surdos: representações “mascaradas” das identidades surdas. p. 18-37. In: QUADROS, Ronice M; PERLIN, Gladis (Orgs.). **Estudos Surdos II**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

¹⁰⁵ STRÖBEL, 2007, p. 21.

representações ouvintes se modelariam ao discurso daqueles que ouvem.¹⁰⁶ Isso significa, segundo Wrigley, que “[...] para o oralista, convencionalização tem o objetivo mais amplo: as crianças surdas ‘passarão’ por ouvintes, tornando-se assim ‘aceitáveis’ como pessoas que parecem ouvir”.¹⁰⁷ Esta representação ouvintista ainda está presente atualmente, muitas vezes a sociedade quer que os surdos sejam “curados”, direcionando-os para a ilusão da esperança da “normalização”. Esse processo de “normalização” atrapalha a elaboração simbólica da identidade surda, a ideia de que só existe uma maneira de se relacionar com o mundo, a ouvintista, imprime a falsa ideia de que surdos não elaboram sons e imagens, confunde-se uma determinada limitação com doença ou incapacidade. E é justamente contra essas visões equivocadas que a identidade surda é construída, trata-se de uma questão de luta por reconhecimento e respeito, como analisa Honneth.¹⁰⁸ Para este autor, o conceito de reconhecimento mútuo assume um papel central na sua teoria crítica da sociedade. Ele vê o reconhecimento mútuo como a representação da base para a formação da identidade individual e social, sendo essencial para a construção de relações sociais justas e éticas. Os elementos essenciais do reconhecimento mútuo são os seguintes:

- Interação simbólica: o reconhecimento mútuo se estabelece através da interação simbólica entre indivíduos, na qual eles se reconhecem como entes autônomos com valor próprio.
- Reciprocidade: o reconhecimento mútuo é recíproco, ou seja, cada indivíduo reconhece o outro como um sujeito com direitos e deveres.
- Luta por reconhecimento: a busca por reconhecimento pode levar à luta social, pois nem sempre o reconhecimento é concedido de forma igualitária.

As várias etapas do reconhecimento mútuo em Honneth são complexas e variadas. Honneth identifica três etapas mais fundamentais no processo de reconhecimento mútuo: a) Reconhecimento Amoroso: na primeira infância, a criança busca reconhecimento no amor e no cuidado dos pais, desenvolvendo sua autoestima

¹⁰⁶ LANE, H. **A Máscara da Benevolência**: a comunidade surda amordaçada. Lisboa: Instituto Piaget, 1992. p. 24.

¹⁰⁷ WRIGLEY, Oliver. **Política da Surdez**. Washington: Gallaudet University Press, 1996. p. 47.

¹⁰⁸ HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. Tradução de Luiz Repa. São Paulo: Ed. 34, 2003.

e senso de identidade; b) Reconhecimento Legal: na esfera jurídica, o reconhecimento se dá através de direitos e deveres legalmente estabelecidos, garantindo a igualdade formal entre os indivíduos; c) Reconhecimento Solidário: na esfera social, o reconhecimento se baseia na solidariedade e na cooperação mútua, buscando a justiça social e a emancipação de todos os indivíduos.

A importância do reconhecimento mútuo aparece na formação da identidade, e é crucial para a formação da identidade individual e social, pois através do reconhecimento do outro, o indivíduo se reconhece a si mesmo. O indivíduo deixa de ser um ser para o outro apenas e se torna ser para si mesmo. Esse processo de reconhecimento mútuo gera coesão social, pois estabelece laços de confiança e respeito entre os indivíduos, permitindo uma sociedade mais justa. É a base para a construção de uma sociedade justa e ética, onde todos os indivíduos sejam reconhecidos em sua dignidade e autonomia. Alguns criticam que a ênfase no reconhecimento individual pode negligenciar as estruturas sociais que impedem o reconhecimento mútuo, por isso, transformar o reconhecimento mútuo em uma realidade prática pode ser um desafio. No entanto, Honneth percebe que a construção do reconhecimento mútuo é em si um processo e lutas coletivas. Ele critica algumas perspectivas da dialética do esclarecimento de Adorno e Horkheimer, especificamente a sua ênfase na luta de classes presente na obra, argumentando que a luta por reconhecimento é um elemento mais fundamental para a transformação social. Honneth se mostra mais otimista quanto à possibilidade de emancipação humana, acreditando que a luta por reconhecimento pode levar à superação da dominação social.

O reconhecimento é entendido, por Honneth, como uma construção intersubjetiva, dialógica e histórica, por meio da qual os sujeitos buscam a sua realização em três domínios essenciais: o afeto, os direitos e a estima social, dos quais advém, respectivamente, a autoconfiança, o autorrespeito e a autoestima. Em contraste com outros teóricos do reconhecimento, Honneth deposita especial atenção aos conflitos nas interações sociais, sobretudo aqueles que se efetivam como força moral, promovendo a busca de reconhecimento por meio da luta política.¹⁰⁹

¹⁰⁹ WERNET, Monika; MELLO, Débora Falleiros de; AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. Reconhecimento em Axel Honneth: contribuições à pesquisa em saúde. **Texto & Contexto - Enfermagem**, 26(4), 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0104-070720170000550017>>. Acesso em: 2 jul. 2024.

A luta por reconhecimento aborda a dimensão moral dos conflitos e sua relação com a formação da identidade. Trata-se de considerar a moral dos conflitos. Os conflitos trazem à tona a teia de relações cotidianas que permeia nossas vidas, revelando a interconexão entre as interações sociais e as experiências individuais. Os conflitos se inserem em um fluxo histórico e social, conectando o presente ao passado e às experiências das gerações anteriores. Eles nos confrontam com desafios morais e podem gerar sentimentos de injustiça, especialmente quando vivenciamos desrespeito. A luta por reconhecimento tem na experienciação da injustiça sua força motriz. O compartilhamento do sentimento de injustiça o torna um fenômeno político, unindo indivíduos em torno de uma causa comum. A injustiça compartilhada pode ser um motor para a emancipação, mobilizando pessoas na luta por relações mais justas e equitativas. Elas conduzem as experiências individuais de desrespeito interpretadas como representativas de um grupo inteiro, dando voz a um clamor por reconhecimento de um sentimento de injustiça compartilhada que se torna um motivo para a ação coletiva, impulsionando a busca por relações mais reconhecedoras. Busca-se, assim, reconhecer a autonomia, a individuação e o reconhecimento. Na busca por sua autonomia e individualidade, os indivíduos se engajam em lutas por reconhecimento, buscando se autoafirmar e construir sua identidade. Esta se forma a partir da dialética entre o indivíduo e a sociedade, moldada pelas expectativas e normas sociais de reconhecimento. A expectativa de ser respeitado em seu entorno sociocultural molda a identidade do indivíduo, definindo como ele se percebe e como deseja ser percebido. Assim, quando as expectativas de reconhecimento são frustradas, surge a experiência moral do desrespeito, gerando sofrimento e questionamentos sobre a justiça social.

Honneth compartilha da crítica de Habermas a respeito da dialética do esclarecimento segundo a qual a crítica estaria fundada apenas na racionalidade instrumental, “[...] é aquela orientada para o êxito, em que o agente calcula os melhores meios para atingir fins determinados previamente”.¹¹⁰ A racionalidade comunicativa emerge da própria ação de tipo comunicativo, ou seja, aquele tipo de ação orientada para o entendimento e não para a manipulação de objetos e pessoas no mundo, em vista da reprodução material da vida. A ação orientada para o entendimento é aquela que permite, por sua vez, a reprodução simbólica da sociedade. Essa racionalidade reconhece a falibilidade do conhecimento e a

¹¹⁰ HONNETH, 2003, p. 13.

necessidade de constante revisão e debate. A busca por consenso através do diálogo visa à emancipação humana e à construção de uma sociedade mais justa e democrática. Porém, essa distinção entre racionalidade instrumental e dialógica ainda apresentava – segundo Honneth – um “déficit sociológico”, isto é, na obra de Honneth, o conceito de déficit sociológico surge como uma crítica à teoria crítica da sociedade de Jürgen Habermas, especialmente no que concerne à sua ênfase na racionalidade comunicativa. Honneth argumenta que, embora a teoria de Habermas apresente um avanço significativo na análise da sociedade contemporânea, ela falha em dar o devido peso à dimensão social da ação humana. Honneth critica a desconsideração das relações de poder na teoria de Habermas, argumentando que elas moldam significativamente a forma como os indivíduos interagem e constroem seus discursos. O foco na racionalidade comunicativa, segundo Honneth, leva a uma visão idealizada da ação social, negligenciando as contradições e conflitos que permeiam a vida em sociedade. A falta de atenção à dimensão social da ação leva a uma visão incompleta da sociedade, incapaz de explicar as causas estruturais da dominação e da injustiça. Sem uma análise profunda das relações de poder, torna-se difícil elaborar estratégias eficazes para a transformação social. A ênfase na racionalidade comunicativa pode levar a uma visão limitada da emancipação, focando no diálogo e na argumentação, sem considerar as lutas sociais e as mobilizações coletivas. Honneth propõe a integração da dimensão social à teoria crítica, reconhecendo a importância das relações de poder, das lutas sociais e das estruturas institucionais na análise da sociedade. O conceito de luta por reconhecimento assume um papel central na teoria de Honneth, destacando a importância do reconhecimento mútuo para a construção da identidade individual e social. Melo afirma o seguinte acerca do déficit sociológico da escola crítica:

Se toda práxis social é categorialmente um tipo de atividade produtiva, os diagnósticos parecem já estar pré-determinados pela atividade do trabalho. O bloqueio da crítica se generaliza, já que não é passível de ser questionado por potenciais emancipatórios ou de resistência que deveriam ser investigados sempre de maneira imanente a seus contextos sociais de surgimento. Deste modo, fica enfraquecida no projeto interdisciplinar do Instituto tanto uma compreensão das diferentes formas de dominação social quanto das oposições e lutas que germinam de dentro das diversas esferas de sociabilidade.¹¹¹

¹¹¹ MELO, Rúrion. “Repensando o Déficit Sociológico da Teoria crítica: De Honneth a Horkheimer”. **Cadernos de Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade** 22, p. 63-76, 2017. p. 26.

Tomar as interações intersubjetivas como parte da racionalidade estratégica, regida a fins, acaba por gerar uma forma de normatização de ficções acerca de como são geradas as normas que impedem a força emancipatória das relações cotidianas. Forjaram-se no seio da teoria crítica ficções complementares as quais pressupõem a existência de organizações de ação esvaziada de substância e de esferas de comunicação esvaziadas de poder. Ou seja, em determinadas sociedades desenvolvidas e lastreadas pela lógica comunicativa, o mundo da vida se sobreporia ao sistema de poder. Isso é explicado por Queiroz da seguinte maneira:

O déficit sociológico da teoria habermasiana, apontado por Honneth, está calcado na existência de duas ficções. A primeira delas diz respeito à possibilidade de existência de organizações de ação (direcionada a fins) que não possuem orientação normativa. Essa ideia se baseia na tese formulada por Habermas de que nas sociedades tardo-capitalistas o sistema cada vez mais coloniza o mundo da vida na medida em que as normas institucionalizadas dissolvem os espaços que são potencialmente geradores de outras normas. Nesse sentido, para Habermas, ao se estabelecer a colonização dos espaços potencialmente geradores de normas o sistema passa a se autonomizar e estar separado das orientações normativas dos atores sociais. A esse entendimento Honneth acusará Habermas de elaborar uma ficção em sua teoria, posto que compreende as organizações enquanto instituições imunes a pretensões e normas sociais geradas no âmbito do mundo da vida.¹¹²

Habermas propõe uma distinção crucial entre o mundo da vida e o sistema. O sistema se refere às estruturas sociais e institucionais, como a economia, o Estado e o mercado, que operam com lógica própria, muitas vezes em contraposição aos valores e necessidades do mundo da vida. Honneth acusa Habermas de criar uma ficção segundo a qual a lógica de poder não estaria presente no mundo da vida, criando um ambiente comunicativo segundo o qual as decisões se pautariam pela busca de consensos mais do que de luta.

Honneth oferece uma interpretação mais complexa da história do que Horkheimer e Adorno, e avança na crítica habermasiana, reconhecendo tanto os progressos quanto os retrocessos do processo civilizatório. Embora apresente críticas, o conceito de reconhecimento mútuo de Honneth oferece uma perspectiva

¹¹² QUEIROZ, Paulo Sérgio da Silva. **O conceito de déficit sociológico em Axel Honneth:** apontamentos para uma teoria crítica do direito. Trabalho de Conclusão de Curso. 71 f. (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Ciências Jurídicas, Direito - Bacharelado, 2022. p. 46. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/51882/4/TCC%20Paulo%20S%20c%3%a9rgio%20da%20Silva%20Queiroz.pdf>>. Acesso em: 3 jul. 2024.

valiosa para a compreensão das relações sociais e da construção da identidade. Ao reconhecer a importância do reconhecimento mútuo, podemos buscar a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e ética para todos. E neste sentido, a comunidade surda pode estabelecer parâmetros e convergência para a sua luta por reconhecimento, pois, seguindo as impressões de Honneth, enfatizar a luta por reconhecimento como motor da história e da transformação social envolve questões subjetivas e autorreconhecimentos que perpassam outros elementos como a linguagem e o aceite das instituições republicanas, e as relações de poder presentes na dinâmica social. Ele argumenta que a busca por reconhecimento mútuo é um processo fundamental para a construção da identidade individual e social, e que essa luta pode levar à superação da dominação e à construção de uma sociedade mais justa.

Ler a identidade surda neste prospecto é uma atividade rica e potencialmente promissora. A identidade surda é um conceito complexo e multifacetado que vai além da simples ausência de audição. Ela representa a maneira como as pessoas surdas se percebem e se relacionam com o mundo, moldada por suas experiências, valores, cultura e comunidade. É antes de tudo, como as pessoas surdas lutam para serem reconhecidas. A interação da comunidade surda se dá – geralmente – com regras sociais audistas presentes na comunidade. A comunidade surda possui como elementos de sua identidade, o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras), a necessidade de políticas para as identidades surdas, as políticas linguísticas em comunicação (acessibilidade com intérpretes), as políticas em educação bilíngue que são pilares na construção da identidade surda. A comunidade surda possui uma cultura rica e vibrante, com suas próprias formas de expressão artística, valores, costumes e tradições, e a LIBRAS é um destes elementos enriquecedores, pois a comunicação permite avanços societários, uma vez que a experiência da surdez molda uma visão de mundo única, com diferentes perspectivas sobre comunicação, informação, interação social e o próprio corpo. Isso permite a autoafirmação e o empoderamento da pessoa surda.

Na cultura surda, a visão transcende a mera percepção sensorial. Ela se configura como um elemento fundamental na construção da identidade, da comunicação e da interação social. Para compreender a importância da visão na cultura surda, é necessário desmistificar alguns mitos e reconhecer as nuances que

permeiam essa relação. A visão é o principal canal de acesso à informação para as pessoas surdas. Através da leitura, da observação e da interpretação de imagens, as pessoas surdas se informam, aprendem e se conectam com o mundo ao seu redor. A comunicação visual, incluindo a LIBRAS, é essencial para a interação social na cultura surda. A expressão facial, a gestualidade e o uso do corpo transmitem informações, emoções e nuances que complementam a comunicação verbal. A dança, o teatro, a pintura, a escultura e outras formas de arte visual são meios pelos quais as pessoas surdas expressam sua cultura, identidade e visão de mundo. A visão permite que as pessoas surdas sejam autônomas em suas atividades cotidianas e participem ativamente da sociedade. A leitura, o uso de tecnologias visuais e a interpretação de sinais em ambientes públicos são exemplos de como a visão contribui para a inclusão social.¹¹³

Colocadas as informações da caixa da identidade surda em seu lugar de melhor visualização e flexibilidade de movimento, segue-se para a abertura da cultura surda.

3.4 DEFININDO CULTURA SURDA

Abrindo, então, a caixa denominada cultura surda, a atenção se volta para esta nova realidade a ser conhecida. A primeira informação logo apresentada é que, segundo Teske, educador e pesquisador sobre a educação para surdos,¹¹⁴ a divulgação de uma cultura globalizante e universal pode ser uma armadilha imposta, provocando uma massificação cultural, por isso é importante pensar uma cultura nas diferentes manifestações culturais a partir de diferentes significados éticos, estéticos, míticos, tecnológicos. É através de nossa cultura que é construída a maneira como vemos o mundo. Afirma ainda Strobel:

[...] cultura é uma ferramenta de transformação, de percepção diferente, não mais de homogeneidade, mas de vida social constitutiva de jeitos de ser, de fazer, de compreender e de explicar. Os indivíduos não se enquadram num engessamento cultural. A ideia de cultura é pensar nas relações sociais e

¹¹³ FERREIRA, Rita Wanderline; CÓRDULA, Eduardo Beltrão de Lucena. A importância da Literatura Visual no processo de ensino-aprendizagem do(a) aluno(a) surdo(a). **Educação Pública**, 2017. Disponível em: <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/17/13/a-importancia-da-literatura-visual-no-processo-de-ensino-aprendizagem-do-a-aluno-a-surdo-a>>. Acesso em: 3 jul. 2024.

¹¹⁴ SKLIAR, Carlos (Org.). **Surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Ed. Mediação, 1998. p. 145.

humanas e como esses grupos podem ser representados, levando-nos à reflexão de padrões engessados sobre a surdez que nos foram passados ou ouvimos falar e hoje temos que fazer essa desconstrução, dando lugar à apreciação das diferenças, respeitando a multiplicidade cultural; é sobre percebermos as diferenças que temos uns dos outros, para resgate da nossa humanidade no outro e a do outro em nós.¹¹⁵

A expressão cultura surda não está, naturalmente, na pessoa surda. Ela é construída pelos surdos.¹¹⁶ Vimos que a identidade surda se constrói dentro de uma cultura visual. Júnior aponta que por meio da língua de sinais, que é essencialmente visual, a pessoa surda é capaz de produzir conhecimentos organizados como em qualquer outra cultura, não podendo o mesmo ser considerado incapaz, a partir do puro dado orgânico que implica a incapacidade de ouvir.¹¹⁷ Os surdos organizam-se politicamente, convivem com ouvintes e com outros surdos, produzindo uma cultura surda. Note-se, no caso dos surdos, que o sistema simbólico e de caráter essencialmente semiótico utilizado está pautado nas línguas de sinais, sistemas que se utilizam da visão e do espaço para estabelecer interações sociais, diferentemente do sistema dos ouvintes, que o fazem utilizando-se dos canais oral e auditivo. A língua de sinais é um artefato cultural carregado de significação social sendo assim uma das especificidades mais importantes da manifestação e produção da cultura surda. Desta forma, o uso de sinais pelos surdos ultrapassa os objetivos de uma simples comunicação, constituindo-se no meio pelo qual se expressam as subjetividades e as identidades desses indivíduos.

No que se refere à forma de uma comunicação cultural, Kraemer argumenta que, com efeito, a língua de sinais tem que ser considerada como língua de cultura, como o são as línguas orais de modo geral,¹¹⁸ seja no contexto das línguas naturais, seja no contexto das línguas estrangeiras, em ambos os casos, como expressões culturais e concernentemente linguísticas sociais, sendo assim uma das especificidades mais importantes da manifestação e produção da cultura surda. Desta forma, o uso de sinais pelos surdos ultrapassa os objetivos de uma simples

¹¹⁵ STROBEL, 2008, p. 18.

¹¹⁶ SKLIAR, 1998, p.145.

¹¹⁷ CASTRO JÚNIOR, Glaucio de. Cultura surda e identidade: estratégias de empoderamento na constituição do sujeito surdo. pp. 11-26. In: ALMEIDA, WG. (Org.). **Educação de surdos: formação, estratégias e prática docente** [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2015. Disponível em: <<https://books.scielo.org/id/m6fcj/pdf/almeida-9788574554457-02.pdf>>. Acesso em: 3 jul. 2024.

¹¹⁸ LOPES, Maura Corcini (Org.) & colaboradores. **Cultura Surda & Libras**. São Leopoldo: Unisinos, 2012. p. 150. Disponível em: <<http://projetoredes.org/wp/wp-content/uploads/Cultura-Surda-e-Libras.pdf>>. Acesso em: 4 jul. 2024.

comunicação, constituindo-se no meio pelo qual se expressam as subjetividades e as identidades desses indivíduos. A autora afirma que:

Outros sujeitos surdos fazem a opção de vivenciar suas experiências a partir de uma perspectiva cultural. Nesse contexto, a língua de sinais é um operador importante na constituição da identidade surda. É por meio de práticas visuais que se constituem elementos significativos no desenvolvimento dos sujeitos e em suas interações. Nessa forma de interação com o mundo, a condição da surdez não se apresenta como uma patologia, um problema a ser resolvido e/ou corrigido. Ser surdo significa experimentar de outras formas as vivências pessoais. Ser surdo, a partir de um contexto cultural, significa dialogar com os indivíduos a partir de outra língua: a língua de sinais.¹¹⁹

Nessa proposta, a identidade e a cultura surda tornam-se elementos coadjuvantes nos processos de significação cultural que possibilitam inventar a surdez como uma condição cultural diferente. Outros sujeitos surdos fazem a opção de vivenciar suas experiências a partir de uma perspectiva cultural. A língua de sinais é, neste aspecto, um operador importante na constituição da identidade e cultura surda. É por meio de práticas visuais que se constituem elementos significativos no desenvolvimento dos sujeitos e em suas interações. Mas a identidade surda vai além de uma simples característica física. Trata-se de um conjunto complexo de elementos que definem quem são as pessoas surdas e como elas se percebem no mundo. Envolve aspectos culturais, linguísticos, sociais e políticos que moldam a experiência de ser surdo em uma sociedade majoritariamente audista. A comunidade surda é um grupo social formado por pessoas que compartilham a experiência da surdez. Essa comunidade oferece apoio mútuo, promove a cultura surda e luta pelos direitos das pessoas surdas. A experiência da surdez é única para cada indivíduo, mas geralmente envolve desafios e obstáculos na comunicação e na interação com o mundo ouvintista. Essa experiência molda a perspectiva das pessoas surdas sobre a sociedade e contribui para a construção de sua identidade. Esta identidade é múltipla e em constante mutação. Ela possui algumas características importantes que modelam sua pluralidade. A identidade surda parte de uma noção comunitária, isto é, quem está inserido na comunidade surda e se comunica exclusivamente por meio da língua de sinais. Essa identidade surda pode ser híbrida, uma vez que a pessoa teve uma surdez adquirida, que entende o mundo através dos sons, mas aprendeu a lidar com outras formas de percebê-lo também. Ela pode ser também de transição. Isso

¹¹⁹ KRAEMER, Graciele Marjana. Identidade e cultura surda. p. 138-153. In: LOPES, 2012, p. 150.

acontece principalmente com surdos que pertencem a uma família de ouvintes. Essas pessoas apresentam uma linguagem oral restrita, decorrente dos primeiros anos de vida, quando ainda tentavam se comunicar sem a Libras. A identidade surda pode ser ainda flutuante. Isto se dá quando as pessoas apresentam dificuldade de se inserir em alguma comunidade surda, apresentando dificuldades de aceitar sua surdez. Nestes casos há uma perspectiva de acreditarem que a cultura ouvinte é superior à surda. Aqui talvez uma das maiores dificuldades em compreender as lutas e a formação da identidade e cultura surda, o problema está em fazer comparação à cultura audista como se fosse a única maneira correta de comunicação. Existe também uma identidade surda abraçada, que acontece quando as pessoas não estão inseridas nem na cultura ouvinte, nem na cultura surda. Isso acontece, geralmente, quando pessoas surdas não são alfabetizadas na língua de sinais e se sentem com muita dificuldade para se comunicarem. Não saber a própria língua gera formas de isolamento que impossibilitam a comunicação e a inclusão. Sacks afirma que, para uma pessoa surda, não saber a língua de sinais é estar ilhado. Ele diz que a identidade vem pelo de ser “[...] apenas por meio da língua que entramos plenamente em nosso estado e cultura humanos, que nos comunicamos livremente com nossos semelhantes, adquirimos e compartilhamos informações”.¹²⁰

Sendo assim, a beleza acrescentada na sala que ganha uma identidade, já mostra que a diferença deste espaço oferece mais luz na casa da espiritualidade, ela abre novas janelas. Como mencionado acima, a visualidade é extremamente importante para a cultura surda, pois é a partir deste recurso que as pessoas surdas podem se comunicar.

No caso dos surdos, essa questão torna-se mais preocupante, se levarmos em consideração que a língua é viso-espacial e a cultura produzida por esta comunidade é visual, entre tantas outras referências que salientam a característica visual da condição de surdez. Pensar nas comunidades surdas hoje significa, de acordo com Miranda (2001, p. 22), “ter em conta a representação das diferenças culturais, históricas e de identidade”. Para o autor, as representações de diferença que se engendram no seio da comunidade surda encontram raízes na experiência visual, a partir da língua, das estratégias de interação sociocultural e das representações de mundo surdo e de mundo ouvinte.¹²¹

¹²⁰ SACKS, 2010, p. 19.

¹²¹ LEBEDEFF, Tatiana Bolivar (Org.). **Letramento Visual e Surdez**. Rio de Janeiro: Walk Editora, 2017.

Seguindo na ótica da acessibilidade, oferecer acolhida às manifestações que a comunidade surda apresenta é deixar não só a luz, mas também novos ares para fazer circular a essência da espiritualidade em cada parte da construção e em cada peregrino que se permite transitar por este espaço sagrado. Outro aspecto a considerar no tempo em que a tecnologia é um recurso que favorece dinâmica à visualidade, torna-se um instrumento especial para aproximar conhecimentos e oportunizar vivências espirituais.

Com a abertura da terceira caixa, muitas e diversas ideias movimentaram o ambiente. Isto é muito bom, considerando o quanto a casa tem o objetivo de ampliar-se e favorecer crescimento aos seus habitantes. Sendo uma caixa da diversidade, segue-se agora para a comunidade surda.

3.5 DEFININDO COMUNIDADE SURDA

Na abertura da terceira caixa, a primeira imagem que aparece é de um ponto de interrogação para ser a pergunta mais significativa deste espaço, pois nesta sala a comunidade poderá se encontrar e o ponto fica como uma marca de memória: como favorecer que as pessoas surdas participem deste espaço?

Comunidade surda, o que a caracteriza?

O que determina a filiação de um surdo a uma comunidade surda é pura e simplesmente o fato de ser surdo e de geralmente usar a língua de sinais. Segundo Perlin e Miranda:

O que caracteriza essa herança cultural da comunidade surda é a língua de sinais, já provada pelos significados realmente diferentes e capazes de carregarem com desenvoltura aspectos de profundidade como qualquer outra língua mesmo na originalidade que lhe é peculiar. Segue a isso como parte de sua cultura a presença de outros significados que fazem mediação com outras línguas.¹²²

Poder-se-ia alegar que as comunidades de ouvintes também são heterogêneas. De fato, elas o são. No entanto, há uma tendência de seus membros se reunirem apenas em grupos de interesse, havendo até uma certa tendência a separações étnicas, como no caso das “colônias” de imigrantes que constituem

¹²² PERLIN; MIRANDA, 2003, p. 2020.

enclaves em uma comunidade maior. Isso quer dizer que os equivalentes aos ouvintes das CFs (comunidades de fala) surdas, ou seja, os clubes, geralmente são frequentados por indivíduos que têm muito em comum socioeconômica e etnicamente. Quando se fala em comunidade surda, parece que isso implica que só há surdos na comunidade. Não é bem o que acontece. Na verdade, das comunidades surdas geralmente fazem parte, além dos próprios surdos, motivo principal da própria existência da sociedade, parentes, profissionais ou ainda surdos que vêm de outros lugares e que ainda não aprenderam toda a Língua da comunidade.¹²³

Se vocês nos perguntarem aqui: o que é ser surdo? Temos uma resposta: ser surdo é uma questão de vida. Não se trata de uma deficiência, mas de uma experiência visual. Experiência visual significa a utilização da visão, (em substituição total a audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. A cultura surda comporta a língua de sinais, a necessidade do intérprete, de tecnologia de leitura.¹²⁴

Quando toca o termo comunidade, para a Igreja Católica, logo se remete a um grupo de pessoas que se encontra para conhecer Jesus Cristo e em comunidade fazer o bem acontecer. Para a comunidade surda, há comunidades católicas ou de outras Igrejas que acolhem e convivem com as pessoas surdas, não só para doutrina, mas para ser um ambiente de confiança a formar identidade e dar continuidade à construção de sua cultura. Assis Silva menciona que se trata de uma categoria histórica criada recentemente.¹²⁵ No seio do catolicismo, a cultura surda foi, em primeiro lugar, compreendida como a paróquia em que há surdos. Posteriormente, luteranos ampliaram a utilização dessa categoria, considerando ser a comunidade de surdos formada por escolas especiais, paróquias e associações de surdos. Por fim, batistas deram, em grande medida, o significado atualmente utilizado por muitos agentes, pois ampliam ainda mais o escopo dessa categoria. Além de escolas

¹²³ DO COUTO, Hildo Honório. Sobre o conceito de comunidade surda. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 13, n. 2, p. 193-219, 2005. Acesso em 01 out. 2022. [...] comunidade surda é necessário fazer uma distinção entre comunidade de língua (communauté de langue) e comunidade de fala (communauté de parole). Como a comunidade linguística do surdo está espalhada pelo território da comunidade do ouvinte, o que realmente importa para o surdo em geral é a comunidade de fala, ou seja, as sociedades, clubes e organizações afins onde o indivíduo pode se reunir com seus pares e conversar sobre o que quer que venha à mente. A característica mais fundamental da comunidade de fala surda é sua própria língua de sinais. É nessa comunidade de fala que os surdos se encontram à vontade. É lá que eles podem efetivamente manifestar sua identidade.

¹²⁴ PERLIN; MIRANDA, 2003, p. 2018.

¹²⁵ ASSIS SILVA, 2012.

especiais, igrejas e associações de surdos, a categoria se refere a territórios como bares, shoppings, rodoviárias e praias que constituem pontos de encontro de surdos. É preciso ainda considerar que, além de ser utilizada para nomear uma rede de sociabilidade e instituições, a categoria comunidade surda também é uma categoria política. Ativistas, não raro em posições de poder, falam de maneira legítima em nome da comunidade surda brasileira.

A questão inquietante é como ter avanços nos espaços eclesiais. Leonardo Boff e Frei Betto destacam que a crise da racionalidade moderna é também a crise do horizonte utópico, daquela confiança básica na vida e na história sem a qual ninguém vive e nenhuma sociedade pode subsistir. Neste momento, a cultura religiosa de cada um pode abrir caminhos para o autoconhecimento e para a sensibilidade diante do outro e da grandiosidade do universo. Os autores, duas personalidades marcantes na luta contra a intransigência, discutem aqui a importância da espiritualidade para o compromisso social de cada indivíduo. Seus textos, fruto de um trabalho de anos junto à imensa camada dos desassistidos deste país, tentam lançar luz na discussão sobre a mística do engajamento e da luta.¹²⁶ Com este olhar comprometido em ser comunidade, as pessoas participantes encontram sentido em Ser neste lugar de expressar-se.

Na comunidade surda é natural a aproximação das pessoas através da comunicação em Libras. Para participar da comunidade precisa-se, de preferência, ser fluente em Libras ou estar num nível avançado de conversação para participar das rodas de conversa e convivência ou se, por meio de um intérprete, possa demonstrar interesse e respeito em aprender. Nesse sentido, a comunidade surda, em sua expressão religiosa, católica, por assim dizer, seria uma das expressões plurais do conceito comunidade surda, isto é, um lugar no qual as pessoas surdas encontram-se e convivem de modo a se reconhecerem partícipes incluídos nos processos comunicativos dos quais elas são legitimamente tomadas como agentes de dignidade reconhecida.

Desta forma, seguimos com o desocupar da última caixa e desta ficam os registros de que a comunidade surda é um espaço de convivência e que na casa da espiritualidade, as pessoas surdas têm lugar acessível que lhe é próprio, pois na

¹²⁶ BOFF, Leonardo; BETO, Frei. **Mística e espiritualidade**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1994.

espiritualidade, somos todos irmãos. Agora, surgem perguntas: basta ter esta sala pronta para acolher? Há outros espaços que ainda se necessita construir? Com certeza, pode-se iniciar uma “campanha” para conseguir os recursos para esta construção /ou reforma de espaços acessíveis, não só para os surdos, mas também para pessoas com outras deficiências.

Não basta ter os espaços em uma casa, se faltam residentes ou itinerantes transitando na casa da espiritualidade. Seguem, então, iniciativas que podem contribuir na “localização” destas pessoas, em especial a Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora Aparecida.

3.6 CONCLUSÃO

Neste capítulo, a ideia foi a de analisar os conceitos relativos à história, comunidade, identidade e cultura surda, especificamente no seu sentido plural. Esse processo analítico é fundamental para a consideração de uma atividade inclusiva das pessoas surdas no seio da Igreja Católica, especialmente na tarefa da Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora Aparecida. No próximo capítulo, essa será a atividade reflexiva, elaborar a noção de uma comunidade surda a partir de uma espiritualidade franciscana que opere na luta por reconhecimento de sua autonomia em detrimento de qualquer tipo e tutela.



4 CIFA, UM CARISMA ACESSÍVEL: POSSÍVEIS CARACTERÍSTICAS DA ESPIRITUALIDADE PARA A COMUNIDADE SURDA?

4.1 INTRODUÇÃO

O presente capítulo apresenta algumas ideias para intuir, gerar, nomear, propor à comunidade surda uma metodologia acessível que possa auxiliar no conhecimento e aprofundamento, no sentido e na importância da espiritualidade no cotidiano da vida. Primeiro, um breve contexto de espaços religiosos que a comunidade ocupa em duas igrejas, mas que retrata a realidade de outras igrejas; em seguida a indicação de uma metodologia que caracterize a espiritualidade para a comunidade surda, despertando e identificando lideranças espirituais surdas.

4.2 CONTEXTO DO ESPAÇO RELIGIOSO PARA AS PESSOAS SURDAS

Existem igrejas que já oferecem espaço acessível em Libras através da presença de intérpretes seja nos cultos ou celebrações, encontros, retiros ou formações. Nestes locais celebrativos, em sua maioria, por participação inclusiva, comunidade ouvinte e o grupo dos surdos participam deste momento, com auxílio de intérprete de Libras. Com duas observações podemos identificar na primeira que há muito respeito ao rito, à música e aos movimentos que são ali vividos. Os surdos acompanham a tradução simultânea durante todo o culto ou celebração. A outra é que, nem sempre os surdos entendem os textos bíblicos, as reflexões, as canções a ponto de os adentrar e estar em contato com o divino em seu interior. Segundo Erica Nelcina, em sua pesquisa com 10 pessoas participantes da pastoral do surdo na cidade de Goianésia/GO,¹²⁷ em perguntas, como: “quais as ações da Igreja para a inclusão dos surdos?” “Conhece documentos formais sobre a proposta da pastoral do surdo?” E “você consegue compreender totalmente a mensagem e as representações da missa com a interpretação em libras?”,¹²⁸ apresenta um quadro de respostas que

¹²⁷ SILVA, Érica Nelcina da. **Religião e inclusão: ação pastoral e o surdo na diocese de Uruaçu-GO**. Dissertação. 150 f. (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2019. Disponível em: <<https://tede2.pucgoias.edu.br/bitstream/tede/4203/2/%c3%89rica%20Nelcina%20da%20Silva.pdf>>. Acesso em: 4 jul. 2024.

¹²⁸ SILVA, 2019, p. 125-126.

permite interpretar a necessidade de formação catequética, ritual, sacramental e bíblica para fundamentar a missão com os Surdos.

Nas respostas aparecem, em sua maioria, que há desconhecimento e não compreensão dos ritos e representações durante a celebração, mesmo mediada por intérprete de libras.¹²⁹ Numa outra pergunta, Erica indaga sobre a necessidade da pastoral do surdo naquela região e uma das respostas foi a busca espiritual. Segue então o objetivo desta pesquisa em oferecer uma proposta, um método espiritual acessível para a comunidade surda na Igreja Católica.

Em outras igrejas acontecem celebrações com acessibilidade em libras, mas quero ressaltar a Igreja Batista que, há anos, tem convivência com as pessoas surdas e oferece encontros acessíveis em libras, e reconhece os surdos como partícipes da vida da comunidade. Damasceno afirma que:

As instituições religiosas Batistas têm demonstrado e valorizado uma visão distinta sobre a surdez, colocando-a em termos de particularidade linguística e cultural. Pessoas engajadas politicamente, assim como pesquisadores das línguas de sinais e da surdez, passaram não apenas a reivindicar o reconhecimento da língua brasileira de sinais como língua, mas também asseverar que os surdos constituíssem um povo com língua, cultura e história particulares. A igreja assinala para a etnicidade que não se fazia presente na conformação discursiva anterior concernente à surdez.¹³⁰

A autora segue dizendo que, para os cristãos batistas, os surdos são alvos da mensagem cristã, são considerados como um povo que possui uma língua específica para se comunicar, a Libras, bem como uma cultura gestual-visual que se expressa em todos os rituais. Os batistas:

[...] Acreditam que para que aconteça o alcance dos surdos é necessário um olhar antropológico que remete à Grande Comissão, quando Jesus disse: ide a todos os povos. Neste contexto, estão inseridos os surdos, um grupo de indivíduos que possui uma mesma história, língua, crença e identidade.¹³¹

Assim, cada igreja tem sua forma particular de conviver com as pessoas surdas. Voltando o olhar para a ICAR, que é o nosso espaço de realização da

¹²⁹ SILVA, 2019 p.135.

¹³⁰ DAMASCENO, Márcia Clébia Araújo. **Dinâmicas interacionais entre surdos e intérpretes em Igrejas Batistas em Juazeiro do Norte**. Dissertação. (Mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2019. Disponível em: <<http://bdtd.fuv.edu.br:8080/jspui/bitstream/prefix/278/1/TCC%20-%20Marcia%20Clebia%20Araujo%20Damasceno.pdf>>. Acesso em: 4 jul. 2024.

¹³¹ DAMASCENO, 2019, p. 18.

pesquisa, a pessoa surda está contemplada através da Pastoral do Surdo, fundada na década de 1980, embora anteriormente já houvesse iniciativas de atendimento às pessoas surdas, principalmente através das escolas de congregações religiosas, femininas e masculinas, foi instituída esta pastoral para dedicação evangelizadora às pessoas surdas. A visão da ICAR sobre a pessoa surda e o objetivo da missão nesta realidade, expressa o seguinte:

Para ser fundada e funcionar, a Pastoral do Surdo propicia o conhecimento e a vivência da Boa Nova de Jesus de Nazaré, através da evangelização atualizada a vivência da fé, integrada a vida através da celebração comunitária da Palavra de Deus (CNBB, 2006). Além do que objetiva-se “Criar condições para que o surdo torne-se agente de evangelização da sua própria comunidade [...]. Buscar a verdadeira inclusão dentro da igreja, ao mesmo tempo, superando preconceitos e respeitando as individualidades e diferenças de cada pessoa”.¹³²

Desta forma, a igreja reconhece a realidade do preconceito e do processo para ser um espaço de respeito, pode-se afirmar, à sua identidade e cultura. É nesta abertura que a pesquisa quis adentrar e oportunizar uma das maneiras concretas de realização deste objetivo, através da espiritualidade para a comunidade surda. Esta proposta segue na representação simbólica visual da casa da espiritualidade, como já citada desde o início desta pesquisa, com esta sala acessível por onde transitam todas as acessibilidades, poderá ser útil não só para a pessoa surda, bem como, para pessoas com outra necessidade especial ou não, pois a busca espiritual é uma sede e uma inquietação de todos.¹³³

4.3 COMO SERIA A ESPIRITUALIDADE PARA A PESSOA SURDA?

A partir destas percepções, convido a continuar o percurso na casa da espiritualidade. Agora num ambiente físico e espiritual em que a pessoa surda, ao adentrar, possa sentir familiaridade, grata surpresa, confiança e inquieta busca em ser um ser humano melhor consigo mesmo, com as outras pessoas, com Deus e toda a

¹³² CERQUEIRA, Larissa Mota de. A Pastoral do Surdo: espaço e experiência de inclusão. In: Diversidade, Inclusão Social e Educacional. In: CERQUEIRA, Larissa Mota de. (Org.). **Educação especial na perspectiva inclusiva**: mapeamento dos trabalhos finais de conclusão de curso (TFCC) do Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED) dos participantes do grupo de estudos (GEEDICE) (2016 a 2018). Alagoínhas: Bordô-Grená, 2019, v. p. 13. Disponível em: <https://www.editorabordogrena.com/_files/ugd/d0c995_899495a899f045d391e55f6faf07e18d.pdf#page=13>. Acesso em: 4 jul. 2024.

¹³³ PERANI, 2009.

criação. Neste lugar, as luzes criam o ambiente mais iluminado ou mais opaco, o chão de madeira para sentir a vibração dos movimentos e passos, um projetor para transmitir símbolos e significados que se fizerem necessários, principalmente para auxiliar na memória da vivência espiritual. Este local também pode contar com um sistema de som, com potência e reprodução dos tons graves das canções a ponto de harmonizar o momento. Além das mesas e seus símbolos, haja disposição circular dos assentos para melhor comunicação e acompanhamentos das vivências. No ambiente, também, pode contar com o sentido do olfato que através de um bom perfume que inspire para a vida no Espírito (2Cor 2,15-16). Os sentidos do corpo humano produzem informações, sensações, aprendizados, percepções e comunicação com o meio. Quero destacar um exemplo desta realidade com a reportagem sobre *como* uma pessoa surda percebeu, pelo cheiro, a enchente e a água dentro de sua casa.¹³⁴ Se com o cheiro foi possível este alerta e o despertar do casal surdo, a ponto de provocar reações físicas numa situação negativa, assim também, bons aromas podem comunicar e criar memórias espirituais positivas.¹³⁵

Os aromas se conectam simultaneamente com os envoltórios espirituais que constituem o ser para além de sua materialidade. Camadas que nos envolvem, com nomações a partir do grego como o corpo “sôma”; o espírito “pnêuma”; o emocional “thymós”; o mental “noûs”, e a alma “psykhé”, uma conexão entre saúde e espiritualidade.

O corpo é espaço revelador dos encantos divinos, orientador dos caminhos de conversão e confirmador do bem que se constrói em cada dia. Sendo assim, a pessoa surda se comunica com suas expressões corporais e no movimento das mãos. Logo seu habitat cultural o conecta com todos os sentidos, conduzindo-o a novas vivências e assimilações espirituais.

¹³⁴ “Na noite de 3 de maio, as águas do rio Guaíba avançavam rapidamente pelas calçadas do bairro Humaitá, na zona norte de Porto Alegre – um dos mais afetados pelas enchentes na capital gaúcha. O casal de idosos surdos Anita Silveira da Silva, 70 anos, e Ery Garcez da Silva, 75, sentiu durante a madrugada um cheiro de esgoto emanando do andar inferior da casa onde moram há quatro décadas. O cheiro forte fez com que eles despertassem sentindo náuseas e ânsia de vômito. Ao descer o lance de escadas que levava ao térreo, “a água já estava na altura do peito”. Augusta Lunardi. “Acordei com cheiro da água”: a tragédia climática do Rio Grande do Sul vivida por surdos. **Pública**, 27 jun. 2024. Disponível em: <<https://apublica.org/2024/06/acordei-com-cheiro-da-agua-a-tragedia-climatica-do-rio-grande-do-sul-vivida-por-surdos/>>. Acesso em: 28 jun. 2024.

¹³⁵ LOPES, Carlos André Lima. Aromoterapia: espiritualidade e a emoção do medo. ANAIS DO IV CONGRESSO NACIONAL da Educação, IV CONEDU, 2017. Disponível em: <<https://mail.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/35878>>. Acesso em: 4 jul. 2024.

O que relato a seguir são aspectos observados na convivência, nas orações e na busca de vivências espirituais, presenciados por mim.

Uma situação muito comum é a acolhida dos surdos em momentos de aconselhamento e na interpretação de missas. Em muitos destes momentos, geralmente, quem interpreta a celebração percebe que não alcança a compreensão dos surdos para o rito, ali celebrado, pelas reações e manifestações do próprio corpo dos surdos: expressões sérias, ora se veem testas enrugadas discretamente, sono, movimento das mãos sem expressão; ora se veem sorrisos, balançar da cabeça em sinal positivo, balançar do corpo enquanto sinalizam-se e, neste diálogo de olhares, decorre este tempo com suas assertividades ou equívocos. Como resolver, criar estratégias acessíveis para realizar vivências espirituais que, realmente, façam brilhar os olhos dos surdos? A proposta então é sentar-se ao redor de uma mesa circular, assim como fez Jesus ao expressar-se como palavra e pão partilhados, a ponto de nos abrir os olhos e sentir o coração arder, assim como anunciado no Evangelho de Lucas 24,31-32.

Para produzir este diálogo e criar estratégias de compreensão, identificamos três elementos favoráveis: a memória (Palavra), a comunicação (pão partilhado) e o movimento do silêncio (água e vinho). Estas três possibilidades, serão como base para o pertencimento neste ambiente através da imagem de três mesas – memória, comunicação e movimento do silêncio – que por si traz o símbolo (Palavra, Pão, Água e Vinho) que as qualifica e as define como um lugar espiritual enquanto unidade ou enquanto comunhão, juntas, unidas, formando uma única mesa onde todos têm lugar, respeito, acolhida, autonomia e direito de ser pessoa, mesmo na diversidade.

As memórias serão guias sábias para orientar novos caminhos, superando equívocos históricos e, o mais importante, que não sejam repetidos. A comunicação será interação entre cultura e fé. O movimento do silêncio será a conversão para novos e fecundos horizontes na construção da espiritualidade.

4.3.1 MESA DA MEMÓRIA / PALAVRA

A Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) realiza a cada ano a Campanha da Fraternidade com temas atuais e emergentes como uma ação social da Igreja. Em

2006, o tema foi sobre as Pessoas com Deficiência e no documento de estudo, denominado texto-base (CNBB, CF 2006), constava como objetivo geral o seguinte:

Conhecer melhor a realidade das pessoas com deficiência e refletir sobre a sua situação, à luz da Palavra de Deus e da ética cristã, para suscitar maior fraternidade e solidariedade em relação às pessoas com deficiência, promovendo sua dignidade e seus direitos.¹³⁶

E, conforme os objetivos específicos,¹³⁷ a ICAR traz o propósito de avançar no conhecimento, na acolhida, na superação de preconceitos, na criação de projetos acessíveis e favorecer o protagonismo das pessoas com deficiência na Igreja. Em 2024, a Igreja celebrou 60 anos de Campanhas da Fraternidade,¹³⁸ dentre as seis décadas, a única Campanha da Fraternidade que trouxe a realidade das pessoas com deficiência, foi a de 2006. É importante fazer esta memória como uma força de resistência a um povo que Deus escolheu, cuida e envia com prudência, simplicidade e sabedoria (Mt 10,16), fortalece-o diante das dificuldades e da invisibilidade social e religiosa. Nesta resistência e luta, algumas igrejas despertaram para superar preconceitos e são verdadeiras casas espirituais que acolhem e permitem que as pessoas possam conviver em sua diversidade de dons e formas de se comunicar.

¹³⁶ CNBB - CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Campanha da Fraternidade 2006: Fraternidade e Pessoas com Deficiência**. Disponível em: <<https://campanhas.cnbb.org.br/campanha/fraternidade2006>>. Acesso em: 4 jul. 2024.

¹³⁷ “1. Disponibilizar para a sociedade informações acerca dos direitos específicos e potencialidades dos cidadãos com deficiência. 2. Propor ações concretas, como a elaboração de planos e projetos, criando meios e oportunidades de valorização das pessoas com deficiências, resgatando sua autoestima e despertando suas potencialidades. 3. Divulgar conceitos e definições apropriadas a cada tipo de deficiência, bem como diferentes maneiras de lidar com suas especificidades. 4. Resgatar e divulgar a história de luta das pessoas com deficiência e de suas organizações para fortalecer, consolidar e respaldar as ações do movimento. 5. Promover o diálogo entre os segmentos sociedade (incluindo as igrejas) e Poder Público, construindo, juntos, políticas públicas que garantam os direitos e o exercício dos deveres. 6. Promover a acessibilidade das pessoas com deficiência e de mobilidade reduzida a todos os locais públicos e de uso público, inclusive no sistema de transportes, eliminando as barreiras arquitetônicas, urbanísticas, de comunicação e atitudinais. 7. Proporcionar condições efetivas para que as pessoas com deficiência assumam seu papel evangelizador. 8. Envolver toda a sociedade na construção de relações interpessoais, coletivas e fraternas, de maneira inclusiva, superando as atitudes preconceituosas, respeitando a diversidade e a contribuição de cada pessoa com seus dons e carismas. 9. Propor a consolidação da legislação existente, bem como mecanismos de execução efetiva da mesma. 10. Proporcionar meios de organização das pessoas com deficiência em todas as dioceses, paróquias, comunidades e municípios. 11. Garantir iguais oportunidades de crescimento humano e espiritual a todas as pessoas com deficiência. 12. Promover a cultura da solidariedade, proporcionando oportunidade de gestos concretos na partilha de bens e participação na coleta da solidariedade”. CNBB, 2006.

¹³⁸ CNBB - CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **CNBB celebra marca dos 60 anos da Campanha da Fraternidade com reinstalação de galeria**. Disponível em: <<https://www.cnbb.org.br/cnbb-60-anos-campanha-da-fraternidade-galeria/>>. Acesso em: 21 jul. 2024.

Para as pessoas surdas, a visualidade é muito importante para aquisição de novos conhecimentos, experiências, conceitos e compreensão da realidade. Por isso, no centro da mesa da memória está a Palavra que traz infinitas formas de aprender sobre a prática da espiritualidade. Fazer memória de fatos, imagens, palavras e ações é uma arte. A Arte da memória “[...] servia tanto como uma técnica para decorar longos discursos como também deveria desenvolver a capacidade de memorização do orador”.¹³⁹

Esta técnica denominada como mnemotécnica pode contribuir na compreensão e aprofundamento da Palavra

[...] memorização dos fatos através da sua redução a certas imagens que deveriam permitir a posterior tradução em palavras: a realidade (res) e o discurso final (verba) deveriam ser mediatizado pelas imagens (os imagines agentes). Essas imagens por sua vez, deveriam ser estocadas na memória em certos locais (loci) imaginários ou inspirados em arquiteturas de prédios reais.¹⁴⁰

Nestes anos de participação na comunidade surda observei o quanto a Palavra de Deus, a Bíblia, é um atrativo para as pessoas surdas, seja pela curiosidade, seja pelo mistério, seja pelas histórias ou pessoas, é um símbolo espiritual com maior potencial para sentirem-se pertença nesta história. O exercício em conhecer o texto bíblico pode se valer da técnica de memorização que, além do texto, apresenta imagens e locais como fatores positivos para recordar o relato. É visual, é concreta, é Deus se comunicando, mesmo diante de textos intrigantes e incompreensíveis; são destes que surgem as perguntas mais significativas para dialogar na mesa da memória com a Palavra. E, para auxiliar na compreensão dos sentidos que a memória traz, o uso de tecnologias visuais – vídeos e imagens – projetadas durante a vivência espiritual favorecendo maior conhecimento, sensibilidade e armazenamento interior do conteúdo compartilhado, como por exemplo; numa celebração eucarística apresentar uma visualidade da Memória e do Mistério celebrado.

Esta pesquisa quer ser lembrete de que, ainda, é preciso ousar e oportunizar a visibilidade desta comunidade no cotidiano da vida eclesial. Depizzoli,¹⁴¹ em sua

¹³⁹ SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Catástrofe e Representação**. São Paulo: Escuta, 2000.

¹⁴⁰ SELIGMANN-SILVA, 2000.

¹⁴¹ DEPIZZOLI, Antonio Marcos. **Catequese no Brasil junto à pessoa com deficiência**. Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013. p. 151. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/18319>>. Acesso em: 4 jul. 2024.

dissertação sobre catequese junto às pessoas com deficiência, aponta para construção de uma espiritualidade de inclusão em que espiritualidade e cultura se interpenetram e a base desta construção ocorre na catequese, pela Igreja e na sociedade, pela educação.

A espiritualidade para as pessoas surdas não pode ser somente espaço inclusivo, deve ser espaço da dignidade integral da pessoa em sua identidade, cultura e fé. Deve ser espaço físico, acessível, onde o visual, o tecnológico e o gestual sejam expressos com liberdade e no próprio tempo, no kairós.¹⁴² Neste espaço, as memórias inspirarão novos passos para o sentido de vida e a formação de líderes servidores, solidários, perseverantes e proféticos em suas lutas sociais e eclesiais.

4.3.2 MESA DA COMUNICAÇÃO/PÃO PARTILHADO

A partir deste espaço, quero me dedicar ao registro e percepção da Igreja Católica e da comunidade surda, com algumas palavras que Assis Silva identificou, no que se refere à ICAR, especificamente às questões ligada à surdez.¹⁴³ É como se a Igreja Católica tivesse ficado presa ao passado, cristalizada em normatividades anteriores, como o oralismo e a comunicação total, visto à valorização da oralidade canônica em seus ritos e sacramentos. Por conta disso, segue Assis Silva, a Igreja Católica perdeu muito de seus membros surdos para as igrejas Batistas e para as Testemunhas de Jeová, que realizam trabalhos de evangelização mais conformes à concepção de surdez como particularidade linguística, por exemplo, surdo ao invés de deficiente auditivo.¹⁴⁴

A forma visível de uma pessoa sentir empatia, respeito e pertença a um lugar, é a comunicação. Se fosse feita uma comparação entre o processo educacional e o processo da evangelização da comunidade surda na Igreja Católica, seria possível perceber o quanto no espaço educacional os surdos avançaram num gradual processo a ampliação de seus espaços, sendo as conquistas de seu lugar; a crescente

¹⁴² “[...] a partir da mitologia grega, kairós significa momento oportuno, ocasião certa, oportunidade”. ARANTES, Paulo Corrêa. Kairós e Chronos: origem, significado e uso. **Revista Pandora Brasil**, n. 69, Dez. 2015. Disponível em: <https://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/kronos_kairos_69/paulo.pdf>. Acesso em: 4 jul. 2024.

¹⁴³ ASSIS SILVA, César Augusto de. **Cultura surda**: agentes religiosos e a construção de uma identidade. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

¹⁴⁴ ASSIS SILVA, 2012.

força e resistência nas lutas pelos seus direitos e deveres, a preocupação em manter as escolas bilíngues para surdos, aqui com letra maiúscula para destacar sua identidade, cultura e comunicação, indicam sua luta por reconhecimento.

Anselm Grün, em seu livro “Falar e silenciar: por uma cultura do diálogo atencioso”, diz que “[...] quem não tiver consciência da sua língua é incapaz de encontrar sua identidade, pois a língua é um lugar importante para a busca da identidade”.¹⁴⁵ Obviamente ele se refere à língua oral, mas aqui pode ser iluminado o que descrevemos sobre a comunicação em língua de sinais para uma pessoa surda, principalmente, se esta comunicação se inicia desde que uma pessoa se descubra surda.

Fazendo o paralelo na Igreja Católica, há uma vontade tímida para a acessibilidade necessária no desenvolvimento espiritual da pessoa surda. O respeito rigoroso às normas e doutrina, marcaram a vida dos surdos quando receberam a primeira evangelização católica. Por isso, tornou a religião um lugar para receber os sacramentos, um espaço em que um conjunto comportamental e classificatório são tão intensos que impedem a convivência com as diversidades, próprias da sociedade atual. Estas considerações são salientes e ainda definem a igreja como espaço do certo ou do errado, do permitido e o não permitido, e, por muitas vezes, um conhecimento frágil da presença de Deus em suas vidas, principalmente pela ausência da comunicação em língua de sinais. Por exemplo, para o sacramento da reconciliação, os surdos, em sua maioria, não o celebram por falta de comunicação acessível. O Direito Canônico, no Cân. 990¹⁴⁶ e no Cân 983 parágrafo 2,¹⁴⁷ permitem que haja intérprete para o sacramento da penitência. Diante deste direito, existem dois aspectos importantes a serem considerados: primeiro, que as pessoas surdas manifestam que têm o direito à privacidade como qualquer outra pessoa, por ser um momento particular; segundo, é a pessoa do intérprete. É preciso ter conhecimentos

¹⁴⁵ GRUN. Anselm. **Falar e silenciar**: por uma cultura do diálogo atencioso. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2017.

¹⁴⁶ Código do Direito Canônico, Cân. 990 — Não se proíbe que alguém se confesse por meio de intérprete, desde que se evitem os abusos e os escândalos e sem prejuízo do prescrito no cân. 983, § 2. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA – LISBOA. Código de Direito Canônico: Promulgado Por S.S. O Papa João Paulo II. 4. ed. rev. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 1983.

¹⁴⁷ Cân. 983 — § 1. O sigilo sacramental é inviolável; pelo que o confessor não pode denunciar o penitente nem por palavras nem por qualquer outro modo nem por causa alguma.
§ 2. Estão também obrigados a guardar segredo o intérprete, se o houver, e todos os outros a quem tiver chegado, por qualquer modo, o conhecimento dos pecados manifestados em confissão.

básicos da linguagem e sentido do sacramento. E, neste aspecto, é preciso um itinerário formativo para os intérpretes de Libras.¹⁴⁸

A pessoa do intérprete de Libras é muito importante para as pessoas surdas, pois são pessoas que possibilitam uma comunicação acessível, principalmente onde ainda não há acesso para a comunidade surda, que são quase todos os espaços sociais hoje. Embora exista a Lei 10.436/2002, a Lei da LIBRAS,¹⁴⁹ este serviço ainda não é oferecido à sociedade. Até que esta relação sociedade e pessoa surda não for orgânica, a pessoa do/da intérprete será fundamental. O desafio maior neste campo de atuação é a formação religiosa que cada intérprete possui, esta pode facilitar ou dificultar os processos espirituais e/ou catequéticos, por falta de conhecimento deste lugar religioso. É preciso formação do contexto eclesial para que a interpretação alcance a pessoa surda. O intérprete faz parte deste espaço espiritual acessível.

Uma forma de perceber a luta e o protagonismo das pessoas surdas, é observar o lugar que a pessoa surda ocupa na educação e na igreja. Nos espaços de educação bilíngue para surdos, eles próprios são os líderes e modelos para as crianças, adolescentes e jovens seguirem, pois conquistaram seu caminho acadêmico, assumiram seu *lugar de fala* e a responsabilidade na formação da Identidade e Cultura Surda das crianças, jovens, adultos e idosos que não tiveram oportunidade de tais aprendizados. Deste lugar social, as escolas, as crianças, adolescentes e jovens, naturalmente se comunicam em língua de sinais e crescem em sua identidade e inserção comunitária, assimilando os conhecimentos conforme sua cultura proporciona e adquire mais possibilidades de construir sua própria história. Longe de romantizar este processo, quero dizer que, mesmo que seja árduo o caminho, é a proposta mais indicada, pois vimos muitas lideranças em destaque desde que se conheceram e reconheceram como pessoa surda. Na igreja, ainda, não há este espaço conquistado, pois muitas e muitas vezes o que conseguem pedir é que tenha uma pessoa intérprete em libras nas celebrações eucarísticas e sacramentais. Mais do que isto, há um limite crucial na comunicação, a ponto de a pessoa surda não se sentir inserida numa comunidade eclesial, ainda que sua busca

¹⁴⁸ A Lei nº 14.704/2023, publicada no Diário Oficial da União em outubro de 2023, atualizou a Lei nº 12.319/2010, que regulamenta a profissão de tradutor, intérprete e guia-intérprete de Libras.

¹⁴⁹ BRASIL. Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei Nº 10.436, de 24 de Abril de 2002**, que regulamenta a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso em: 4 jul. 2-24.

seja cumprir os preceitos da religião católica, o qual imprime este sentimento de pertença reconhecido, através da percepção de audismo.

Há perguntas inquietantes diante deste cenário, tais como: a pessoa surda sente a força da espiritualidade como sentido de vida, criatividade, despertar e realização de sonhos, como compromisso com um mundo melhor para todos e impulso nas lutas necessárias e cotidianas?

Sendo assim, na mesa da comunicação, o pão representa o significado mais forte da comunicação, a partilha. No diálogo, as vidas se conectam e as experiências se estabelecem, formando trajetórias novas e/ou modificadas. O pão é a soma da farinha, do tempero, do fermento e das mãos humanas habilidosas para inserir os ingredientes com precisão a ponto de compor uma massa que cresce e se faz partilhar e saciar a fome, não só do pão, mas da palavra e da fraternidade. Desta troca de aprendizados, fundamentados na Palavra, a pessoa surda torna-se missionária, pois vai partilhar e anunciar o que “viu, sentiu e acolheu” (1Jo 1,1-4)¹⁵⁰ e, uma das maneiras de viver a missionariedade, é ir ao encontro dos outros surdos e convidá-los à espiritualidade ecumênica ou em diálogo inter-religioso. A mensagem principal é a de que os surdos podem perceber-se como construtores do Reino, participantes da comunhão da Vida, doadores de tempo a serviço dos irmãos. Os gestos de solidariedade são caminhos de libertação, de empatia e de amor. Só o amor pode movimentar a pessoa para fora de si em direção às ações humanas e humanitárias, principalmente onde a vida está mais sofrida. Darei outro exemplo a partir da trágica situação das enchentes no Rio Grande do Sul, em maio de 2024:¹⁵¹ depois que as águas baixaram, a comunidade surda criou uma rede de solidariedade que manifestou o quanto a espiritualidade realmente passa pelos gestos concretos da caridade, pois a superação do cansaço surgia a cada percepção da gratidão da pessoa contemplada

¹⁵⁰ 1Jo 1,1-4: O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com nossos olhos, o que contemplamos e nossas mãos apalparam da Palavra da Vida – vida esta que se manifestou, que nós vimos e testemunhamos, vida eterna que a vós anunciamos, que estava junto do Pai e que a nós se manifestou -, isso que vimos e ouvimos, nós vos anunciamos, para que estejais em comunhão conosco. A nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo. Nós vos escrevemos estas coisas, para que a nossa alegria seja completa.

¹⁵¹ INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS – INES. INES se solidariza com vítimas de enchentes e divulga campanha de doação da Sociedade dos Surdos do Rio Grande do Sul; colabore! BRASIL. **Ministério da Educação**, 8 abr. 2024. Disponível em: <<https://www.gov.br/ines/pt-br/central-de-conteudos/noticias/ines-se-solidariza-com-vitimas-de-enchentes-e-divulga-campanha-de-doacao-da-sociedade-dos-surdos-do-rio-grande-do-sul-colabore>>. Acesso em: 4 jul. 2024.

pela gentileza da equipe. A comunicação espiritual passa pelas ações concretas, conforme está no livro bíblico de Tiago 2,17: “Assim também a fé: se não se traduz em ações, por si só está morta”. E o gesto do pão partilhado traduz um dos maiores gestos de solidariedade, pois vem acompanhado pelo cenário do lava-pés (Jo 13,2-17),¹⁵² visualizado em serviço, abre-se uma dimensão infinita de sentido de vida,¹⁵³ [...] o encontro com Cristo jamais se torne desencarnado, mas envolva e transforme o homem real e as situações concretas em que ele é colocado [...],¹⁵⁴ e que ficará mais fundamentada quando celebrada e partilhada na comunhão das experiências que fecundará o amor no silêncio das vidas e gerará mais movimentos de vida.

4.3.3 MESA DO MOVIMENTO DO SILÊNCIO/ÁGUA E VINHO

Um poema escrito por Shirley Vilhalva, mulher, surda, escritora, indígena sul-mato-grossense e pesquisadora da língua de sinais indígena, em seu livro *Despertar do Silêncio*,¹⁵⁵ registra na expressão poética, o movimento que o silêncio manifesta:

Sabe...
 Quantas vezes cheguei perto para falar e não consegui
 Quantas vezes meus olhos falaram e você nem ligou
 Quantas vezes minhas mãos chamaram e você nem se importou
 Minha vontade de contar coisas bonitas ia morrendo...
 Meus olhos iam se apagando...
 Minhas mãos iam silenciando...
 E eu me sentia só, num mundo que não era meu...
 Aos poucos fui nascendo novamente...
 Aceitando seu mundo...
 E descobrindo nele coisas maravilhosas:
 A existência do som, da palavra, das cores...
 Só não consegui identificar a sua voz...
 Aprendi que as folhas falam quando o vento sopra...
 Aprendi que a água canta quando cai...
 Sozinha, nunca liguei o ruído à fonte sonora,
 Só descobri tudo isso quando alguém me contou...

¹⁵² Evangelho de João 13, 12 – 17: Depois de lhes lavar os pés e tomar as suas vestes, sentou-se novamente à mesa e perguntou-lhes: Sabeis o que vos fiz? Vós me chamais Mestre e Senhor, e dizeis bem, porque eu o sou. Logo, se eu, vosso Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar-vos os pés uns aos outros. Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, assim façais também vós. Em verdade, em verdade vos digo: o servo não é maior do que o seu Senhor, nem o enviado é maior do que aquele que o enviou. Se compreenderdes estas coisas, sereis felizes, sob condição de as praticardes.

¹⁵³ FORTE, Bruno. **Teologia da história**: ensaio sobre a revelação, o início e a consumação. São Paulo: Paulus, 1995. p. 35.

¹⁵⁴ FORTE, 1995.

¹⁵⁵ VILHALVA, Shirley. **Despertar do silêncio**. [S/L]: Editora Arara Azul, 2004. Disponível em: <<http://www.librasgerais.com.br/materiais-inclusivos/downloads/Despertar-do-Silencio.pdf>>. Acesso em: 5 jul. 2024.

Que maravilha!
 Mas...
 Sinto muito por quem:
 – nunca teve tempo...
 – nunca olhou para uma criança para ver algo diferente...
 – não percebe que ela precisa:
 – da sua atenção,
 – da sua palavra,
 – da sua compreensão e do seu AMOR.

Um dos aspectos que logo vem à cabeça quando se faz referência à surdez é o silêncio, visto que estão privados de alguns sons. Mas silêncio é somente ausência de som?

Neste poema, Shirley dá movimento ao silêncio das palavras e reflete uma comunicação visual para comunicar sua percepção desde seu lugar de encontro consigo e o desencontro com o outro espaço, oral e auditivo. No movimento de ver e sentir, toma uma dimensão de dor e alegria, de descoberta e encanto que, muitas vezes, a pessoa surda vive no berço de sua família ou de uma escola inclusiva ou em tantos lugares que lhe faltam acessibilidade. Sendo assim, se a pessoa surda pudesse vivenciar espaços de espiritualidade a ponto de dar movimento ao silêncio que lhe habita, com tudo o que ele quer expressar, [...] o tempo é aberto para a impossível possibilidade divina e a decisão de confiar no Eterno, até quando ele parece silencioso e oculto, adquire o sabor da dignidade infinita, capaz de dar valor a todo tempo histórico[...].¹⁵⁶

Em cada ser criado pelo Divino, existe uma comunicação que é própria e se manifesta na história, pois como diz o bispo católico Bruno Forte:¹⁵⁷ “[...] as maravilhas do Eterno são realizadas através dos humildes eventos dos dias dos homens e sua promessa escancara um novo futuro, totalmente indedutível e impensável a partir das lembranças e pensamentos humanos”.¹⁵⁸ Este Eterno se revela na encarnação de Jesus como homem, como pessoa na história da humanidade e concretiza a maior comunicação do Divino, o Amor. Este, revelado na entrega da vida, permitindo que o ser humano participe de sua paixão na cruz redentora, mas também na solidariedade e serviço ao pobre e ao oprimido mediante os quais Ele se manifesta.¹⁵⁹ No movimento

¹⁵⁶ FORTES, 1995.

¹⁵⁷ FORTE, Bruno. Teologia da História, 1998, p.15

¹⁵⁸ FORTE, 1998.

¹⁵⁹ “[...] A decisão por Cristo é, ao mesmo tempo, opção pela pessoa e pela natureza em que vive, a fim de que a Glória de Deus se resplandeça em toda a criação e em cada uma de suas criaturas [...]

das relações das criaturas com o Criador acontece a harmonia das identidades e a realização da missão que cabe a cada SER. Para a comunidade surda é indispensável a convivência com seus pares para assim descobrir-se, formar-se como pessoa em uma cultura, com uma comunicação e missão que lhe é própria. Sendo a casa da espiritualidade o lugar de referência para os parâmetros das relações, na sala acessível será oportunizada a visualização da relação mais fecunda que a fé nos mostra: a Trindade – o Pai, o Filho e o Espírito Santo, sendo que cada uma das Pessoas Trinas recebe seu sinal de: Deus, Jesus Cristo e Espírito Santo. Além do sinal que já é visual, vale complementar a imagem da Trindade. Esta imagem poderá ser criada a partir das vivências e conhecimentos espirituais ao redor da mesa que movimenta o silêncio, através dos símbolos da água e do vinho.

Como entender os motivos dos símbolos espirituais da mesa do movimento e do silêncio? Assim como na poesia, Shirley escreve: “Aprendi que a água canta quando cai [...]”, a água é palpável, é visível, é fonte de vida e tem a missão de manter a “hidratação” do amor. O vinho por sua vez, traz a riqueza da diversidade e do trabalho humano. Traz a cena clássica do início da missão de Jesus, no texto das bodas de Caná (Jo 2,1-11)¹⁶⁰ em que no silêncio e no movimento dos servidores, a água foi transformada em vinho, possibilitando a continuidade da festa de casamento, segundo o relato bíblico. E, no relato da comunidade surda, estar em comunhão é ver a vida se tornando festa no movimento da esperança que é concreta no movimento das mãos que promove conhecimento, partilha, comunhão e comunicação na mesa em que, na mesma língua, se entendem, conforme apresenta o texto do livro dos Atos dos Apóstolos 2. 8: “[...] como então todos nós os vimos comunicar, cada um em sua própria língua?”. E quem promove este movimento é o Espírito Santo.

O Espírito não é a Palavra; ele porém torna de fato possível o encontro vivificador com a Palavra. Tampouco ele é o Silêncio; anuncia porém, o que ouviu da Palavra nos silêncios eternos e se abre para o futuro, já que ele está totalmente relacionado com aquela plenitude da verdade que será eloquente Silêncio do Deus tudo em todos (cf 1Cor 15,28). Graças ao Espírito, vêm se encontrar no coração do homem Palavra e Silêncio [...] “Se alguém me ama,

através da Palavra, se revelou o Silêncio e se tornou possível o encontro do homem e da natureza com Deus no Espírito”. FORTE, 1998, p. 35.

¹⁶⁰ “[...] Jesus ordena-lhes: ‘Enchei as talhas de água’. Eles encheram-nas até em cima. ‘Tirai agora’ – disse-lhes Jesus – ‘e levai ao chefe dos serventes’. E levaram. Logo que o chefe dos serventes provou da água tornada vinho, não sabendo de onde era (se bem que o soubessem os serventes, pois tinham tirado a água), chamou o noivo e disse-lhe: “É costume servir primeiro o vinho bom e, depois, quando os convidados já estão quase embriagados, servir o menos bom. Mas tu guardaste o vinho me-lhor até agora”.

guardará minha palavra e meu Pai o amará e a ele viremos e nele estabeleceremos morada” (Jo 14,23).¹⁶¹

A casa da espiritualidade é uma das moradas da Trindade, pois eterniza a habitação do amor através dos encontros que favorecem sentido de vida e corresponsabilidade humana para que no Silêncio, na Palavra e no Encontro comunicador, o horizonte do BEM seja buscado por toda a humanidade. A igreja é um sinal visível desta utopia e realidade do encontro, primeiro porque nasceu no movimento do Pentecostes, significando que é para sair, ir ao encontro, colocar-se em movimento de gerar novos encontros e ter a capacidade de dialogar em outras línguas. Esta é a identidade da Igreja: ser missionária. Aqui a oportunidade incrível de chegar neste campo acessível e enriquecer-se com a cultura surda. Como se fará isto? Nas DGAE 2019-2023, já se aponta um caminho: uma comunidade eclesial missionária.¹⁶²

Esta conversão implica formação de pequenas comunidades [...] nos mais variados ambientes, que sejam casas da Palavra, do Pão, da Caridade e abertas à ação missionária. Essas comunidades podem oferecer, nesse contexto, meios adequados para o crescimento da fé, para fortalecimento da comunhão fraterna, para o engajamento de seus integrantes na missão e para a renovação da sociedade.

Podemos dizer Comunidades Eclesiais Missionárias para Surdos? Esta comunidade eclesial pode ser uma resposta à pergunta que motivou esta pesquisa: Como as pessoas surdas sentem Deus? No caminho da construção desta resposta, outras perguntas surgem, tais como: a Igreja Católica está inquieta por esta resposta? Sem presunção, mas com a consciência de que esta Igreja, que também sou eu, manifesto abertamente o quanto desejo, com as pessoas surdas, possibilitar vivências onde possamos partilhar as “grandes coisas que Deus fez e faz em nós”, conforme Maria expressa em seu cântico em Lucas 1,49. Para tanto, se faz necessário tempo de diálogo e criação de uma proposta concreta e visual de uma comunidade eclesial

¹⁶¹ FORTE, Bruno. Teologia da História, 1998, p.157.

¹⁶² CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB. Documentos. Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023, nº 33, p. 29 – Comunidades eclesiais missionárias. Disponível em: <<https://facbel.edu.br/wp-content/uploads/2020/08/dia-27-diretrizes-documento-109.pdf>>. Acesso em: 4 jul. 2024.

modelo a tal ponto de ser um novo espaço na casa da espiritualidade, completamente acessível em Libras e inspiração para pessoas com outras deficiências.¹⁶³

Poderia ser um espaço onde pudesse acontecer um Efatá! (“Abra-se!”), conforme o evangelho de Marcos 7,37, o clássico texto do encontro de Jesus com uma pessoa surda. Mas este “Abra-se!”, ao invés de ser dos ouvidos, precisa ser das mãos livres para se comunicar sem medo de não serem entendidas. Acredito que esta comunidade eclesial acessível possa reescrever a página deste Evangelho, atualizando e respondendo à pergunta que uma jovem surda me fez um dia: Jesus gostava do surdo? Eu, prontamente, respondi que sim. Então, ela me replicou: então, por que Jesus o curou? Por que não o deixou surdo e se comunicou com ele de outra forma?

Acredito que muitas pessoas surdas têm dúvidas e vontade de aprender sobre este universo divino que lhe dá vida, mas não encontram espaços em que possam dialogar, perguntar abertamente e que possam ter facilitadores suficientes para compreenderem os textos, a organização da igreja, das equipes, dos trabalhos em diferentes espaços, superando rigorismos e doutrinas, expressando a liberdade interior que a espiritualidade proporciona. Deus que é Silêncio, habita o silêncio original da pessoa surda, Jesus que é Palavra, torna visível a comunicação nas mãos e o Espírito Santo é o movimento que alcança os olhos e faz entender a mensagem do Amor. Nas três mesas da sala acessível, a Bíblia, o pão, a água e o vinho trazem o sabor do aprendizado e da vida partilhada, características próprias de uma comunidade católica, assumindo seu compromisso universal de fazer o Reino de Deus acontecer.

No final deste capítulo, a composição da possível espiritualidade para as pessoas surdas perpassa as práticas que os símbolos espirituais emanam em cada pessoa, tornando-a liderança servidora, consciente e protagonista de sua história. Estes símbolos podem ser um caminho pedagógico para que a ICAR visualize a força divina nas diferenças que há em cada lugar e pessoas. Fazendo uso da linguagem das mesas, esta pesquisa é um convite à ICAR sentar-se à mesa e compartilhar

¹⁶³ BRASIL. Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Decreto Nº 6.949, de 25 de Agosto de 2009**, que Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm>. Acesso em: 4 jul. 2024.

conhecimentos e vivências espirituais. Um exemplo bem concreto para compreender esta proposta, é através da visualidade do significado dos gestos e símbolos, ritos e Mistério celebrado numa Missa. Neste ambiente, nas partes da celebração, enquanto o presidente reza, simultaneamente aos sinais, são projetadas imagens que traduzem o significado do momento. Para fazer Memória da Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus, os símbolos espirituais já indicam as duas mesas celebradas numa missa: Mesa da Palavra e da Eucaristia (Palavra, a água, o vinho e o pão partilhado). Abaixo segue um exemplo da apresentação das ofertas e oração eucarística; oração do Cordeiro de Deus. Esta visualização poderá nos oferecer um caminho a se fazer com dedicação e compromisso em vivermos a espiritualidade no cotidiano da vida, encontrando e construindo sentido em nossa forma de viver, colocando nossos dons a serviço, transformando-nos em líderes servidores e acessíveis, pois todos nós somos sedentos de espiritualidade.

4.6 CONCLUSÃO

Neste capítulo, pretendi apresentar possíveis aspectos para uma espiritualidade surda no seio da comunidade católica. Depreendi das análises teóricas e conceituais que a comunidade surda tem sua própria maneira de sentir e ouvir o Espírito de Deus sem que o fato de serem pessoas surdas seja um impedimento. Pelo contrário, ser surdo não é em nada impeditivo para sentir a voz de Deus, pois este é em espírito, é algo que acontece no mistério da ação do Espírito, e não tem a ver com uma dificuldade colocada por uma lógica audista e limitadora. A espiritualidade da comunidade surda é viva e possui sua beleza no processo simbólico-visual no qual as pessoas podem se fazer compreender e compartilhar suas experiências junto ao Espírito de Deus e aos irmãos.



5 CONCLUSÃO

Ao concluir esta pesquisa, permito-me relatar percepções ao longo do processo. Como escrevi na introdução, este caminho se iniciou há 32 anos quando fui acolhida na e pela comunidade surda. Sim, acolhimento sem reservas, mesmo não havendo fluência em libras, vivia cada encontro como uma aprendiz e assim me sinto até hoje, uma aprendiz. Primeiro, que sou não surda, relatando um convívio e um sonho que quer alcançar a pessoa surda; segundo, que o que trago na pesquisa é uma inquietação missionária para ser um espaço que, realmente, favoreça o pertencimento das pessoas surdas na igreja. Minha prática é deste lugar eclesial que sou, Igreja Católica Apostólica Romana e meu objetivo é favorecer à ICAR um alargamento da tenda, usando aqui uma linguagem sinodal, tão atual nestes últimos três anos, em que o Papa Francisco propõe uma “escuta da realidade” para caminhar na participação, na comunhão e na missão. Então, nada melhor que encontrar materiais favoráveis no caminho e esta pesquisa quer ser uma “semente boa na beira deste caminho” (Lucas 8,5-14).

A boa semente é tomar consciência de que podemos ser uma Igreja acessível para todas as pessoas. Alguns grupos de pessoas e comunidades necessitam vivências que se conectem com suas realidades e se comuniquem de um modo que as ajude a sentirem-se pertencentes àquele espaço. O objetivo encontrar através da história e das convivências com as pessoas o quanto Deus se comunica com todas as realidades e o quanto as pessoas surdas, realmente, sentem Deus em sua identidade, em suas lutas e cultura; o quanto Deus se revela nas conquistas frente um sistema audista de comunicação, principalmente pela criatividade que a língua de sinais é neste universo tão especial da comunidade surda. Só Deus para oferecer este dom de comunicar na beleza dos movimentos das mãos e no olhar atendo que lê o contexto transmitido! A outra pergunta sobre a forma com que a ICAR pode ser este espaço acessível para da comunidade surda e das oportunidades de experiências divinas através do que é próprio em sua língua e cultura, ainda continua sendo um lugar a ser conquistado, pois ainda os espaços são poucos para um povo com mais de 10 milhões de surdos no Brasil. O que já existe até então, pode melhorar no sentido de criar espaços físicos e reais para as vivências espirituais das pessoas surdas. Esta pesquisa oferece uma resposta, visual e concreta, quando em algum lugar surgir a

pergunta: como fazemos para começar a missão junto aos surdos? A pesquisa oferece estes indicativos de que a ICAR pode crescer e modificar-se para ser, realmente, um espaço em que as pessoas surdas se sintam participantes e lideranças servidoras em suas Comunidades Eclesiais Missionárias para Surdos, em que realizam todo o processo evangelizador para seus pares e possam exercer os ministérios na e para a comunidade, possam formar novas lideranças eclesiais missionárias. Sendo assim, o símbolo da casa da espiritualidade foi uma maneira de visualizar um processo para dialogar e, quiçá, construir uma espiritualidade para as pessoas surdas. Nesta casa, neste lugar acessível visual e tecnológico, seguir avaliando com os próprios surdos como nos enriquecer nas vivências da espiritualidade a tal ponto que alcance o coração dos surdos. E, com certeza, esta construção precisa ser edificada pela comunidade surda e com as pessoas intérpretes de Libras que se dispõem a este caminho espiritual.

Vale ressaltar que a pesquisa, ao falar deste lugar acessível, não tem a pretensão de fechar-se em si, mas formar uma comunidade missionária acessível, assim como já vivenciado por uma pessoa surda e, em sua partilha, podemos reconhecer que a iniciativa comprova a prática missionária das pessoas surdas. A proposta é que este ambiente seja formativo, vivencial, esclarecedor, um lugar visual e verdadeiramente comunicador do Evangelho. Seja lugar que as pessoas surdas podem comunicar em sua língua e cultura, podem ser acolhidas e compreendidas a partir de sua realidade. E, que considerar pessoas surdas dividindo o mesmo espaço com pessoas ouvintes com um intérprete sinalizando numa missa, por exemplo, é ser igreja acessível, é um grave equívoco, pois pode ser meramente o cumprimento do preceito semanal. Evangelização acessível vai muito além do preceito.

Ao chegar no final, confirmo que foi o registro das inquietações e buscas conceituais, das observações equivocadas, das vivências que não foram acessíveis e que não alcançaram o coração das pessoas surdas, das metodologias acertadas ou não, que me moveram a realizar esta pesquisa. Reconhecer este caminho, favoreceu maior responsabilidade em cada palavra desta pesquisa. Oxalá possa ser um passo em direção ao novo necessário: possibilitar que a comunidade surda e/ou as pessoas com deficiência nos digam por onde caminhar para sermos, de fato, uma Igreja em saída, como nos pede o Papa Francisco.

Depois de confirmar a importância da visualização para que as pessoas surdas assimilem os aprendizados e esta proposta, segue, em anexo, um material com as

principais informações desta pesquisa. Além de acompanharem a partilha da proposta, poderão fazer suas observações para que a proposta esteja, realmente, em consonância com a identidade, cultura e alcance da comunidade surda, compartilhando com surdos e surdas uma comunhão, realmente, acessível.



REFERÊNCIAS

“Acordei com cheiro da água”: a tragédia climática do Rio Grande do Sul vivida por surdos. **Pública**, 27 jun. 2024. Disponível em: <<https://apublica.org/2024/06/acordei-com-cheiro-da-agua-a-tragedia-climatica-do-rio-grande-do-sul-vivida-por-surdos/>>. Acesso em: 28 jun. 2024.

ADAM, Júlio Cezar; REINER, Michael Richard. Silêncio e Mindfulness: perspectivas para o desenvolvimento de uma espiritualidade cristã. **Revista Pistis & Praxis**, v. 14, n. 3, 2022.

ALMADA, Roberto. **O cansaço dos bons**: a logoterapia como alternativa ao desgaste profissional. São Paulo: Editora Cidade Nova, 2015.

ARANTES, Paulo Corrêa. Kairós e Chronos: origem, significado e uso. **Revista Pandora Brasil**, n. 69, Dez. 2015. Disponível em: <https://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/kronos_kairos_69/paulo.pdf>. Acesso em: 4 jul. 2024.

ARISTÓTELES. **A política**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1991.

ASSIS SILVA, César Augusto de. **Cultura surda**: agentes religiosos e a construção de uma identidade. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

ASSIS SILVA, César Augusto de. Igreja Católica e surdez: território, associação e representação política. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 32(1), p. 13-38, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rs/a/hHnRF8pmvSbMGCX3pkmfcBF/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 3 jul. 2024.

BAINTON, Roland H. **Christendom**: A Short History of Christianity and Its Impact on Western Civilization. New York: Harper & Row, 1966. 2 v.

BÍBLIA. Português. CNBB. 2008.; CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Bíblia Sagrada**: tradução da CNBB com introduções e notas. Brasília, DF: Edições CNBB, São Paulo, SP: Canção Nova, 2008.

BOFF, Leonardo. **Espiritualidade**: um caminho de transformação. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

BOFF, Leonardo; BETO, Frei. **Mística e espiritualidade**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1994.

BRASIL. Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei Nº 10.436, de 24 de Abril de 2002**, que regulamenta a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>. Acesso em: 4 jul. 2-24.

BRASIL. Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Decreto Nº 6.949, de 25 de Agosto de 2009**, que Promulga a Convenção

Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm>. Acesso em: 4 jul. 2024.

CABRAL, E. **Para uma cronologia da educação dos surdos**. Porto, 2001. Disponível em: <http://www.sj.cefetsc.edu.br/~nepes/docs/Midioteca_artigos/historia_educacao_surdos/texto59.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2024.

CARNEIRO, Everton Nery; LUSTOSA, Francisca Geny. Espiritualidade e as concepções sobre as pessoas com deficiência: recortes temporais. **Fragments de Cultura**, Goiânia, v. 29, n. 4, p. 622-638, 2019. Disponível em: <<https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/7743>>. Acesso em: 5 jul.

CARVALHO, Paulo Vaz ded. **História dos Surdos no Mundo**. Lisboa: Editora Surd'Universo, 2007.

CASALDÀLIGA, Pedro; VIGIL, José Maria. **Espiritualidade da libertação**, 1928. Tradução Jaime. A. Clasen. Petrópolis/RJ: Vozes, 1993.

CASTRO JÚNIOR, Glaucio de. Cultura surda e identidade: estratégias de empoderamento na constituição do sujeito surdo. pp. 11-26. In: ALMEIDA, WG. (Org.). **Educação de surdos: formação, estratégias e prática docente** [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2015. Disponível em: <<https://books.scielo.org/id/m6fcj/pdf/almeida-9788574554457-02.pdf>>. Acesso em: 3 jul. 2024.

CERQUEIRA, Larissa Mota de. A Pastoral do Surdo: espaço e experiência de inclusão. In: Diversidade, Inclusão Social e Educacional. In: CERQUEIRA, Larissa Mota de. (Org.). **Educação especial na perspectiva inclusiva: mapeamento dos trabalhos finais de conclusão de curso (TFCC) do Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED) dos participantes do grupo de estudos (GEEDICE) (2016 a 2018)**. Alagoinhas: Bordô-Grená, 2019, v. Disponível em: <https://www.editorabordogrena.com/_files/ugd/d0c995_899495a899f045d391e55f6faf07e18d.pdf#page=13>. Acesso em: 4 jul. 2024.

CNBB - CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Campanha da Fraternidade 2006**: Fraternidade e Pessoas com Deficiência. Disponível em: <<https://campanhas.cnbb.org.br/campanha/fraternidade2006>>. Acesso em: 4 jul. 2024.

CNBB - CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Jovens Conectados – Comissão Episcopal Pastoral para a Juventude. **Relembre todas as 50 Campanhas da Fraternidade da CNBB**. Disponível em: <<https://jovensconectados.org.br/relembre-todas-as-50-campanhas-da-fraternidade-da-cnbb.html>>. Acesso em: 4 jul. 2024.

CNBB - CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **CNBB celebra marca dos 60 anos da Campanha da Fraternidade com reinstalação de galeria**.

Disponível em: <<https://www.cnbb.org.br/cnbb-60-anos-campanha-da-fraternidade-galeria/>>. Acesso em: 21 jul. 2024.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA – LISBOA. Código de Direito Canônico: Promulgado Por S.S. O Papa João Paulo II. 4. ed. rev. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 1983.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB. Documentos. Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023, nº 33, p. 29 – Comunidades eclesiais missionárias. Disponível em: <<https://facbel.edu.br/wp-content/uploads/2020/08/dia-27-diretrizes-documento-109.pdf>>. Acesso em: 4 jul. 2024.

Congresso Missionário Nacional, 10-15 nov. 2023, Manaus, AM. Ide! Da Igreja local aos confins do mundo! Texto base. **Serviço de Informação Missionária**, SIM, Ano 51 - Nº3 setembro a dezembro de 2023. Disponível em: <<https://pom.org.br/wp-content/uploads/2023/12/SIM-N03-2023-Web.pdf>>. Acesso em: 5 jul.

CONRAD, Katia Regina. Educação e Surdez: Um Resgate Histórico pela Trajetória Educacional dos Surdos no Brasil e no Mundo. **Revista Virtual de Cultura Surda e Diversidade**, Edição nº 08, 2011. Disponível em: <<https://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=7&idart=93>>. Acesso em: 4 jul. 2024.

DAMASCENO, Márcia Clébia Araújo. **Dinâmicas interacionais entre surdos e intérpretes em Igrejas Batistas em Juazeiro do Norte**. Dissertação. (Mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2019. Disponível em: <<http://bdtf.fuv.edu.br:8080/jspui/bitstream/prefix/278/1/TCC%20-%20Marcia%20Clebia%20Araujo%20Damasceno.pdf>>. Acesso em: 4 jul. 2024.

DEPIZZOLI, Antonio Marcos. **Catequese no Brasil junto à pessoa com deficiência**. Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/18319>>. Acesso em: 4 jul. 2024.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. Verbete: habilidade. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/habilidade/>>. Acesso em: 5 jul.

DO COUTO, Hildo Honório. Sobre o conceito de comunidade surda. **Revista de Estudos da linguagem**, v. 13, n. 2, p. 193-219, 2005.

Documento da Espiritualidade das Irmãs Franciscanas de N. Sra Aparecida - DE, aprovado na 22ª Assembleia Capitular, Porto Alegre, outubro 2005, art. 13. Documento interno.

Documento da Espiritualidade das Irmãs Franciscanas de N. Sra Aparecida - DE, aprovado na 22ª Assembleia Capitular, Porto Alegre, outubro 2005, art. 13. Documento interno. DE,16.

ENCICLOPÉDIA SIGNIFICADOS [Online]. Verbete: entusiasmo. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/entusiasmo/#:~:text=Com%20rela%C3%A7%C3>>

A3o%20%C3%A0%20etimologia%2C%20a,esta%20experimenta%20uma%20paix%C3%A3o%20excessiva.>. Acesso em: 5 jul.

FATEC – Faculdade de Teologia e Ciências. **Identidade, Cultura e Comunidade surda: História e Experiências de Surdos no Brasil**, Notas de estudo de Cultura. Disponível em: <<https://fatecc.com.br/alunos/apostilas/mestrado/LIBRAS/Apostilas/Cultura%20e%20Identidade%20Surda/culturaidentidade.pdf>>. Acesso em: 2 jul. 2024.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2009. Verbete: espiritualidade.

FERREIRA, Rita Wanderline; CÓRDULA, Eduardo Beltrão de Lucena. A importância da Literatura Visual no processo de ensino-aprendizagem do(a) aluno(a) surdo(a). **Educação Pública**, 2017. Disponível em: <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/17/13/a-importancia-da-literatura-visual-no-processo-de-ensino-aprendizagem-do-a-aluno-a-surdo-a>>. Acesso em: 3 jul. 2024.

FORTE, Bruno. **Teologia da história: ensaio sobre a revelação, o início e a consumação**. São Paulo: Paulus, 1995.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**. São Paulo: Editora Paulinas, 2013.

FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. São Leopoldo: Sinodal, 2013.

GALLAUDET UNIVERSITY. Disponível em: <<https://gallaudet.edu/>>. Acesso em: 9 jul. 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas SA, 2002.

GRÜN. Anselm. **Falar e silenciar: por uma cultura do diálogo atencioso**. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2017.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Beber em seu próprio poço**. São Paulo: Loyola, 2000.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade**, Vol./No. 22/2, p. 15-46, 1997.

História dos Surdos no Brasil e no Mundo. **Academia de Libras**, dez. 2023. Disponível em: <<https://mirandaLibrassemfronteiras.weebly.com/-histoacuteria-dos-surdos.html>>. Acesso em: 3 jul. 2024.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. Tradução de Luiz Repa. São Paulo: Ed. 34, 2003.

HUNTER, James C. **Como se tornar um líder servidor – Os princípios de liderança de o monge e o executivo**. Tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. 2. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

HUNTER, James C. **O monge e o executivo** – uma história sobre a essência da liderança. Tradução Maria da Conceição Fornos de Magalhães. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

IGREJA CATÓLICA. Santa Sé. **Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte do Sumo Pontífice João Paulo II ao episcopado, ao clero e aos fiéis no termo do grande jubileu do ano 2000**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2001/documents/hf_jp-ii_apl_20010106_novo-millennio-ineunte.html>. Acesso em: 5 jul.

IGREJA CATÓLICA. Santa Sé. **Carta do Papa João Paulo II ao Arcebispo de Montevidéu**, 27 de Novembro de 1978. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1978/documents/hf_jp-ii LET_19781127_arciv-montevideo.html>. Acesso em: 5 jul.

IGREJA CATÓLICA. Santa Sé. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium Do Santo Padre Francisco ao Episcopado, ao Clero, às Pessoas Consagradas e aos Fiéis Leigos Sobre O Anúncio do Evangelho no mundo actual**, Papa Francisco. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html>. Acesso em: 5 jul.

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS – INES. INES se solidariza com vítimas de enchentes e divulga campanha de doação da Sociedade dos Surdos do Rio Grande do Sul; colabore! BRASIL. **Ministério da Educação**, 8 abr. 2024. Disponível em: <<https://www.gov.br/ines/pt-br/central-de-conteudos/noticias/ines-se-solidariza-com-vitimas-de-enchentes-e-divulga-campanha-de-doacao-da-sociedade-dos-surdos-do-rio-grande-do-sul-colabore>>. Acesso em: 4 jul. 2024.

JUNGER, Angela Maria. Logoterapia e espiritualidade: recursos noéticos para o discernimento vocacional e intervenção em adolescentes e jovens. **RECIMA21** - Revista Científica Multidisciplinar, 1(1), 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.47820/recima21.v1i1.429>>. Acesso em: 4 jul. 2024.

JÚNIOR, João Luiz Correia. A poética mística do Dom. **Fronteiras**, Revista de Teologia da Unicap, v. 1, n. 1, p. 93-111, 2018. Disponível em: <<https://www1.unicap.br/ojs/index.php/fronteiras/article/view/1187>>. Acesso em: 5 jul. 2024.

KRAEMER, Graciele Marjana. Identidade e cultura surda. p. 138-153. In: LOPES, 2012.

LANE, H. **A Máscara da Benevolência**: a comunidade surda amordaçada. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

LARA, Ana Paula G. **Experiência de Protagonismo surdo**. Dissertação. (Mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, Programa de Pós-Graduação em Educação, São Leopoldo, 2021. Disponível em: <http://repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/9830/Ana%20Paula%20Gomes%20Lara_.pdf?sequence=3&isAllowed=y>. Acesso em: 23 set. 2024.

LEBEDEFF, Tatiana Bolivar (Org.). **Letramento Visual e Surdez**. Rio de Janeiro: Walk Editora, 2017.

LOPES, Carlos André Lima. Aromoterapia: espiritualidade e a emoção do medo. ANAIS DO IV CONGRESSO NACIONAL da Educação, IV CONEDU, 2017. Disponível em: <<https://mail.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/35878>>. Acesso em: 4 jul. 2024.

LOPES, Maura Corcini (Org.) & colaboradores. **Cultura Surda & Libras**. São Leopoldo: Unisinos, 2012. Disponível em: <<http://projetoredes.org/wp/wp-content/uploads/Cultura-Surda-e-Libras.pdf>>. Acesso em: 4 jul. 2024.

MAZZUCO, Vitório. Encontro com o leproso. **Portal Franciscanos**: Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, OFM, 28 set. 2010. Disponível em: <<https://franciscanos.org.br/vidacrista/encontro-com-o-leproso-2/#gsc.tab=0>>. Acesso em: 17 jan. 2024.

MELO, Rúrion. “Repensando o Déficit Sociológico da Teoria crítica: De Honneth a Horkheimer”. **Cadernos de Filosofia Alemã**: Crítica e Modernidade 22, p. 63-76, 2017.

MESTERS, Carlos. **Por trás das palavras**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

MIRANDA, Rizovaldo Costa. História dos surdos. **MirandaLibras**. Disponível em: <<https://academiadeLibras.com/blog/historia-dos-surdos/#:~:text=A%20hist%C3%B3ria%20dos%20surdos%20passa,pela%20socieda de%20como%20um%20todo.>>>. Acesso em: 3 jul. 2024.

NOUWEN, Henri J. M. **O sofrimento que cura**: por meio de nossos próprios ferimentos, podemos nos tornar fonte de vida para o outro. São Paulo: Paulinas, 2001.

PEDROSO, José Carlos Corrêa. **Olhos do Espírito**: itinerário de formação na contemplação na escola de Francisco de Assis. Piracicaba, SP: Centro Franciscano de Espiritualidade, 1993.

PERANI, Cláudio. Libertação e espiritualidade. **Cadernos do CEAS**: Revista crítica de humanidades, n. 233, p. 140-149, 2009. Disponível em: <<https://cadernosdoceas.ucsal.br/index.php/cadernosdoceas/article/view/71>>. Acesso em: 5 jul. 2024.

PERLIN, Gladis; MIRANDA, Wilson. Surdos: o narrar e a política. **Ponto de Vista**, Florianópolis, n. 05, p. 217-226, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/download/1282/4249>>. Acesso em: 2 jul. 2024.

PERLIN, G. Identidades Surdas. p. 51-71. In: SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

Prefácio da solenidade de Cristo Rei. In: IGREJA CATÓLICA. Congregação do Culto Divino e a Disciplina do Sacramento. Instrução geral sobre o Missal Romano. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

QUEIROZ, Paulo Sérgio da Silva. **O conceito de déficit sociológico em Axel Honneth**: apontamentos para uma teoria crítica do direito. Trabalho de Conclusão de Curso. 71 f. (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Ciências Jurídicas, Direito - Bacharelado, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/51882/4/TCC%20Paulo%20S%20a9rgio%20da%20Silva%20Queiroz.pdf>>. Acesso em: 3 jul. 2024.

RASBOLT, Junior; CARVALHO, Taísa. O surdo na caverna. **Travessias**, ed. XII. Cascavel, v. 5, n. 2, p. e5384, 2011. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/5384>>. Acesso em: 2 jul. 2024.

REILY, L. O papel da Igreja nos primórdios da educação dos surdos. **Revista Brasileira De Educação**, 12(35), 308–326, 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-24782007000200011>>. Acesso em: 2 jul. 2024.

SACKS, Oliver. **Vendo Vozes**: uma viagem ao mundo dos Surdos. Rio de Janeiro: Imago editora, 1990.

SANTO ATANÁSIO. **Vida de Santo Antão**. Bibliotheca Patristica. Petrópolis-RJ: Mosteiro da Virgem, [s/d]. Disponível em: <https://sumateologica.wordpress.com/wp-content/uploads/2010/02/atanasio_vida_de_santo_antao.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2024.

SBARDELOTTI, Emerson; SOUZA Ney de. (Orgs.). **Puebla**: Igreja na América Latina e Caribe. Petrópolis: Vozes, 2019. Artigo 1134.

SCOUTEN, Edward. **Turning points**. Danville, IL: The Interstate Printers & Publishers, Inc., 1984.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Catástrofe e Representação**. São Paulo: Escuta, 2000.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da; SILVA, Leila Rodrigues (Orgs.). Utopia e resistência: a construção de uma espiritualidade franciscana feminina no séc. XIII. ATAS DA VI SEMANA DE ESTUDOS MEDIEVAIS do Programa de Estudos Medievais da UFRJ, Realizada no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, de 25 a 27 de outubro de 2005. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://pem.historia.ufrj.br/arquivo/atas_visemana.pdf>. Acesso em: 5 jul.

SILVA, Cesar Augusto de Assis. **Cultura Surda: agentes religiosos e a construção de uma identidade**. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012, 2. ed.

SILVA, Edvaldo Feliciano da; CAMPOS, Marineide Furtado. O percurso dos surdos na história e a necessidade da Libras para a inclusão dos sujeitos na escola. JOIN: Encontro Internacional de Jovens Investigadores, Edição Brasil, 2017. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/join/2017/TRABALHO_EV081_MD1_SA144_ID1281_12092017192714.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2024.

SILVA, Érica Nelcina da. **Religião e inclusão**: ação pastoral e o surdo na diocese de Uruaçu-GO. Dissertação. 150 f. (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2019. Disponível em:

<<https://tede2.pucgoias.edu.br/bitstream/tede/4203/2/%c3%89rica%20Nelcina%20da%20Silva.pdf>>. Acesso em: 4 jul. 2024.

SKLIAR, Carlos (Org.). **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Ed. Mediação, 1998.

SKLIAR, Carlos. **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

STROBEL, Karin L. **Surdos**: Vestígios não Registrados na História. Tese de Doutorado em Educação UFSC. Florianópolis: 2008. Disponível em: <<http://www.ronice.cce.prof.ufsc.br>>. Acesso em: 3 jul. 2024.

STRÖBEL, Karin Lilian. História dos surdos: representações “mascaradas” das identidades surdas. p. 18-37. In: QUADROS, Ronice M; PERLIN, Gladis (Orgs.). **Estudos Surdos II**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

THE COMPLETE PYTHAGORAS. Disponível em: <<https://ia800704.us.archive.org/31/items/CompletePythagoras/CompletePythagoras.pdf>>. Acesso em: 2 jul. 2024.

BÍBLIA. Português. CNBB. 2008.; CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Bíblia Sagrada**: tradução da CNBB com introduções e notas. Brasília, DF: Edições CNBB, São Paulo, SP: Canção Nova, 2008.

TOTH, Tihamer. **O moço de caráter**. Petrópolis: Vozes, 1962.

QUADROS, Ronice M; PERLIN, Gladis (Orgs.). **Estudos Surdos II**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

VELOSO, Éden; MAIA FILHO, Valdeci. **Aprenda LIBRAS com eficiência e rapidez**. v.1. Curitiba: Mãos Sinais, 2009.

LIMA PINHEIRO, Daniele Ventura de; ADAM, Julio Cezar; PUNTEL, Clairton; SILVA, Marinilson Barbosa da. (Orgs.). **Educação, espiritualidade e desenvolvimento socioemocional** [recurso eletrônico]. Dados eletrônicos. João Pessoa: Editora UFPB, 2023. Disponível em: <https://beatitude.com.br/wp-content/uploads/2024/01/Regulacao-emocional_Puntel_Adam.pdf>. Acesso em: 5 jul.

VILHALVA, Shirley. **Despertar do silêncio**. [S/L]: Editora Arara Azul, 2004. Disponível em: <<http://www.Librasgerais.com.br/materiais-inclusivos/downloads/Despertar-do-Silencio.pdf>>. Acesso em: 5 jul. 2024.

WALKER, Williston; NORRIS, Richard A.; LOTZ, David W.; HANDY, Robert T. **História da Igreja Cristã**. 3. ed. São Paulo, SP: ASTE, 2006.

WERNET, Monika; MELLO, Débora Falleiros de; AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. Reconhecimento em Axel Honneth: contribuições à pesquisa em saúde. **Texto & Contexto - Enfermagem**, 26(4), 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0104-070720170000550017>>. Acesso em: 2 jul. 2024.

WRIGLEY, Oliver. **Política da Surdez**. Washington: Gallaudet University Press, 1996.

ANEXO 1: PROSPECTO CASA DA ESPIRITUALIDADE

Esta pesquisa bibliográfica tem o intuito de ampliar o conhecimento sobre a pessoa surda, sua história, seu contexto histórico-espiritual, sua forma de comunicar com o Divino ...

Com base nestes conhecimentos quer apresentar possíveis características espirituais e pastorais para a Igreja Católica junto à Comunidade Surda, bem como, para outras pessoas com deficiência.

O símbolo da casa da espiritualidade perpassará toda a pesquisa, como uma forma visual, favorecendo que as pessoas surdas sintam-se convidadas a entrar em seu habitat sagrado, conforme Paulo exorta: "Acaso não sabeis que sois santuário de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?" (1 Cor 3, 16).

Neste movimento pedagógico desenvolve-se uma Liderança Servidora: articuladora de eventos interiores, compassiva e contemplativa crítica

Casa da Espiritualidade





COMO SERIA A ESPIRITUALIDADE PARA A PESSOA SURDA?

Cada intuito na construção de conceito e vivência desta espiritualidade será precedida da forma mais visual possível e com a participação da Comunidade Surda. Logo, os símbolos serão muito importantes neste processo.

A pesquisa propõe a composição de um ambiente físico visual através da simbologia de uma mesa espiritual articulada em três partes: **MEMÓRIA, COMUNICAÇÃO E MOVIMENTO DO SILÊNCIO.** É unidade e comunhão.

Em cada mesa, um símbolo referencial:

Memória - **PALAVRA**
 Comunicação - **PÃO**
 Movimento do Silêncio - **ÁGUA e VINHO**

Ao redor destas mesas deve haver, estudo, esclarecimento de dúvidas, troca de aprendizados em comunicação acessível, cultural e espiritual.

Como deve ser este espaço físico-espiritual acessível?

- ser reconhecida como uma Comunidade Eclesial Missionária para Surdos, vinculada a uma Paróquia;
- sala com iluminação indicando introspecção/ respiração/celebração;
- um piso que reproduza vibração dos movimentos e canções;
- projetor de imagens para auxiliar na composição do sentido do rito, do silêncio e das vivências;
- tela de projeção com tamanho que alcance a visualidade até mesmo dos surdos com baixa visão;
- sistema de som que acentue os sons graves e a vibração no ambiente;
- cadeiras com disposição circular;
- outros detalhes que estimulem os sentidos do corpo humano: olfato, visão, tato e paladar;
- a mesa e os símbolos espirituais são flexíveis e movimentáveis no espaço;
- toda comunicação ser em 100% libras,
- neste ambiente os intérpretes participam das vivências e aprendizados;
- os ministros que presidem ou conduzem as celebrações e/ou vivências espirituais tenham fluência em libras.
- estar a serviço da Igreja Local;







Faculdades EST
 Estudante do Mestrado Profissional em Teologia
 Linha de atuação:
 Leitura e Ensino da Bíblia
Celia da Costa Santos
 São Leopoldo/RS

Proposta da Espiritualidade para a Comunidade Surda na Igreja Católica



Como as pessoas surdas sentem Deus?

Como a Igreja Católica, enquanto Povo de Deus, pode ser um espaço para a Comunidade Surda experimentar Deus?

